



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Ana Alice da Silva Pereira

Discursos acerca do corpo envelhecido e percepção de si no romance

Memórias de minhas putas tristes

UBERLÂNDIA

2017



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Ana Alice da Silva Pereira

Discursos acerca do corpo envelhecido e percepção de si no romance
Memórias de minhas putas tristes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Caio César Souza Camargo Próchno

UBERLÂNDIA
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- P436d
2017 Pereira, Ana Alice da Silva, 1989
 Discursos acerca do corpo envelhecido e percepção de si no romance
 Memórias de minhas putas tristes / Ana Alice da Silva Pereira. -
 2017.
 127 p.
- Orientador: Caio César Souza Camargo Próchno.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
 Inclui bibliografia.
1. Psicologia - Teses. 2. Psicologia aplicada - Teses. 3. Análise do
 discurso - Teses. 4. Corpo e alma na literatura - Teses. I. Próchno, Caio
 César Souza Camargo. II. Universidade Federal de Uberlândia.
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Ana Alice da Silva Pereira

Discursos acerca do corpo envelhecido e percepção de si no romance

Memórias de minhas putas tristes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Caio César Souza Camargo Próchno

Banca Examinadora

Uberlândia, 22 de fevereiro de 2017

Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargo (Examinador)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dra. Flávia Andrea Rodrigues Benfatti (Examinador Suplente)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA

2017

AGRADECIMENTOS

Gostaria de primeiramente agradecer a minha mãe Ana e meu marido Rodrigo, eles que são meus maiores incentivadores e sempre tiveram plena confiança na minha capacidade, mesmo, e principalmente, quando eu mesma tinha dúvidas.

Agradeço aos professores membros da minha banca, Marisa, Fábio e Flávia, que me acompanharam também na qualificação e sempre estiveram à disposição para contribuir com meu trabalho. Acredito que muito do olhar que consegui desenvolver foi influência deles, e sou muito grata por isso.

Agradeço ao meu orientador Caio pela parceria de trabalho.

Não posso deixar de agradecer também minha orientadora da graduação Vilma, que trabalhou comigo durante quase toda a faculdade e me mostrou os caminhos da pesquisa. O despertar do meu interesse pelo campo da pesquisa se deve à ela.

Agradeço aos tantos amigos que estiveram presentes nesse período, e cuja companhia aliviava o peso das dificuldades. Sinto a necessidade de nomear alguns que foram imprescindíveis nesse processo por oferecerem suporte e auxílio em momentos decisivos. Alguns são amigos de longa data, e outros apenas algumas das belas surpresas encontradas na pós-graduação. São eles: João Paulo, Silvia, Jamille, Bethânia, Felipe. Também devo um agradecimento especial a todos do meu grupo de pesquisa Gpea.

Agradeço a todos os colegas e professores com que tive contato nesse tempo, que muitas vezes ofereceram considerações valiosas.

E como não poderia deixar de ser, agradeço o amor e companhia de meus três gatos, Mimi, Meg e Mila, companheiros fiéis do que de outra forma teria sido uma escrita solitária.

Na verdade, ainda seriam muitos os agradecimentos, pois a escrita de uma dissertação não é trabalho que se faz sozinho, e só é possível quando se tem o suporte necessário para o desenvolvimento. E nesse sentido tenho mesmo muito a agradecer por ter sido tão afortunada.

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?

Roland Barthes

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sob a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O objeto de estudo deste trabalho é o romance *Memórias de minhas putas tristes*, último trabalho de ficção do colombiano Gabriel García Márquez. A partir do romance, o objetivo é analisar os discursos acerca do corpo e percepção de si. A concepção de corpo trabalhada, aliada à percepção de si, remete a um entendimento de corpo distinto daquele modelo cartesiano, que prega pela divisão entre alma e corpo, e que funda o sujeito em uma dualidade intransponível; o modelo teórico seguido aqui é o que preza por uma existência e apreensão do mundo que passa, impreterivelmente, pela via da corporalidade: tornar-se sujeito requer a experiência de um corpo. No caso do romance, o corpo de que se trata é um corpo envelhecido, com todas as particularidades que se deve atribuir a essa etapa, visto que o narrador protagonista (não nomeado) inicia sua fala justamente pontuando que aquele dia seria a véspera de seus noventa anos. Nessa perspectiva, foram observados quatro eixos discursivos que envolvem o corpo, juntamente com as áreas de conhecimento a eles ligado: o primeiro, intitulado *Do exame biológico dos corpos*, se vincula à medicina e à área da saúde para analisar as posições e práticas que conferem legitimidade para postular critérios de normalidade referentes ao sujeito; o segundo, *Do estranhamento frente à própria imagem*, se pauta na psicanálise para discutir a imagem que o indivíduo faz de si a partir de sua própria percepção e de sua relação com seu entorno, pela relação com os outros e com os espaços que ocupa; o terceiro, *Da virilidade como organizador da sexualidade e da identidade*, trata principalmente da incerteza da potência fática, o que provoca o questionamento da sexualidade e de seu estatuto como homem, e evoca uma relação com os estudos de gênero; por fim, *Do poder como mecanismo de controle sobre os corpos*, está atrelado às questões da biopolítica e visa perceber de que forma o trabalho e as exigências de produtividade regulam as práticas, além de outros mecanismos de gestão da vida. É possível reconhecer que o corpo velho é relegado a um lugar fora da norma, marcado por não corresponder às expectativas de um sujeito inserido adequadamente na cultura. No entanto há também práticas de resistência que rejeitam tal atribuição, e que são percebidas nas práticas do sujeito que de alguma forma renegam o papel que tentam lhe impor.

Palavras-chave: corpo; discurso; subjetividade; literatura

ABSTRACT

Discourses regarding body and self-perception in the novel *Memories of my melancholy whores*

The target of this study is the novel *Memories of my melancholy whores*, the last work of fiction of the Colombian Gabriel García Márquez. Through the novel, the goal is to analyze discourses about body and self-perception. The chosen conception of body here, aligned with self-perception, relates to an understanding of body different from that of the Cartesian model that postulates a division between body and soul, as if the subject were created in an unsurmountable duality; the theoretical model followed in this study seeks for an idea of existence and apprehension of world that, inescapably, goes through the route of corporality: becoming a subject requires body experimentations. In this novel it is portrayed an aged body, with all its particularities, since the narrator, who is also the main character (not named), begins the story on the eve of his ninety-year-old birthday. Within this perspective, four discursive axis relating to the body have been observed along with their correspondent fields of knowledge. The first one, entitled The biological exams upon the body, is tied to medicine and health sciences, and analyzes the positions and practices that legitimates the establishment of criteria of normality referring to the subject; the second one, Awkwardness regarding self-image, is based on psychoanalysis and discusses the image the individual makes of himself through his self-perception and contact with the environment, considering his peers and the spaces he joins; the third one, Virility as a sexuality and identity component, relates mostly to the uncertainty of the phallic potential, which leads to questioning about sexuality and status as a man, and it is linked to gender studies; finally, Power as a body control mechanism, relates to bio political issues and seeks to perceive how work and productivity requirements regulate practices, besides other ways to manage life. It is possible to recognize that the aged body is brought to a place beyond standard, featured for a non-correspondence to culture expectations. However, there are also resistance expressions that reject this attribution, perceived in the subject's practices that somehow deny the role that is brought upon him.

Key-words: body; discourse; subjectivity; literature

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	6
ABSTRACT	7
1. POR UM CERTO CONTEXTO	9
2. INTRODUÇÃO	12
2.1 Psicanálise e Literatura: questões teóricas e metodológicas	15
2.2 O estatuto do corpo	26
3. DO EXAME BIOLÓGICO DOS CORPOS	37
4. DO ESTRANHAMENTO FRENTE À PRÓPRIA IMAGEM	58
5. DA VIRILIDADE COMO DISPOSITIVO ORGANIZADOR DA SEXUALIDADE E DA IDENTIDADE.....	80
6. DO PODER COMO MECANISMO DE GERENCIAMENTO DOS CORPOS	100
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
8. REFERÊNCIAS	124

1. POR UM CERTO CONTEXTO

Antes de iniciar o trabalho, aproveito este espaço para, em um relato mais pessoal e em primeira pessoa, apresentar brevemente o caminho que me trouxe até aqui. Início a graduação em Psicologia na Universidade Federal do Triângulo Mineiro em 2009, e já no ano seguinte passo a fazer parte do projeto de extensão Universidade Aberta à Terceira Idade -UATI. As UATIs, difundidas em maior profusão por todo o país a partir dos anos 90, têm a proposta de abrir lugar nas universidades para a população idosa, comumente relegada das propostas educacionais ou de espaços de convivência com os jovens. Cada universidade tem seu próprio modelo de formatação do projeto, em que algumas oferecem aos idosos vagas nas disciplinas regulares de graduação, outras ofertam um curso específico, há variações na frequência das atividades. Em comum, há a concepção da necessidade de reafirmar o lugar desses sujeitos nos espaços sociais, ao invés de restringi-los à vida familiar ou aos cuidados institucionais asilares.

Continuei no projeto durante todo o tempo seguinte de graduação, e foi essa uma das atividades que mais satisfação me trouxe dentre todas as desenvolvidas. A grande surpresa, para mim e os outros membros do meu grupo, não foi bem a oportunidade de oferecer novos conhecimentos a eles, mas o contrário: o quanto era inestimável o valor do que era compartilhado por eles quando falavam de si. Não demorou para que percebêssemos que a escuta desses idosos nos traria um insight sobre sua condição de sujeitos que teoria nenhuma seria capaz de informar. Um dos encontros mais interessantes que tivemos foi justamente o que discutimos sobre o corpo, e em troca recebemos suas falas de como se percebiam agora em relação aos anos de juventude, quão confortável era a relação com o próprio corpo e como eles se significavam em virtude da visão deles que os outros ao redor iam formando.

Mais à frente, em projetos e estágios clínicos, participei de alguns grupos terapêuticos voltados especificamente para pessoas acima de 55/60 anos, e novamente compreendi a riqueza da experiência a que estava tendo acesso. O contato frequente com esse grupo de indivíduos foi marcante na minha formação, como também o foi meu interesse por disciplinas, cursos e eventos na área de literatura, embora naquele momento eu ainda não trabalhasse o texto literário como fonte de pesquisa.

A escrita do projeto de mestrado e a escolha do tema alia esses dois pontos. O primeiro, a chance de prosseguir com algo que me despertava profundo encanto: a escuta do sujeito envelhecido. A novidade pra mim foi perceber que essa escuta poderia ser feita na cultura e na arte, pela compreensão de que um sujeito não se forma sozinho, ele se constitui em diálogo com a comunidade a que pertence. É a partir dessa constatação que pude realizar o desejo antigo de explorar a possibilidade da literatura como pesquisa.

Durante a realização do mestrado, vi a necessidade de, além do estudo das concepções teóricas que deveriam ser aprofundadas na pesquisa, buscar um entendimento mais aprofundado do texto literário. Com essa proposição em mente, me uni a grupos de estudo e pesquisa e me inscrevi como aluna especial em disciplinas de outros departamentos da área de humanas, buscando com isso entender melhor a natureza do método do que estava me propondo a fazer.

Em decorrência disso, o que se dá é uma grande contaminação, no melhor sentido possível, especialmente em virtude do contato com a teoria literária e a análise do discurso. Minha pesquisa tem contribuições significativas dessas áreas, e claro, da psicologia, tornando-se um trabalho de certa forma híbrido. Não se trata de um trabalho que pertence absolutamente a nenhuma dessas áreas, nem mesmo à área do programa em

que ele de fato está inserido; trata-se de um entre, conteúdo de certa dificuldade de classificação que se forma nos interstícios do contato entre essas áreas afins.

Penso que o resultado não poderia ser diferente. Acredito que este texto final reflete muito do meu caminho como pesquisadora, e de que forma foi possível me apropriar das teorias para conceder sentidos ao mundo.

2. INTRODUÇÃO

O trabalho que será apresentado a seguir foi desenvolvido no programa de pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia, na linha de pesquisa intitulada Psicanálise e cultura. A constituição da presente linha é feita partindo da concepção de que a expressão dos fenômenos subjetivos e psíquicos não é exclusividade do contexto clínico, e que esses não só se manifestam em espaços diversos como também se constituem em relação à cultura e à alteridade. É evidente que os sintomas emergentes em cada período carregam marcas do contexto que possibilitou sua formação; basta pensar nas históricas da Europa vitoriana de Freud ou numa reafirmação do investimento narcísico que Fernandes (2011) compreende como marca do contemporâneo e que germina em distúrbios da imagem e do corpo.

É nesse contexto que se justifica voltar o olhar na direção dos produtos da cultura como forma de apreensão do sujeito, pela noção de uma formação indissociável do sujeito perante a coletividade que o forma. Foi feita a escolha pelo diálogo com a literatura, expressão artística em que, assim como na prática clínica, há um grande poder depositado na palavra, e essa palavra que é para ambos um convite para a produção de sentidos. Sobre isso, cabe lembrar Freud (2012/1919) quando reconhece na ficção terreno bem mais vasto de emergência do inquietante do que seria possível na vida cotidiana, visto que a narrativa literária possui a liberdade de trabalhar com conteúdos que seriam imateriais na realidade prosaica. A literatura apresenta então uma distinção marcante em relação ao mundo concreto: nela, sua validade não está sujeita a um teste de realidade.

A obra selecionada como objeto de estudo foi o romance *Memórias de minhas putas tristes*, do autor colombiano Gabriel García Márquez, que é publicado pela primeira

vez em língua hispânica em 2004, e em 2005 no Brasil, traduzido por Eric Nepomuceno. O exemplar estudado aqui data de 2008, 18ª edição publicada.

Trata-se de uma narrativa contada em primeira pessoa por um narrador protagonista não nomeado, que relata logo ao início do texto que o dia em que fala é véspera de seu aniversário de 90 anos, e que pela solenidade da data, decide presentear a si mesmo com uma noite de amor louco com uma adolescente virgem. Naquela mesma noite segue até o bordel de Rosa Cabarcas, de quem é amigo e cliente de longa data, para o ansiado encontro. No entanto, encontra a menina adormecida e falha em acordá-la; acaba por observá-la dormir nessa e em muitas outras noites que virão, onde decide por falta de conhecimento de seu nome referir-se a ela como Delgadina.

O narrador é crítico musical e cronista, e todos os domingos, desde muito tempo, entrega sua crônica semanal para publicação no jornal. Sua ocupação já diz muito da matéria de tantos de seus pensamentos e angústias: a questão do tempo. A crônica se caracteriza por uma narrativa curta, de caráter jornalístico e que trabalha fatos do cotidiano. Esse texto, publicado semanalmente, em um jornal de impressão diária, o incita a continuamente voltar-se à sua atualidade, suas transformações pessoais e compartilhadas, a fim de envolver o leitor na realidade que relata. Também a música traz uma íntima relação com o tempo, visto que os sons percebidos transcorrem da sucessão de vibrações sonoras no tempo: cada nota deve estar adequada a seu tempo. A proximidade com a escrita das crônicas e a apreciação de música erudita permitem que para ele, mais do que para os outros à sua volta, a efemeridade se torne substância palpável.

A narrativa se desenvolve principalmente em torno dos encontros com a menina adormecida e em sua dinâmica no trabalho de cronista, somado às relações que estabelece

com outras personagens e também as reminiscências de suas experiências pregressas. Voltando a questão de Freud (2012/1919) sobre o inquietante expresso na ficção, o romance de Márquez traz marcas que podem ser significadas como expressões do inquietante. Pode-se sugerir que a narrativa é inquietante pelas experiências inesperadas do personagem, que é arrebatado por um amor nos moldes de um amor juvenil e também pelas suas elucubrações em torno da morte, que sugerem por vezes que ele se sente como em uma corda bamba, em que ao mesmo tempo se conforta da distância do seu fim e se apavora pela concretude de sua chegada.

O texto de Freud é ainda um dos primeiros a abordar temas do que hoje é referido por literatura fantástica. O romance estudado não se enquadra na definição clássica de Todorov (2014) sobre o fantástico, que requer a presença do sobrenatural e a hesitação entre uma explicação dessa natureza ou outra possível no mundo natural. No entanto, é possível reconhecê-lo como expressão do que as correntes contemporâneas de estudo da temática compreendem por insólito (Covizzi, 1978), em que a situação pronunciada não se enquadra no sobrenatural, mas se firma como experiência infame, inaudita, inusitada, incongruente ou inverossímil.

Ao fim dessa breve apresentação, há a necessidade de reportar e discutir questões referentes ao trabalho nessa perspectiva do encontro entre Psicanálise e Literatura, destacando o posicionamento que guia o trabalho desenvolvido. Ao fim disso, segue a fundamentação teórica referente ao objetivo delineado no estudo, que é o de apresentar e discutir os discursos acerca do corpo e percepção de si presentes no romance *Memórias de minhas putas tristes*.

2.1 Psicanálise e Literatura: questões teóricas e metodológicas

Sobre a psicanálise, Fabio Hermann (2004) relata que como ciência, esta se ocupa de investigar o sentido, quer seu objeto de estudo seja o indivíduo, os grupos, a sociedade ou as produções culturais, utilizando a interpretação psicanalítica como seu método de investigação. A partir disso ele aponta que, diferente de como se opera em outras ciências, a psicanálise não se ampara na exatidão científica de protocolos e estatísticas, pois supõe que há coisas que não podem ser quantificadas, como é o caso do psiquismo. Nesse sentido, Fulgencio (2013) discute que a pesquisa em psicanálise deve aspirar não à formulação de um entendimento completo e fechado sobre determinado fenômeno, mas tão somente à busca de ampliação da compreensão destes a partir da apropriação de seus sentidos possíveis.

Saфра (2013) relata que, a partir da compreensão da obra literária como fenômeno intersubjetivo, é possível compreender suas significações a partir do método psicanalítico, sendo isso possível não só em relação à literatura, mas também a outros fenômenos humanos mediados pela linguagem. Nesse contexto, Candido (2006) discute que, evitados os reducionismos psicológicos e sociológicos na apreensão da obra, constitui-se um movimento dialético em que o texto não só traz contribuições do meio em que se insere, possibilitando seu surgimento, como também altera esse mesmo meio. A literatura, para esse autor, é influenciada pelo meio que a produz e também o influencia, mostrando a obra como possibilidade de acesso ao real. A partir disso, percebe-se como um estudo que volta seu olhar para a literatura é capaz de ampliar conhecimentos não somente acerca dos estudos literários, mas também em outros campos, como a sociologia e psicologia.

Leite (1967) reafirma a possibilidade do diálogo entre psicologia e literatura, sendo que mesmo que esta não tenha compromisso com a política, sociologia e afins, uma obra sempre inclui uma visão de mundo que é parte integrante de seu sentido, de forma que, mesmo que não tenha pretensão de fazê-lo, a literatura possibilita a discussão de um cenário individual e também social. Em consonância a isso, Barthes (2013) reconhece que a literatura assume variados saberes, e que ela, se constituindo como uma realidade própria, abriga um lugar indireto de acesso a todos eles. Ao trabalhar, como ele diz, nos interstícios da ciência, a literatura é ferramenta privilegiada de acesso a outros tipos de conhecimento.

Ademais, sendo ela parte da cultura de uma sociedade, a literatura pode ser clinicamente escutada ao tratar de uma subjetividade socialmente compartilhada (Cocentino, 2008). Dito isso, o campo com que se pretende dialogar neste estudo é justamente a literatura, a partir de sua possibilidade de representação das vivências e dramas humanos, e escolhida aqui como possibilidade de escuta do sujeito.

Sobre o encontro da Psicanálise e da Literatura, Villari (2000) aponta que embora sejam dois espaços de conhecimento próprios e distintos, há uma possibilidade dialógica entre elas, principalmente pela via que visa apreender a literatura como campo em que é possível resgatar conhecimentos acerca da subjetividade. Bartucci (2001) avalia as condições que possibilitam o surgimento de tais estudos. Por um lado, uma crítica literária que se desvincula da noção de um texto fechado e auto-suficiente, em que a produção de sentidos deve remeter somente ao próprio texto e desconsiderar qualquer exterioridade; por outro lado, se assim se pode denominar, uma crítica literária psicanalítica que se afasta da primazia das intenções do autor e dessa maneira abandona a postura patologizante que era comumente adotada. Amplia-se o conceito de texto e suas relações com o exterior, ao que se seguem questionamentos de ordem teórica e metodológica, tornando possível uma

revalorização da prática interdisciplinar e cultural. É a partir de tais posicionamentos que se funda uma relação que, na contemporaneidade, visa captar o modo como esses diferentes discursos se coordenam e se contaminam mutuamente.

O diálogo com a literatura se dará por meio dos pressupostos da Recepção, eleita pela compreensão de que tal posicionamento valoriza a pluralidade de sentidos e a relação do texto com a exterioridade que o forma. Com isso, e somado a contribuições de teóricos acerca da produção de sentidos na esfera artística e literária, busca-se explicitar as questões teóricas e metodológicas que guiam o desenvolvimento desse trabalho.

Como apresentado por Lima (2011), a noção de Recepção questiona os modelos de tradição hermenêutica usados na interpretação do texto, que até então se voltavam à intenção do autor ou à intenção do texto. A mudança proposta por esse paradigma vem do abandono do polo da produção como elemento chave para a análise da obra, voltando-se justamente ao polo da recepção, tendo o leitor como parte constitutiva do texto, um texto que não está pronto de antemão e só poderá se completar no momento da leitura.

Ainda pautado no mencionado autor, aponta-se que não há a busca por uma verdade unívoca sobre a obra, numa revelação definitiva de seu significado. O que há é a produção de sentidos, levando em conta principalmente o caráter polissêmico das palavras, que possibilita que elas se descolem de seu sentido usual e remetam a significações diversas. É o leitor que, no contato com a obra, se apropria dessas possibilidades em aberto e lhes confere sentido. Existe assim um leitor implícito no texto, do mesmo modo que toda mensagem supõe um destinatário. Iser fala em “estrutura apelativa” ao denotar uma presença interna, que existe no texto mesmo antes que surja um agente para concretizá-la pela leitura. Para ele, o efeito funciona como filtro que

permite agregar sentido ao indeterminado do texto, se diferenciando das experiências reais do sujeito mas ao mesmo tempo permitindo remeter a essas.

Nesse sentido, é possível estabelecer um diálogo com o conceito freudiano de transferência (2012/1912). Freud fala de um padrão de interação libidinal e afetivo que vai sendo desenvolvido pelo sujeito desde suas primeiras relações, com a presença de componentes conscientes e inconscientes, e que no contexto clínico se atualiza na figura do terapeuta. Pensando o trabalho com a Psicanálise como algo que não se restringe à clínica, essa relação transferencial também pode ser desencadeada no processo de leitura, produzindo uma interpretação que diz da obra mas que também diz do leitor; esse leitor diante do texto é, a um só tempo, intérprete e interpretado. É essa a proposta de trabalho de Moraes (2012), numa leitura psicanalítica em diálogo com a Recepção, em que a autora visa interpretar não a obra, mas a sua própria experiência de leitura do texto literário.

O movimento da Recepção, como destaca Moraes (2012), é importante no trabalho de análise literária realizado pela Psicanálise, pois quebra uma tradição que comumente acabava por efetuar uma psicanálise do autor através de sua obra, buscando mesmo um diagnóstico psicopatológico por meio dos temas trabalhados, tal como se o autor mesmo estivesse em um divã, resultando numa análise que carecia de consideração sobre aspectos da ficcionalidade. Essa perspectiva põe a subjetividade do leitor em cena, elemento que não pode mais ser negligenciado em conformidade com a proposição de Gadamer (2008) sobre as ciências humanas da não separação entre sujeito e objeto e portanto impossibilidade de neutralidade do pesquisador.

Gadamer (2008) traz à tona questões importantes sobre o modo de produção de conhecimento nas ciências humanas, levantando a questão da neutralidade científica. O autor se posiciona criticamente em relação ao modelo positivista, que prega total

distanciamento do pesquisador de seu objeto de estudo como única forma de produzir conhecimento a partir da razão. Gadamer questiona esse distanciamento, produtor da almejada neutralidade, ao compreender que nas ciências humanas não é possível efetuar a separação entre sujeito e objeto; essa lógica tem sua influência na concepção de Recepção, e na pesquisa qualitativa nas ciências humanas ainda nos moldes de hoje.

Quanto ao mecanismo de apreensão dos sentidos no campo literário, é possível remeter também às considerações quanto à interpretação de sonhos na prática psicanalítica. Quando Foucault (2014a) afirma que é no sonho que os homens comunicam com a significação das coisas, e que assim se impressionam com essas palavras que vêm de outro lugar, abre-se o espaço para relação com algumas características da interpretação dos sonhos no contexto terapêutico. No sonho, vários conteúdos podem se condensar em uma só imagem; pela projeção, o indivíduo que é apresentado pode se referir a um outro; o indivíduo pode também aparecer como representação de diversos conteúdos; há, enfim, um caráter geral de distorção que é aplicado a todo o episódio. Assim, temos como regra geral de interpretação do sonho que o que é apresentado não deve ser imediatamente reconhecido por sua equivalência direta com os objetos e pessoas da realidade concreta. As imagens oníricas, mesmo que não pareçam distorcidas e representem claramente um certo objeto, não respondem ao sentido usual dado às coisas – de certa forma, não respeitam o consenso estabelecido. O sentido é nessa situação algo que, mesmo que possa parecer como algo dado, precisa ser construído na relação terapeuta – paciente e muitas das vezes não se aproxima em nada do sentido usualmente atribuído às coisas (Freud, 2008/1900).

Ao produzir um modelo de interpretação sob a ótica da similitude ao invés da semelhança, Foucault (2014a) nega a lógica que supõe a existência do primeiro, original, do qual todos os seguintes seriam cópias, e, como cópias, menores em sua significância.

A partir da similitude, configuram-se séries de repetições que podem ser percorridas em um sentido ou em outro, propagando-se pela adição de pequenas diferenças e sem estabelecer qualquer hierarquia que mensure sua importância. No âmbito da crítica literária, o posicionamento de Foucault dialoga com a proposição de Borges (1989) ao afirmar que cada escritor cria seus precursores, na medida em que muda a concepção de passado e a de futuro. Pode-se pensar que a escrita da obra inscreve numa série que, sem preocupação em eleger um original, não arquiteta uma hierarquia e pode assim ser percorrida em qualquer direção; série essa que se configura por obras que, sem distinção de importância, refletem aspectos umas das outras, numa operação que tende ao infinito.

Frente a isso, Rancière (2012) traz reflexões pertinentes no sentido da valorização da experiência que se estabelece tendo a obra como ponto de partida. O autor propõe um modelo de compreensão em que autor e receptor estejam diante de um terceiro elemento do qual nenhum deles é proprietário: a obra. Nessa dinâmica, não há correlação entre causa e efeito justamente porque não há finalidade, a obra não segue um propósito pré-estabelecido que deve se realizar pela interpretação. Essa lógica não trabalha mais com a necessidade de conhecimento da causa para apreciação do efeito, o que não quer dizer que a partir disso nada pode ser dito sobre a arte, mas sim que o que pode ser dito não deve obrigatoriamente realizar um resgate da tradição. Desse modo, a interpretação e a apreciação estética da arte não precisa estar ligada à retomada da tradição, e a partir disso, inúmeras perspectivas são possíveis, sem que haja qualquer hierarquia de importância de uma sobre a outra.

As proposições teóricas de Foucault, bem como as de Rancière, são de fundamental importância para o desenvolvimento visado neste estudo, mas é preciso esclarecer que há uma divergência no posicionamento adotado por esses autores e no ponto de vista adotado no trabalho no que diz respeito à relação da arte com a

representação, questão que será esclarecida a seguir. Da mesma maneira, a questão da intencionalidade postulada pela psicanálise não é compartilhada nesse estudo, visto que não há interesse em discutir o autor ou seu inconsciente ou mesmo buscar por algo que responda pela origem da obra literária.

Compagnon (1999), pontuando as possibilidades de a literatura se relacionar com o mundo que a cerca, constrói um detalhado caminho acerca das concepções de mimesis, culminando num momento em que dois entendimentos diametralmente opostos estariam em voga: de um lado a proposição da arte como representação da realidade, mesmo como sua finalidade, em que um mundo já dado é apropriado pela literatura, aproximando-se de certa forma à concepção aristotélica; por outro, a negação da ideia de representação, de modo que a literatura não permitiria conhecer o mundo porque, em última instância, diria de si mesma – o livro que não permite falar do mundo, só permite falar do próprio livro; é nessa corrente que se inserem Foucault e Rancière, na perspectiva de uma quebra da representação. Nesse embate, alguns teóricos, como o próprio Compagnon, tecem posicionamentos mais conciliatórios, em que não se nega a representação mas busca-se uma reformulação na compreensão da mimesis. Desses, o posicionamento adotado parte das proposições de Ricoeur (1994), Derrida (2014) e Barthes (2013).

Ricoeur (1994), em seu modelo de tríplice mimesis, confere importância definitiva à receptividade do texto e, com isso, à compreensão de que os sentidos construídos por ele não estão dados, mas provêm do receptor que os elabora, e desse modo estarão sempre em aberto, atualizados pelas novas leituras que dele se realizam. O citado autor expõe também seu já presumido diálogo com as questões da Recepção e reafirma a impossibilidade de abolição da referência, visto que tal ato anularia qualquer possibilidade da literatura de atuar no mundo e de auxiliar em sua construção. Ricoeur aponta ainda que não há como endereçar o problema da comunicação sem com isso trazer

o problema da referencialidade, ou seja, se parte-se da proposta que a literatura diz algo, é também comunicação, não há então como negar que ela diz da realidade em que se insere. Essa referencialidade poética pode ser descritiva, logo direta, ou metafórica, indireta, de modo tal que permitiria elaborar sentidos que não seriam possíveis por apreensão direta, enriquecendo a visão cotidiana. Em vista disso, a mimesis em Ricoeur é, como descrita por Compagnon (1999), performativa, na medida em que exige a postura ativa do leitor em dar sentido ao texto e que se distancia da mimesis como mera representação do real, por apontar que a atividade criadora extrapola os limites da apreensão direta.

Derrida (2014), por sua vez, busca construir uma noção de mimesis que funciona em um movimento complexo e paradoxal de identificação e desidentificação, que ao se aproximar do real, ao mesmo tempo se afasta dele. Não se trata de imitação, visto que não seria possível que a escrita reproduzisse aquilo de que trata, uma vez que colocar em palavras já impõe uma distância: não há uma percepção direta e completa da realidade por meio da linguagem. Por outro lado, mantém-se um laço com a realidade circundante, visto que a legibilidade de um texto requer algum grau de relação com o mundo que o produz, de maneira que a abolição completa da representação não se faz possível na perspectiva desse autor. Utiliza-se dessa noção no entendimento do trabalho, numa visão de arte que não pode ser descrita como uma imitação, entretanto carrega sempre algo que remete ao real que possibilita seu surgimento. Ainda em relação a Derrida (2014), cabe destacar, em consonância quanto ao que foi pontuado anteriormente, a caracterização da obra em termos de singularidade e iterabilidade, ou seja, sua capacidade de se constituir como produção única mas também ser evocada em novos contextos, atualizando-se no evento de sua repetição.

Quanto a Barthes (2013), o autor também orienta seu pensamento no sentido de uma contradição sempre movente: ele discute a relação da literatura com a representação ao apontar que a literatura, desde a antiguidade, se orienta na tentativa de representação de algo, o real. Contudo, questiona essa busca ao mostrar que o real não é representável, mas unicamente demonstrável: não é possível traduzir a experiência por meio de palavras, e a literatura é possível exatamente nesse entrelugar, em que reconhece o delírio de seu propósito de adequar a linguagem ao real ao mesmo tempo que continua se guiando por esse desejo. Forma-se, assim, a imagem da narrativa literária que busca correspondência no real ao mesmo tempo que se afasta dele.

Retomando Rancière, essa visão da obra como terceiro elemento que não pertence a nenhum dos dois polos remete à questão da morte do autor, presente em Barthes e em Foucault, de forma distinta, como aponta Cavaleiro (2008). Ao postular a morte do autor, em 1967, Barthes busca romper com a tradição biográfica e histórica de crítica literária, em que o fator determinante na atribuição de sentido de uma obra repousa na figura do autor e que ao receptor restava buscar desvendar o mundo interior e as intenções do escritor. Barthes compreende que para resgatar o devir da escrita é preciso inverter a equação: proporcionar o nascimento do leitor com consequente morte do autor. Por sua vez, Foucault leva essa questão a uma esfera do discurso, ao apontar que o discurso não é fruto de uma individualidade, mas sim de suas condições históricas, sociais e ideológicas de produção, que permitem que tal coisa seja dita ao invés de outra. Não há a noção usual de sujeito, e sim de sujeito discursivo, quando do momento de proferimento do discurso (Foucault, 2014b).

A perspectiva da obra, ou manifestação artística de qualquer natureza, como um terceiro elemento que se coloca entre autor e espectador/receptor e que não é pertencente a nenhum possibilita retomar o diálogo com o conceito de transferência psicanalítica

como descrito anteriormente. Tendo em foco o caso específico da literatura, a leitura da obra permite a criação de um campo transferencial, partindo da Teoria dos Campos de Hermann (2005), em que o conhecimento não está presente de antemão em nenhum dos pólos e só pode ser produzido no entre, nessa intercorporeidade que se instala no contato da experiência artística, semelhante ao que se desenvolve na clínica. A interpretação tem potencial criador nesse contexto, mesmo que traga a emergência do igual, no que cabe lembrar Freud que em “Recordar, repetir e elaborar” (2012/1914a) estabelece o movimento de emergência do mesmo como manifestação da pulsão libidinal na tentativa de produção de sentido – a repetição do trauma tem o potencial de produzir sentido e consequentemente levar à sua elaboração.

Moraes (2012), tratando especificamente da interpretação de sonhos no contexto clínico, relata que a soberania do analista intérprete já havia sido abandonada. O sentido seria dado pela dupla, retomando a perspectiva do campo transferencial e se consolidando na intercorporeidade paciente – terapeuta. Por outro lado, Freud (2012/1914b), em um texto que ensaia uma análise do Moisés de Michelangelo, reflete que o efeito produzido pela obra deve ser a concretização da intenção de seu autor, mas logo se questiona: “Teria o mestre realmente deixado na pedra uma inscrição tão vaga e ambígua, que possibilitasse leituras tão divergentes?” (Freud, 2012/1914b, p. 380). Com isso, o paradigma eleito permite pensar uma interpretação que, seja na clínica ou na arte, não busca a soberania de análise nem no autor e nem no receptor, mas como um conhecimento que só poderá exercer sua potencialidade por meio da relação. O texto literário entendido justamente como essa inscrição ambígua, ainda que respondendo a seus limites de interpretação, e que na relação transferencial com a leitora possibilitará a produção de sentidos vários.

É preciso pensar algumas considerações práticas na metodologia desta pesquisa ao se considerar a pluralidade de perspectivas não organizadas hierarquicamente entre si.

Isso remete aos limites deste estudo, que não pode ter a pretensão de apreender a verdade e a essência do objeto e nem da experiência estética. O que é possível oferecer é o delineamento de uma perspectiva, que somada a outras possibilidades pode ampliar a compreensão sobre o tema em foco. Permitir que a construção do conhecimento se dê pela leitura do texto, numa relação transferencial, não possibilita antecipar o resultado do encontro. Com isso, pode ser que a apreensão dos dados refute a bibliografia sobre o tema, contrariando-a, ou pode ser ainda que o que emergja de forma significativa na relação não seja o objeto buscado em primeiro lugar. Nesse caso, o que deve prevalecer é o que se constrói no entre da obra, mesmo que isso signifique a não previsibilidade e controle por parte do pesquisador frente a seu objeto.

Por fim, é preciso também demarcar que não há um interesse em questionar a veracidade ou, como já dito, a intencionalidade, posto que a obra literária será trabalhada em seu caráter de ficcionalidade. Nesse sentido, é pertinente a contribuição de Ricoeur (1994) quando discute sobre a construção narrativa que se dá no contexto clínico da psicanálise, em que o paciente traz os fragmentos de sua existência, presentes em suas vivências, sonhos, lembranças e sintomas, e que, a partir disso, na relação com o analista, procede-se com a construção de uma narrativa, preenchendo as lacunas que se apresentam. Da mesma forma, discute Ricoeur, os textos quer pertencentes à literatura, quer pertencentes à História, utilizam-se de fragmentos do real, vestígios, e promovem um trabalho ficcional ao preencher as lacunas, visto que nenhum registro seria capaz de remontar fielmente a realidade. Assim, interessa no contexto deste trabalho a compreensão da narrativa, detalhando sua forma de construção e a maneira como nela se mostram as questões a que se direciona o olhar da pesquisadora.

2.2 O estatuto do corpo

A proposta deste trabalho é investigar os discursos sobre o corpo e a percepção de si na obra *Memórias de minhas putas tristes* (2008), a partir das colocações do narrador protagonista, não nomeado na obra. A psicanálise trará contribuições quanto ao entendimento de questões metodológicas, como citado anteriormente, mas será nessa etapa considerada como mais um dos discursos que atravessa o sujeito, e que poderá, assim como os demais discursos apontados, apresentar divergências quanto ao discurso sobre si que é formulado pelo sujeito ficcional. A percepção de si e do corpo construída no contexto eleito é aquela referente ao corpo envelhecido, visto que a narrativa se inicia com as considerações do personagem às vésperas de seus 90 anos.

França (2009) relata a presença em muitas religiões tradicionais da questão da separação entre corpo e alma, atestando um sujeito que se constituiria como duplo em sua natureza. O tema do duplo, ainda de acordo com o autor, remete a todo modo de desdobramento do ser, em que o duplo mantém uma identificação com o outro mas desenvolve a partir dele uma existência autônoma. O duplo se apresenta como simulacro e tem seu valor completamente atrelado ao modelo de que se diferencia. É interessante pensar a relação entre corpo e alma sob o viés do duplo na tentativa de apreender o modo como o corpo é tratado em segundo plano nessa tradição, sempre em detrimento da alma: é a alma, o pensamento que possui valor por si, e a corporalidade, tal como um duplo, tem sua importância como ancoragem desses processos psíquicos. Há claramente uma separação, na medida em que o sujeito é interior, pois sua formação identitária ocorre na mente, e o corpo, em sua função unicamente de materialidade sustentante, não participa de tais processos.

Vigarello (2016) procede com uma retomada histórica da percepção do corpo e confirma uma longa tradição que desvincula a interioridade do corpo como materialidade, privilegiando a mente e os chamados sentidos externos (visão, tato, olfato, paladar, audição) como forma de perceber a exterioridade do mundo. Os sentidos têm o propósito de percepção dos objetos, enquanto as sinalizações originadas do orgânico e a representação interior do corpo é negligenciada, sendo pouco noticiadas e atribuídas de significação pelo sujeito. A tradição cartesiana, que ancora a racionalidade como um todo no pensamento, postula um “penso, logo existo” alheio aos sentidos; o sentimento de existência abstém-se da corporalidade. As mensagens oriundas do corpo não são componentes da constituição do sujeito nessa tradição.

Há ainda uma formulação do autor na apresentação desse pensamento que mostra a noção do corpo como um alhures, um outro ao qual o sujeito se reporta e que se reporta ao sujeito. O corpo é espaço diferente do próprio sujeito, visto como “casa, habitáculo, torre ou prisão” (Vigarello, 2016, p. 51), sustentáculo que, como um muro, compete proteger a alma ou espírito que não pode ser encontrado senão no interior. Não há simbiose possível com o corpo, sede das percepções, e a alma, visto que esse corpo possui apenas realidade exterior, e como tal, instaura uma distância em relação à interioridade que não pode ser transposta.

O autor supracitado relata também que ainda no século XVII, anterior à mudança de paradigma, as moléstias dos melancólicos, as ilusões do corpo e mesmo percepções de algum tipo de metamorfose corporal (relatos como o de um homem que acreditava experimentar seu corpo transformado em manteiga!) eram atribuídas a imaginação ou a forças sobrenaturais, como o diabo, retirando o corpo da problemática em questão. As percepções corporais e o sentimento advindo das transformações não alterava em

absoluto a identidade da vítima de tais sensações, posto que o interior está imune aos desarranjos do corpo.

Vigarello (2016) atribui às Luzes, no século XVIII, a mudança de pensamento que, a partir do interesse pelo sensível e proposta de emancipação pessoal, lança as bases para um investimento na experimentação do corpo. O paradigma cartesiano do “penso, logo existo” cede lugar a uma valorização da experiência e passa a se traduzir em um “sinto, logo existo”. Vigarello aponta esse como o primeiro contexto em que se percebe que a maneira de experimentar o corpo afeta a experiência de si mesmo. A existência deve então passar pela via da corporalidade, ausente até o momento. Esse processo de transformação do pensamento que se instala promove uma gradual desvinculação da identidade com a ideia de alma e se aproxima, visivelmente pelas expressões que passam a ser utilizadas a partir de então, a uma proposta de experiência da existência e sentimento de si. Tal visão é reforçada no início do século XX por influência de Freud e Proust, que atribuem estatuto psicológico às sensações advindas do corpo, inaugurando um corpo que atua como representação, local de inscrição de conflitos e afetos.

Pode-se reconhecer no século XVIII o aparecimento de nova curiosidade sobre as percepções, em que o interesse recai sobre as sensações, o percebido, e passa a afastar o sobrenatural e o divino de suas explicações para implicar o corpo que as vivencia. Corpo que vai sendo sentido como existência. Também merece destaque o advento da eletricidade, que permite abandonar as justificativas em torno da noção de humor e compreender o nervo como organizador da economia animal. A dor, vinculada aos nervos, remete então mais intimamente à pessoa e traz a necessidade de uma observação do próprio corpo a fim de identificar os males e a desordem. É reforçado o interesse pelas sensações internas (Vigarello, 2016).

Vigarello (2016) remete a Diderot, em 1769, que em sua obra trata das ilusões corporais experienciadas durante o sonho. O imaginário que se faz presente durante o sonho permite evocar e transfigurar os limites do corpo, e com isso, vai se formulando o conceito do modo de percepção do corpo como fundamento do modo de percepção de si. Desvencilha-se da tradição dos sentidos, que volta a percepção ao exterior, visto que se forma a imagem do corpo como um “si” que convida à experimentação. Diderot não limita suas proposições aos estados oníricos, estende-as também para situações cotidianas. Configura-se assim uma nova maneira de vivenciar a individualidade e de expressar as sensações que perpassam o corpo. A comunicação que se trava é nesse contexto com o interior, o orgânico, as impressões que tem origem no dentro. A evocação dessas impressões é que constitui o “si”, não sendo mais necessário fazer uso da ideia de “alma” ou “pensamento” para caracterizar a existência, como pode-se notar na passagem:

A presença do corpo muda aqui de estatuto: não mais acompanhante, contingente, não mais ‘paralelo’ ou ‘oposto’ a um ‘eu’, mas ‘fecundante’, vicejante, surpreendente, um todo que envolve totalmente a pessoa (...). Pela primeira vez, o indivíduo se experimenta circunscrito ao espaço de seu corpo e tenta evocar diretamente suas consequências: existir seria em primeiro lugar viver um ‘estado’ orgânico, com suas ‘impressões’, confusões e efeitos imaginários, onde se inscreveria e viveria a identidade (Vigarello, 2016, p. 31-32).

O século XVIII é dessa forma decisivo para a constituição de uma noção de sujeito atravessada pela corporalidade e vista como unidade, em oposição ao modelo anterior a esse que expõe uma dualidade corpo – alma, fruto de uma dissociação insuperável entre os dois elementos. Não somente o século XVIII, mas em especial, Diderot, que como afirma Vigarello (2016) é o responsável por fabricar a expressão “o si”, que consegue desvencilhar-se da separação inscrita no uso de “alma”; vocábulo que permite agrupar o

diverso, a composição, a dispersão e que promove a centralidade da reflexão e do sensível, tornando-se instância que define o indivíduo, sua interioridade e sua capacidade reflexiva e perceptiva. Remeter-se ao sujeito, nessa perspectiva, não requer voltar-se a uma moral ou a um espírito, mas a uma vinculação absoluta do corpo ao modo de pensar e perceber: este “si” instala a concepção de uma existência que só pode se dar através do corpo.

A Psicanálise, como dito, também se debruça sobre a problemática do corpo e sua relação com a subjetividade, contribuindo no movimento que busca teorizar sobre a possibilidade de integração do sujeito com o corpo. Questionamentos dessa natureza tem início nos primórdios mesmo da constituição da Psicanálise, a partir do trabalho efetuado por Freud (2012/1893-1895) com as pacientes denominadas histéricas. As mulheres compreendidas como histéricas apresentavam sintomas que o conhecimento da época não permitia explicar por bases orgânicas, performatizavam afasias e paralisias que não eram solucionadas por investigações anatômicas e/ou neurológicas, configurando-se como verdadeiros enigmas da ciência.

Assim, Freud começa a supor que a incapacidade de resolução do sintoma por meio do orgânico se deve à necessidade de ampliar o olhar sobre sua origem e incluir a influência do psíquico. Ou seja, já começa a se vislumbrar um corpo que é expressão do sujeito, que não pode remeter somente e separadamente a seu funcionamento biológico. Com isso, Freud formula que esse corpo tem algo a relatar sobre o sujeito, ele não é meramente representação de questões físicas, ele é também produto da interioridade de um sujeito e representação de seu psiquismo. No corpo das histéricas, o psiquismo representado no corpo era o de um desejo inconsciente, que tem sua manifestação por meio do sintoma: um corpo que não exige somente ser visto, mas pelo viés psicanalítico, também ser escutado.

Viana (2004) elabora um detalhado estudo sobre os sentidos atribuídos ao corpo na obra de Freud e apresenta uma divisão em três momentos: a histeria, que como descrito inaugura uma concepção psicanalítica do corpo; o corpo sexual, que remonta a concepção da sexualidade infantil; e ao fim o que a autora caracteriza como corpo no limite do irrepresentável, que se volta às formulações da teoria das pulsões de vida e de morte. A autora considera a contribuição freudiana na compreensão do estatuto do corpo fundada em um embate de continuidade e descontinuidade quanto ao posicionamento científico da época, tendo em vista que ele inicia seu trabalho em consonância com a dicotomia adotada pela medicina para aos poucos se afastar dela. Considera-se a demarcação instituída pela autora muito pertinente para pensar o papel ocupado pela psicanálise freudiana em relação ao olhar sobre o corpo, e por isso serão apresentados em sequência os demais momentos apontados.

O descobrimento da sexualidade infantil (Freud, 2008/1905) traz uma contribuição ao entendimento do corpo psicanalítico ao discutir uma nova dimensão: o corpo erógeno. Aqui, a partir da delimitação de zonas erógenas, para as quais o sujeito voltaria sua libido durante seu processo de desenvolvimento como manifestação de seu autoerotismo, o corpo é ainda percebido como fragmentado. É então a partir da formulação da teoria das pulsões que o corpo passa a ser visto como unificado, livre também da dicotomia entre mente e psiquismo, uma vez que o encontro entre essas duas instâncias se daria nas pulsões que atravessam o sujeito.

O último momento delimitado por Viana (2004) remete à reformulação da teoria das pulsões, concebidas por Freud (2012/1920) pela pulsão de vida e pulsão de morte, respectivamente, a força criadora, que evoca Eros e que abrange não só as pulsões sexuais propriamente ditas, mas também as de autoconservação; no outro extremo, uma força destruidora que se volta para o interior e o exterior, que busca extinguir a tensão pela

volta a um estado anterior, inorgânico, por isso sua tendência destrutiva. Pulsões que embora se organizem em oposição só existem conjuntamente. O excesso pulsional é que desencadeia o mecanismo do trauma, sendo que há sempre algo de traumático que resiste à representação, e assim o corpo também carrega algo do irrepresentável. O corpo é aqui unificado, atravessado pelas pulsões e tem sua existência atrelada à do sujeito, sem delimitação binária.

Por outro lado, Scorsolini-Comin e Amorim (2008) realizam um trabalho de revisão bibliográfica em torno da noção de corporeidade e reconhecem na Psicologia uma forte herança da tradição cartesiana de dicotomia alma – corpo. Os autores retomam os estudos baseados na proposição de corpo como instrumento para a vida racional como fundamentos que constituem as correntes marcadamente idealistas/mentalistas/cognitivistas, em que há uma oposição da mente ou psique, considerada de forma mais nobre, do corpo e suas funções orgânicas, vistas com menos importância pelo entendimento de que estas dizem mais da condição animal do homem, sem muita relevância à sua condição racional.

Nesse sentido, as proposições de Merleau-Ponty trazem uma perspectiva acerca da percepção que também permite repensar o papel do corpo. Merleau-Ponty (2011), numa crítica à dicotomia cartesiana descrita, que privilegiava a razão e os processos mentais, propõe um resgate ao saber corpóreo, num entendimento de apreensão e percepção do mundo que se dá através do corpo. Tem-se a ideia do corpo que, como instrumento, possibilita a existência, bem como percebe o mundo sensível, criando sentidos a partir dessas experiências perceptivas. Assim, de uma perspectiva fenomenológica, Merleau-Ponty (2011) reflete que o corpo é o veículo do ser no mundo: a consciência do mundo é possível pelo corpo. Dessa forma, a existência se realiza no corpo, pois essa é, antes de tudo, corpórea. Para o autor, a apreensão de sentido ou dos sentidos se dá pelo corpo,

numa expressão criadora, apontando então a experiência do corpo como campo criador de sentidos, uma vez que a percepção não é vista como representação, mas como acontecimento da corporeidade, e portanto da existência.

Portanto, as noções de Merleau-Ponty, no século XX, auxiliam a reformular a visão de dualidade e superioridade da alma instaurada no pensamento cartesiano. O corpo adquire importância como forma de perceber e, conseqüentemente, de conhecer. É necessário posicionar, entretanto, que a Fenomenologia, corrente na qual se insere Merleau-Ponty, tem base teórica distinta da Psicanálise, posto que aquela tem base empírica, ou seja se funda na primazia da experiência para construção de conhecimento sobre o objeto, como é possível perceber na discussão descrita; a Psicanálise freudiana, por sua vez, é fundada em torno da concepção de inconsciente e das relações do sujeito com as pulsões que o atravessam. Embora ambas as correntes possibilitem ressignificar o papel do corpo como componente da subjetividade, é preciso destacar que o fazem de modo distinto, a partir da relevância e sentidos atribuídos à relação com o mundo e com a interioridade do sujeito.

Já Foucault (2014c), ainda no século XX, se detém sobre o corpo alvo e objeto do poder, foco de forças que visam regulá-lo desde suas menores ações para melhor controlá-lo; campo de dominância e também de resistência em que o que está posto em questão é, de modo amplo, o governo da vida. Sendo assim, como prolongamento dessa governamentalidade, Revel (2005) conceitua as proposições foucaultianas de cuidado de si ou técnica de si, que referem às práticas elaboradas pelo sujeito na intenção de aprimoramento de si. Além disso, cabe pontuar a noção de sujeito para o autor como construto sócio-histórico, indissociável das condições externas que determinam sua constituição. Esses apontamentos serão trabalhados mais detidamente ao longo do trabalho, visto que grande parte dos posicionamentos adotados na pesquisa se

fundamentam no diálogo com os pressupostos foucaultianos. Para este momento, é necessário estabelecer que seu pensamento é também um dos responsáveis por voltar-se ao corpo e refletir sobre sua constituição a partir de sua construção como objeto de poder e saber.

Por fim, Courtine (2011), na introdução de uma obra que se volta à multiplicidade de olhares sobre o corpo no século XX, caminha em direção ao fechamento de seu texto indagando: “Quem não percebe, com efeito, que interrogar o corpo neste século feliz e trágico é uma maneira de *pôr a questão antropológica do humano?*” (Courtine, 2011, p. 11, grifos do autor). O autor segue apontando o surgimento de novos campos de práticas e saberes que inevitavelmente mudam a relação que se desenvolve com o corpo, como por exemplo as questões da genética ou dos implantes e a delimitação de fronteiras entre mecânico e orgânico. Encerra suas palavras com um anúncio: o de que a história do corpo está apenas começando. Tem-se assim uma compreensão do corpo que vem a todo momento sofrendo transformações a partir do delineamento de novos olhares, constituído por essa gama múltipla e variada de conhecimentos que buscam fazer sentido sobre seu funcionamento de modo definitivo. Corpo que continuamente exige ser repensado e significado, questionado ainda outra vez, e que exhibe em suas marcas o espaço de constituição do homem. Refletir o lugar do corpo é, em última instância, refletir o lugar do humano.

Quanto a este trabalho, a perspectiva de corpo adotada é aquela que busca apreendê-lo para além de sua compreensão como materialidade, pois também em seu caráter simbólico e inter-relacional. Já o uso da expressão “percepção de si” contido no título do trabalho se justifica, primeiramente, como forma de reafirmar o corpo em sua capacidade de perceber e significar o mundo (posicionamento de base fenomenológica) e por fim, por demarcar, seguindo o caráter simbólico anunciado, que a relação com o corpo

não é lida como algo dado, mas como uma construção feita pelo sujeito na sua inserção na cultura.

Logo, tendo em vista os modos de perceber e significar a interioridade, adota-se o ponto de vista dessa como elemento de subjetivação, ou seja, a perspectiva de formação de sujeito atravessada pela experiência do corpo e por suas percepções decorrentes dela. Desse modo, o sujeito que se pretende investigar é o sujeito ficcional do romance referido, e a partir de suas manifestações, busca-se discutir as seguintes indagações: quais os discursos presentes na narrativa quanto à percepção de si na relação com o corpo – sabendo que se trata aqui de um corpo envelhecido e suas particularidades? De que forma se expressam as transformações na existência decorrentes das mudanças efetuadas no corpo? Em que tipo de saberes se ancoram esses discursos? Quais as condições que possibilitam seu aparecimento? De que forma se expressa, na esfera discursiva, a subjetivação através da via da corporalidade?

A análise demonstrou a possibilidade de compreender os discursos divididos em quatro eixos: o primeiro, diz respeito às percepções orgânicas, físicas, e como tal, remete aos discursos cunhados pela medicina e áreas da saúde; o segundo, sobre os relatos de identificação/desidentificação, verificados na fala do personagem ao apontar a forma como se percebe e sua correspondência no corpo, de modo que essa percepção parte do próprio sujeito ou da relação com o outro, e remete a um discurso psicanalítico; terceiro, a ameaça da impotência e com isso o medo da perda da virilidade e consequentemente de sua identidade, o que dialoga com o discurso sobre o gênero e sua imposição performática sobre o sujeito; e por fim, na inquietação quanto ao valor e utilidade do corpo, que não corresponde mais aos ideais produtivos capitalistas, o que permite discutir o discurso da biopolítica, do gerenciamento da vida e a adequação do corpo ao trabalho.

Essa proposição acerca dos discursos e as áreas do saber que os compreendem se embasa em Foucault (2008), quando deixa claro a indissociabilidade presente na relação do poder com a verdade, uma verdade que não é como recompensa, libertação ou fruto da meditação da solitude, mas resultados das coerções deste mundo. Há em cada sociedade um regime de verdade, que delimita quais discursos são lidos como verdadeiros ou como falsos, quais as técnicas aceitas para obtenção de verdade e quem são os sujeitos autorizados a performá-las, ou seja, quais as autoridades a quem se pode atribuir e confiar o desvelamento da verdade.

Sobre o funcionamento do discurso, Foucault (2014b) já deixa bem claro que não se pode dizer tudo, ou não se pode dizer em qualquer circunstância, ou ainda não cabe a todos os sujeitos o direito de dizer de qualquer coisa. Há interdições em jogo que enredam uma ordem do discurso que deve ser respeitada, sob o risco de sofrimento de algum tipo de sanção caso não sejam observadas suas delimitações. Com isso, o discurso não se configura em estratégia ou prática de acesso ao poder, tradução dos sistemas de dominação, mas configura-se por si mesmo como lugar de poder. Volta-se novamente à configuração da relação entre poder e saber, posto que o discurso, movido por uma vontade de verdade, assegura a autenticidade de alguns saberes e não de outros.

3. DO EXAME BIOLÓGICO DOS CORPOS

Beauvoir (1970) aponta a questão recorrente de posicionar a velhice como um intermediário no que tange à delimitação entre doença e saúde, em que de modo paradoxal, ela se configura como um estado normalmente anormal. A velhice então é vivida nesse duplo posicionamento, em que a percepção da idade é evitada pela alusão à doença ou, de modo contrário, a hipótese da doença é descartada pelo reconhecimento das limitações da idade. Essas modificações orgânicas, sustenta Beauvoir, são vivenciadas no plano da saúde como um misto de indiferença e mal-estar.

Numa perspectiva clínica, Silva (2008) relata que o surgimento da medicina moderna traz o entendimento da velhice e do envelhecimento como problemas clínicos, sendo esses processos invariáveis. Dessa forma, a velhice passava a ser a etapa da vida em que o corpo se degenera, precedendo a morte. Esse discurso sobre a senescência dá origem à geriatria, que se consagra como ciência por volta de 1910. Assim, é a medicina quem primeiro se apodera dos discursos sobre os corpos envelhecidos. A criação da gerontologia como campo de estudo, ao longo do século XX, permite uma ampliação do olhar sobre essa questão, e com colaborações da psicologia e sociologia, dentre outras áreas, torna mais complexo o entendimento acerca da velhice.

A narrativa de Márquez contém várias passagens que trazem o personagem em reconhecimento das transformações orgânicas que vão se fazendo sentir no corpo, como ele reage a elas, se é surpreendido pelo que percebe e o modo como modifica suas práticas para se adequar à sua realidade atual. Essas situações são em alguns momentos decorrentes do exame que o sujeito faz de si e, já em outros, da busca por um especialista que permita avaliar e classificar suas vivências, ou mesmo apontar a necessidade de

reorganizá-las. Alguns trechos inseridos ao longo do texto permitirão demonstrar essas questões.

No dia de meus noventa anos havia recordado, como sempre, às cinco da manhã. (...) Os sintomas do amanhecer tinham sido perfeitos para não ser feliz: me doíam os ossos desde a madrugada, meu rabo ardia, e havia trovões de tormenta depois de três meses de seca. Tomei banho enquanto passava o café, bebi uma caneca adoçada com mel de abelhas e acompanhada por duas broas de farinha de mandioca, e vesti o macacão de brim de ficar em casa (García Márquez, 2008, p 11-12).

O corpo biológico, na circunstância dos anunciados noventa anos, parece funcionar como uma perturbação de um sistema que, até aquele momento, seguia sem inquietações. A rotina, ao que indica o trecho, não sofreu grandes alterações: o horário de despertar se mantém, o cardápio de desjejum aparenta ser habitual e os trajés selecionados são associados aos momentos de conforto. Assim, não há marcas que sugere drásticas mudanças no modo de vida. O cotidiano é o mesmo, com a diferença de que agora surgem reivindicações do corpo onde antes havia silêncio. Os ossos doem e o rabo arde; há um desconforto do corpo que clama por ser notado.

É possível pensar que as alterações orgânicas são abordadas no discurso proferido por diversas razões. Uma delas é simplesmente a constatação do incômodo, de uma mudança imprevista e indesejada que perturba o sujeito. No caso, a fala pode ter o sentido de tentar uma elaboração ou apropriação do sofrimento. Há, principalmente, o receio de que não se deve mais amparar-se nas expectativas acerca do corpo, o que põe em risco a segurança e autonomia. Segue-se a narrativa:

O tema da crônica daquele dia, é claro, eram os meus noventa anos. Nunca pensei na idade como se pensa numa goteira no teto que indica a quantidade de vida que vai nos restando. Era muito menino quando ouvi dizer que se uma pessoa morre os piolhos incubados no couro cabeludo escapam apavorados pelos travesseiros, para vergonha da família. Isso me impressionou tanto que tosei o coco para ir à escola, e até hoje lavo os escassos fiapos que me restam com sabão medicinal de cinza e ervas milagrosas. Quer dizer, me digo agora, que desde muito menino tive mais bem formado o sentido do pudor social que o da morte (García Márquez, 2008, p. 12).

O trecho acima traz algumas perspectivas sobre a relação desenvolvida pelo personagem com o corpo orgânico, não só nesse momento da vida, já que ele aponta que o entendimento que segue hoje carrega algo de suas fantasias de menino e suas reflexões de adulto. Há dois movimentos nessa elaboração. Um que demonstra indícios de que o incômodo vivido no corpo reflete o receio da perda de um lugar e uma imagem social. As expressões “para vergonha da família” e “o sentido do pudor social” são indicativos de que o corpo frustra o sujeito porque pode embaracá-lo, gerar situações que o diminuiriam e possivelmente o removeriam do lugar ocupado até então como um sujeito autônomo, dono de si e capaz de gerir as próprias funções corporais. O corpo que não mais responde ao desejo e controle do indivíduo causa sofrimento; ora pela dor, ora pela vergonha.

Outro movimento é o que relata a visão acerca da morte. A metáfora utilizada é a de uma goteira no teto como indicativo dos anos restantes, de modo que o fim se daria quando não houvesse mais água a escorrer, ou seja, não há mais anos restantes. Embora o personagem aponte que nunca pensou na morte dessa maneira, elabora seus dizeres utilizando os termos “nunca pensei”, ao invés de “não penso”, sinalizando que os chegados noventa anos o levam a questionar suas concepções sobre a existência e a

finitude. Será que agora ele vê sentido em questionar a quantidade de gotas restantes – os anos que lhe restam viver? O caso dos piolhos, relatado logo em sequência, remonta aos mitos criados para abordar o desconhecido.

Em *Totem e tabu*, um texto antropológico, Freud (2012/1930) traz à luz a relação do homem com os modos de pensamento anímico, religioso e científico como presentes em todas as sociedades e indivíduos, de forma complementar. Assim, ainda no homem contemporâneo mantém-se viva a expressão dos mitos, que têm locus privilegiado na compreensão de temas em que a ciência não oferece respostas definitivas. A morte permanece como um dos grandes desconhecidos, e por isso, rodeada de mitos. Ariès (2012) demonstra que a morte deixa de ser vista como familiar e habitual na Idade Média para, em fins do século XVIII e início do XIX, tornar-se fonte de medo. O autor aponta a erupção de um erotismo macabro sublimado, buscando vias indiretas de representação, ao que afirma: “Os mortos tornaram-se belos na vulgata social quando começaram a realmente ser motivo de medo, um medo tão profundo que não se exprimia senão por interditos, ou seja, por silêncios. A partir de então, não haverá mais representações da morte” (Ariès, 2012, p. 151).

Retomando as concepções foucaultianas acerca do discurso, pode-se perceber a morte, e especialmente o medo da morte, como um não dito, um tabu do discurso, algo que não deve ser tratado diretamente mas que subjaz ao que é dito; e ao mesmo tempo, um já dito, reconhecível por exemplo no modo como o evento da morte é continuamente retratado nas diversas expressões artísticas. Além disso, pela lógica já assumida nessa análise de que a linguagem denuncia a relação do sujeito com os objetos, não se ignora a quantidade de metáforas e eufemismos utilizados para referir-se à morte. Ela está à espreita, abordada constantemente nas entrelinhas do discurso, entretanto não se deve encará-la diretamente.

Fazia meses que tinha previsto que minha crônica de aniversário não seria o mesmo e martelado lamento pelos anos idos, mas o contrário: uma glorificação da velhice. Comecei por me perguntar quando tomei consciência de ser velho, e acho que foi pouco antes daquele dia. Aos quarenta e dois anos havia acudido ao médico por causa de uma dor nas costas que me estorvava para respirar. Ele não deu importância: É uma dor natural na sua idade, falou. - Então, disse eu -, o que não é natural é a minha idade (...). E me acostumei a despertar cada dia com uma dor diferente que ia mudando de lugar e forma, à medida que passavam os anos. Às vezes parecia ser uma garrotada da morte e no dia seguinte se esfumava (García Márquez, 2008, p. 12-13).

O recorte acima permite vislumbrar o lugar de poder a que está relegado o sujeito do saber: é aqui o médico, discurso do especialista, que, de relevância muito maior do que a percepção do sujeito, permite atestar pela normalidade de sua condição. É preciso que um outro, investido pelo saber que não é acessível ao sujeito, possa dizer da condição por ele vivenciada; cabe ao sujeito investido de poder decidir pela adequação dos corpos.

Quanto a isso, convém ressaltar o quanto o olhar sobre as questões da velhice é de certa maneira inédito: como dito, é ao longo do século passado que se reconhece a autenticidade de um manejo especializado para lidar com o fenômeno. As definições de normal e patológico, já não definitivas na medicina como um todo porque dependentes das concepções correntes, como atesta Canguilhem (2010), são ainda mais instáveis no que diz respeito ao corpo envelhecido. Sendo a especialidade da geriatria e gerontologia e também o envelhecimento da população eventos tão recentes, vislumbra-se um conhecimento que vai sendo moldado à medida que vai entrando em contato com as

demandas e experiências, por vezes incapaz de se antecipar a seus desafios. Ao sujeito que interroga se o que vivencia é efeito de envelhecimento dito “normal” ou se é sintoma de condições patológicas soma-se o profissional que, de modo semelhante, deve guiar sua conduta em vista dessa interrogação.

É na medida em que os profissionais da saúde (não somente a medicina) se familiarizam com demandas instauradas pela velhice que os modelos de saúde são reconfigurados. Veras (2009) discorre como uma população jovem tende a ser acometida mais frequentemente por condições agudas, e como tais, de rápido tratamento e pouco custo para o Estado. Uma população mais velha, de modo distinto, é mais acometida por quadros crônicos, o que equivale a patologias que muitas vezes não são passíveis de cura e exigem tratamento contínuo, o que é mais oneroso. Em vista disso, a política de saúde voltada à velhice não pode se limitar a tratar enfermidades quando elas se apresentam; deve se organizar em torno da prevenção de doenças, impedindo sua instalação, e principalmente, em torno da promoção de saúde, conceito-chave nesse contexto e que equivale a promover hábitos de vida saudáveis, o que também visa evitar a propagação de doenças crônicas.

Há uma ampla literatura da área da saúde que se volta a essa compreensão epidemiológica, no entanto esse ponto não continuará sendo discutido aqui visto que a narrativa literária não se envereda por esse caminho. Sobre o trecho exposto anteriormente, retoma-se a seguinte fala: “Então, disse eu, o que não é natural é a minha idade”. De fato, os seus noventa anos não seriam vistos ainda com naturalidade na sociedade contemporânea, uma vez que há uma parcela mínima da população que atinge ou ultrapassa dada idade. Dito isso, é possível reconhecer no romance que o personagem continuamente compara sua velhice à de outras pessoas, mais jovens que ele, o que contribui para sua impressão de que o que vive não é algo natural. Mais ao fim, há um

novo episódio de consulta ao médico, em que dessa vez ele é atendido pelo neto daquele que o recebe nesse momento e o percebe já tão velho como o avô, situação que pode somar à concepção de sua própria velhice como algo extraordinário.

Novo sintoma se apresenta adiante: a falhabilidade da memória.

Na quinta década comecei a imaginar o que era a velhice quando notei os primeiros ocos da memória. Revirava a casa buscando meus óculos até descobrir que os estava usando, ou entrava com eles no chuveiro, ou punha os de leitura sem tirar os de ver de longe. Um dia tomei duas vezes o café da manhã porque me esqueci da primeira, e aprendi a reconhecer o alarme de meus amigos quando não se atreviam a me lembrar que estava contando a mesma história que havia contado na semana anterior. Naquele tempo tinha na memória uma lista de rostos conhecidos e outra com os nomes de cada um, mas no momento de cumprimentar não conseguia que as caras coincidissem com os nomes (García Márquez, 2008, p. 13-14).

A memória, como alegam Paulo e Yassuda (2009), é conjuntamente com as funções executivas do cérebro, relacionadas por exemplo ao raciocínio e tomada de decisões, um dos fatores que apresentam algum grau de declínio com o passar dos anos. Nesse caso também há a tentativa de delimitar a separação entre modificações normais decorrentes do envelhecimento e indícios precoces da instalação de uma condição dita patológica. As falhas mnemônicas podem ser indicativos de uma perda cognitiva que venha a configurar demência. A percepção de enfraquecimento da memória é queixa comum da velhice, em situações como as descritas pelo personagem. Para ele, não são postas dúvidas quanto ao caráter patológico dos acontecimentos retratados, mas pode-se

supor que sua preocupação em mencioná-los aponte para certo temor de que no futuro ocorra uma piora progressiva do quadro, e quais seriam os efeitos disso em sua vida.

Convém apresentar brevemente algumas conceituações relativas à memória. Candau (2012) relata a distinção entre três tipos de memória: a primeira, relacionada aos hábitos e gestos, é imperceptível e diz da capacidade de lembrar procedimentos; outra, de recordação ou reconhecimento, é declarativa e pode ser evocada propositadamente ou por lembranças involuntárias; e por fim a metamemória, referente à ideia que cada um tem da própria memória, como a percebe e significa. O autor citado endossa que a memória, especialmente os dois últimos tipos, é componente essencial da identidade do indivíduo. A partir dela é que se abre a possibilidade de instalação de uma temporalidade, maneira de agregar as experiências e se moldar no presente em resposta ao passado. Em última instância, o horror ao apagamento da memória remete ao medo de perder-se, ser desapossado do acesso às experiências vividas.

A memória é assim decisiva na constituição do sujeito. No entanto, Candau (2012) atenta também para a confusão entre a evocação e as lembranças propriamente ditas. As memórias que são conservadas de um acontecimento são uma expressão parcial, dentre inúmeras outras possíveis. Vários participantes em meio a uma mesma situação formarão cada um recordações diferentes, todas seletivas e reducionistas, visto que não se apropria das experiências em si mesmas, é preciso antes assimilá-las e significá-las, o que já determina que algo deverá ser deixado de fora. Tal constatação sugere que a falhabilidade da memória reconhecida pelo personagem procede, mas que além de sintoma da velhice, isso remete ao funcionamento da memória em si, naturalmente falho. O próprio personagem reconhece a dinâmica apresentada, posto que logo emenda:

Em compensação, é um triunfo da vida que a memória dos velhos se perca para as coisas que não são essenciais, mas raras vezes falhe para as que de verdade nos interessam. Cícero ilustrou isso de uma penada: *Não há ancião que esqueça onde escondeu seu tesouro* (García Márquez, 2008, p. 14).

Pouco adiante na narrativa é que o personagem, tomado de súbita inspiração, resolve ligar para Rosa Cabarcas e marcar sua aventura para aquela noite. Tudo combinado, na preparação e no caminho para o bordel surgem outras menções às questões orgânicas: “Eu me vesti de acordo com a ventura da noite (...). No final dobrei para dentro as barras das calças para que ninguém notasse que com a idade eu diminuía quatro dedos. (García Márquez, 2008, p. 24)”.

Nessas linhas, como anteriormente, percebe-se que a insatisfação do corpo é devido ao olhar social que pousa sobre as mudanças. Em termos orgânicos, não há sinalização de dor marcando a mudança dos quatro dedos perdidos de altura, no entanto essa pode ser vista como uma marca da decadência, diminuição que é física e também simbólica, correspondendo assim ao sujeito diminuído pela sua condição de velho. O que diriam as outras pessoas se notassem que ele está velho o suficiente para começar a encolher? Trata-se de uma fraqueza que, se deixada à mostra, leva ao rebaixamento de seu status, não seria ele mais um homem adulto e dono de si, mas um velho decrepito que tendo vivido seu ápice no passado nada mais teria a fazer a não ser diminuir-se até seu inevitável fim.

Enquanto percorria o caminho, depara-se com breve sobressalto:

Tive que me deter três vezes para recobrar o fôlego antes de alcançar a última ladeira. Dali vi a enorme lua de cobre que se erguia no horizonte, e uma

urgência imprevista do ventre me fez temer pelo meu destino, mas passou ao largo (García Márquez, 2008, p. 27).

Aqui, cabe reiterar o caráter de desconfiança que rege a relação com o corpo. A cada momento, ele pode ser traído pelas funções fisiológicas que nem sempre obedecem aos momentos apropriados, e, outro tabu do discurso, é um tema que não é tratado impunemente. O descontrole frente a essas funções, que em outras faixas etárias seria visto como um inconveniente, um episódio fortuito ou sinal de um agravo de saúde, no caso dele também poderia ser lido como um desagradável efeito colateral da muita idade. A narrativa deixa entrever o leve susto como caracterizando a ansiedade gerada pela expectativa do encontro com a moça, e ele não se detém sobre a questão, mas ainda assim o trecho deve ser lembrado na medida em que se insere numa rede de sentidos que se repetem e demarcam a incapacidade de controle total sobre o próprio corpo.

Voltando para casa pela manhã, depois de ter passado a noite no bordel sem contudo consumir relações com a menina, ressurgem a dúvida quanto ao tempo da existência e proximidade da morte: “Debaixo do sol abrasador da rua comecei a sentir o peso dos meus noventa anos, e a contar minuto a minuto os minutos das noites que me faltavam para morrer (García Márquez, 2008, p. 36)”.

A questão do controle sobre o corpo fica mais evidente em ocasião de sua festa na redação do jornal. O chefe de redação diz a ele que os leitores gostariam de saber como é a vida aos noventa, ao que uma das secretárias maliciosamente interrompe para insinuar que deve ser um segredo delicioso: “Uma rajada ardente abrasou meu rosto. Maldição, pensei, como o rubor é desleal. Outra, radiante, me apontou com o dedo. Que maravilha! Ainda tem a elegância de ficar vermelho. Sua impertinência me provocou outro rubor em cima do rubor” (García Márquez, 2008, p. 50).

Destaque para o termo “desleal”, utilizado para qualificar o rubor que se apodera de sua face à revelia de seu consentimento. É nesses termos que, em muitos momentos, pode-se pensar o modo com o que o corpo é por ele visto: como desleal, pronto para, a qualquer momento, frustrá-lo, comportar-se de forma imprevista, arruinar suas expectativas e planos. É possível confiar nesse corpo que parece ter vida própria?

Passado a segunda noite no bordel, com a mesma moça e sob as mesmas condições, há um novo telefonema para Rosa Cabarcas. Por sua vez, ela não compreende porque também dessa vez não tiveram relações e propõe que ele se encontre com outra, uma mais adulta. A proposta é negada, ele insiste que seja a mesma das outras vezes. Com certo deboche, Rosa se pronuncia: “Houve um silêncio no telefone, e finalmente a voz com que disse como se falasse sozinha: Bem, vai ver é isso que os médicos chamam de demência senil” (García Márquez, 2008, p. 70).

Em seguida, já sentindo-se, como ele o descreve, louco de amor, decide mudar o rumo de suas crônicas dominicais e estruturá-las ao modelo de histórias de amor. Para isso, opta por utilizar sua própria caligrafia impressa no jornal ao invés da tipografia da máquina. O chefe de redação é resistente quanto ao pedido, contudo cede, não sem julgar ser essa atitude efeito do que chama de uma “ vaidade senil” (García Márquez, 2008, p. 76).

Dessa forma, em curto espaço na narrativa, o adjetivo “senil” é utilizado em duas situações distintas para caracterizar as ações do personagem. Essas ações, no entanto, do ponto de vista médico, não seriam suficientes para sugerir quadro de demência. O uso do adjetivo permite conjecturar uma busca por desqualificar as atitudes e decisões tomadas pelo personagem em vista de sua idade. Sugere-se então, ao discordar de suas ações, que

essas foram motivadas por algum tipo de doença mental, causada justamente pela idade, e não devem ser levadas a sério como as de um indivíduo considerado normal.

Outra situação surge para somar-se ao contexto. Após uma confusão no bordel, ele fica impossibilitado de encontrar-se com Delgadina, ou mesmo entrar em contato com ela ou Rosa Cabarcas. Isso o deixa bastante transtornado, ao que ele relata:

A falta de sossego acabou com o rigor dos meus dias (...). Passei uma semana inteira sem tirar o macacão de mecânico nem de dia nem de noite, sem tomar banho, sem fazer a barba, sem escovar os dentes, porque o amor me mostrou tarde demais que a gente se arruma para alguém, e eu nunca tinha tido para quem. Damiana achou que eu estava doente quando me encontrou nu na rede às dez da manhã (...). Minha entrada no jornal, de macacão e mal-barbeado, despertou certas dúvidas sobre meu estado mental (García Márquez, 2008, p. 92-95).

Quão pouco é preciso, na sua idade, para que sejam levantados questionamentos acerca de sua sanidade! Basta um deslize, ou um posicionamento que não satisfaça a opinião pública e já se abre socialmente o processo de investigar se o indivíduo está apto a viver por suas próprias escolhas e cuidar de si. Nota-se que a problemática é recorrente no texto; a princípio, pontuando as falhas da memória, trata-se de uma observação do personagem acerca de si, porém sem buscar por explicações de cunho patológico. Adiante, quando é o julgamento daqueles que o cercam que recai sobre ele, a explicação patológica é sugerida, mesmo que como uma broma. Em três momentos distintos, as expressões “demência senil”(p. 70), “ vaidade senil” (p. 76) e “dúvidas sobre meu estado mental” (95) recorrem ao mesmo fenômeno. Sobre os possíveis efeitos caso as dúvidas apontadas viessem a se confirmar, propõe-se que seriam semelhantes aos relativos à perda ostensiva da memória: ameaça de sua autonomia e identidade.

Santos (2010) aborda o conto *Só vim telefonar*, também de Gabriel García Márquez (1992), para discutir sobre o imaginário em torno da doença mental e o lugar reservado àqueles assim diagnosticados. No conto, a protagonista Maria enfrenta um problema mecânico enquanto viaja sozinha por uma estrada. Em busca de socorro, segue em um ônibus na intenção de, chegando a algum lugar, telefonar ao marido para comunicar o acontecido. Alcançado o destino, Maria leva um tempo para perceber que está dentro de um hospício e passa a fazer parte da instituição como as demais pacientes. A partir dali, tudo que é relatado por ela é considerado inverossímil, apesar de sua insistente súplica pela oportunidade de telefonar ao marido.

Santos (2010) reconhece a partir disso que a participação no espaço do hospício, mesmo que voluntária, fruto de uma eventualidade, impõe à personagem Maria a aquisição de um rótulo, e logo a consequente perda de sua identidade, cidadania e autonomia. O discurso de Maria agora se configura como um sintoma e atesta por sua falta de lucidez, ou seja: não há valor em suas palavras. Ao perceber de forma mais clara a situação em que se encontra, Maria se desespera, se descontrola e realiza várias tentativas de fuga. É o suficiente para que o médico a qualifique como “louca agitada”, ratificando assim um diagnóstico que a afasta da ideia de normalidade e confirma a necessidade de sua permanência na instituição. Em vista disso, conclui Santos (2010) que:

Vista sob o prisma apresentado, a loucura priva o ser humano da sua capacidade de julgamento e de decisão, ou seja, sua condição de sujeito torna-se inexistente, incapacitando-o como cidadão. Sua subjetividade não é levada em conta, sua dignidade de ser humano é perdida junto com seus pertences (Santos, 2010, p. 282).

O relato proposto é situação privilegiada para reconhecer o poder-saber de que fala Foucault (2008). São postos em jogo dois discursos: o do sujeito sobre si mesmo, em que ele analisa sua condição e por vezes emite algum tipo de parecer (no exemplo do romance, o personagem que não recorre a uma origem patológica ao enunciar dificuldades de memória); e o discurso especializado, fruto do saber e que, por isso, carrega intrinsecamente um poder. Quer seja quanto à sua adequação física ou mental (e sobretudo mental), cabe ao sujeito detentor do saber demarcar o que pertence ao campo do normal e do patológico. O que o sujeito relata de si é minimamente considerado, visto que ele não ocupa socialmente o lugar que o torna hábil a emitir esse tipo de juízo. Excluído do campo do saber e da técnica, não cabe ao sujeito dizer de si. O discurso, reitera-se, não escapa às suas regras de funcionamento, entre elas a quem é dado o poder de apropriar-se dele; e aos loucos, a história bem o mostra, não é dado voz.

O personagem segue com extensas perturbações do corpo e dos ânimos em virtude da falta da amada:

Não tinha um instante de sossego, mal conseguia comer e perdi tanto peso que as calças não paravam na cintura. As dores erráticas estacionaram nos meus ossos, mudavam de ânimo sem razão, passava as noites num estado de deslumbamento que não me permitia ler nem escutar música, e em compensação passava o dia dando cabeçadas por causa da sonolência sonsa que não servia para dormir (García Márquez, 2008, p. 107-108).

Os conflitos em que ele se vê não são esperados em sua idade. O amor desenfreado, como o que causa esses efeitos, é visto no imaginário social como sendo experiência característica da adolescência e juventude, como se a maturidade obrigatoriamente trouxesse uma sensatez que impossibilitaria tais dilemas. A situação é assim notadamente incomum, mas é de fato o que lhe acontece. Como ocorre em outros

contextos expostos, a realidade de sua idade faz com que a explicação patológica seja predominantemente preferida, seja uma moléstia do corpo ou da mente.

Não parece ser esse o caso do personagem. Logo em seguida ele se refere a um encontro inesperado de conhecida de longa data, em que passam certo tempo juntos e ele relata as dificuldades amorosas que enfrenta. O apoio da amiga gera grande alívio, o que leva a compreender que, mesmo aos noventa anos, ele é tão propenso a sofrer em decorrência de suas emoções quanto qualquer um, em qualquer idade. Frente aos incômodos vivenciados, fica a dúvida: normal, patológico ou ansiedade relacionada ao amor, evento inesperado da velhice? Não se pode completamente delimitar, mas reafirma-se que o olhar dos demais sobre o personagem costuma se decidir pela motivação patológica.

A proximidade com o aniversário o desconcerta e reaviva as fantasias em relação à morte:

No começo de julho senti a distância real da morte. Meu coração perdeu o compasso e comecei a ver e a sentir por todos os lados os presságios inequívocos do final. O mais nítido foi num concerto no Belas-Artes. O ar-condicionado havia falhado e a flor e a nata das artes e das letras se cozinhavam em banho-maria no salão abarrotado, mas a magia da música era um clima celestial. No final, com o Alegretto poco mosso, estremeceu-me a revelação deslumbrante de que estava escutando o último concerto com que o destino me deparava antes de morrer. Não senti dor nem medo, mas a emoção arrasadora de ter conseguido viver até ali (García Márquez, 2008, p. 117-118).

Tais fantasias não se originam no presente e ele se recorda que o sentido de proximidade com o fim inevitável o acompanha há tempos:

A certeza de ser mortal, em todo caso, me havia surpreendido pouco antes dos cinquenta anos numa ocasião como aquela (...). Foi como um oráculo brutal ao ouvido: Faça o que você fizer, neste ano ou em cem, você estará morto para sempre e jamais (...). Desde então comecei a medir a vida não pelos anos, mas pelas décadas. A dos cinquenta havia sido decisiva porque tomei consciência de que quase todo mundo era mais moço que eu. A dos sessenta foi a mais intensa pela suspeita de que já não me sobrava tempo para me enganar. A dos setenta foi temível por uma certa possibilidade de que fosse a última. Ainda assim, quando despertei vivo na primeira manhã de meus noventa anos na cama feliz de Delgadina, me atravessou a ideia complacente de que a vida não fosse algo que transcorre como o rio revoltado de Heráclito, mas uma ocasião única de dar a volta na grelha e continuar assando-se do outro lado por noventa anos a mais (García Márquez, 2008, p. 119-120).

É possível reconhecer nas falas diferentes posicionamentos diante da ideia da morte. Um deles é a que a vê com certa familiaridade e aceitação, posto que sua proximidade já é sentida ou presumida há mais de quarenta anos. Em contraponto, há também a imagem da morte como uma grande ilusão, mentira disseminada socialmente e que não corresponde à realidade, pois findos os noventa anos o que se segue seriam noventa mais.

Quanto à proximidade com a morte, ligada também à arrebatadora descoberta da efemeridade da vida, faz com que o personagem considere que os anos se vão muito ligeiramente, o que o motiva a contar sua passagem em décadas. É incontestável a

inevitabilidade da passagem de tempo, porém, considerando a ideia da morte, essa como um ideal e não como realidade, estaria ele de fato mais próximo dela agora do que já esteve em qualquer momento de sua vida? Em qualquer dado momento, ela foi uma possibilidade concreta; parece então possível supor que a vinculação da ideia da morte com a velhice cumpre o propósito de livrar o sujeito jovem do fardo de preocupar-se com um acontecimento que é tão inevitável quanto imprevisível, cujo fantasma paira sobre todos os vivos desde seu primeiro suspiro.

Ariès (2014) levanta extensos dados sobre essa imemorial relação da humanidade com a morte, que para o contexto dessa discussão, cabe retomar a diferenciação percebida no trato com a morte e os mortos após o início do século XX. Anteriormente a isso, afirma o autor, o espaço e tempo do grupo social eram modificados pela morte de um de seus membros, de forma que por vezes toda a comunidade se via envolvida no acontecimento. Uma rotina se colocava em andamento, composta de visitas à casa dos familiares, serviços de igreja, visitas ao cemitério, períodos de luto. A morte de um indivíduo atingia todo o grupo social, como acontecimento público de toda a sociedade, que também precisava ser cicatrizada. Esse entendimento da morte como fato social e público não foi de todo extinto, mas não possui nos dias de hoje o caráter de generalidade daqueles tempos.

Segundo Ariès (2014), o que ocorre é que, exceto nos casos dos homens de Estado, a sociedade expulsou a morte; não se trata mais de algo que abala todo o grupo a que pertence o indivíduo. Destaca-se também, em meados do século XVIII, a remoção dos cemitérios do espaço da cidade, sendo relegados ao fora, simbolismo que sinaliza que o que é tratado ali não deve ser tratado à vista ou ser evocado com frequência. Os mortos são postos à margem para que a visão da morte possa ser posta à margem. Tempos depois, parte da mudança percebida no início do século XX, generaliza-se um movimento de transferência do doente para o hospital que acentua esse distanciamento. No hospital, é

possível controlar o acesso ao moribundo, o que já não caracteriza a participação da comunidade na enfermidade como outrora. O apreço desenvolvido pela higiene e assepsia também inviabiliza a visão e contato das sequelas fisiológicas e odores. No hospital, a morte pode escapar à publicidade: morte solitária.

As diferentes concepções compartilhadas socialmente sobre a morte têm importância definitiva no caráter de concretude que ela apresenta para cada indivíduo. Não é de se estranhar que esteja posicionado no início do século XX uma das mudanças de paradigma, relativa à primeira grande guerra, em 1914, em que a abundância e crueza dos mortos abala toda a sociedade que assiste ao espetáculo. Também Freud (2010/1915) se debruça sobre a questão ao fim da guerra, e postula o seguinte sobre a atitude humana perante a morte:

Essa atitude não era franca. Para quem nos ouvisse, naturalmente nos dispúnhamos a sustentar que a morte é o desfecho necessário de toda vida (...). Mas na realidade nós agíamos como se as coisas fossem diferentes. Manifestávamos a inconfundível tendência de pôr a morte de lado, de eliminá-la da vida (Freud, 2010/1915, p. 230).

Com isso, prossegue o autor, há a dificuldade em apropriar-se da ideia da própria morte, fato inconcebível, em que por mais que seja feito o esforço de mentalizá-la, o sujeito continua fazendo parte dessa visão como observador, como se sua morte não eliminasse por completo sua existência. Como se o inconsciente mantivesse a crença em sua imortalidade, o sujeito não é capaz de acreditar de fato na própria morte.

Como dito, percebe-se no discurso do personagem indícios dos movimentos descritos. A um dado momento, a morte lhe parece muito próxima, como se ele pudesse esticar os braços e tocá-la; porém, a suposta proximidade não garante sua chegada e ela

permanece, como a todos, uma incógnita. Em outro ponto, ele já considera a morte como uma grande fantasia, irrealizável, em que a passagem dos anos só seria capaz de trazer anos a mais.

Ainda aponta Freud:

As mortes não deixam de ocorrer por causa desse nosso sentimento terno. Quando acontecem, a cada vez somos atingidos profundamente e como que abalados em nossa expectativa. Via de regra enfatizamos a natureza casual da morte, um acidente, uma doença, infecção ou idade avançada, e desse modo traímos o nosso empenho em vê-la como algo fortuito, em vez de necessário (...). Diante do morto assumimos uma atitude particular, quase que uma admiração por alguém que realizou algo muito difícil (Freud, 2010/1915, p. 231).

Mais indícios das antíteses da relação com a morte: circunstância inevitável, porém fortuita; universal, mas eventual. Morte que, como para o personagem, frustra quando vem e quando demora.

Ainda abalado com a falta de Delgadina, ele fica ainda mais desencantado quando ao passar despretensiosamente na rua dos Notários, é surpreendido com a visão dos escombros do hotel onde, tantos anos antes, havia iniciado sua vida sexual. Ele é então tomado pelas lembranças daquela época e se entristece pela constatação da ruína irreparável daquele passado. O episódio lhe provoca perturbações no corpo:

Ao sair daquela visita amarga senti no coração uma fígada que não consegui aliviar durante três dias com todo tipo de poções caseiras. O médico a quem procurei de emergência, membro de uma estirpe de insígnies, era neto do que me examinou aos meus quarenta e dois anos, e me assustei ao ver como eram parecidos, pois estava tão envelhecido como seu avô aos setenta, por uma calvície

prematura, uns óculos de míope irreversível e uma tristeza inconsolável. Fez em mim um exame minucioso de corpo inteiro com uma concentração de ourives. Auscultou meu peito e minhas costas, examinou minha pressão arterial, os reflexos do joelho, o fundo do olho, a cor da pálpebra inferior. Nas pausas, enquanto eu mudava de posição, na cama de exame, ele me fazia perguntas tão vagas e rápidas que mal me davam tempo de pensar nas respostas. Após uma hora me olhou com um sorriso feliz. Bem, disse ele, acho que não tenho nada a fazer pelo senhor. O que isso quer dizer? Ora, que seu estado é o melhor possível na sua idade. Que interessante, respondi, seu avô me disse a mesma coisa quando eu tinha quarenta e dois anos, como se o tempo não passasse. O senhor sempre encontrará alguém que dirá a mesma coisa, disse, porque sempre terá uma idade. Eu, provocando-o para uma sentença assustadora, disse a ele: A única definitiva é a morte. Sim, disse ele, mas não é fácil chegar a ela num estado tão bom como o do senhor. Sinto muito não poder agradá-lo (García Márquez, 2008, p. 124).

Diversas questões mecanicamente colocadas depois, é o médico a quem cabe apontar, sem sombra de dúvida, a dimensão e seriedade da sintomática enfrentada pelo sujeito. A metáfora contida na expressão “concentração de ourives” permite entrever o lugar de poder garantido pelo domínio da técnica. Mais uma vez, ele remete ao saber médico para atestar-se da normalidade da sua condição e garantir que se trata, novamente, apenas do caráter de irrealidade de sua idade.

A partir dos contextos relatados, nota-se que a relação com o corpo é vista por ele nesse momento da vida como regada por desconfortos e desconfianças diversas. Quanto desconforto está dentro dos padrões concebidos de normalidade? Questão que, como se mostra na narrativa, cabe ao profissional da saúde qualificado responder, a partir de pouca ou nenhuma intervenção do sujeito em sua própria perturbação. Convém, por sua vez,

retificar que não é exclusivo do corpo velho a relação problemática com o corpo, sujeita a constantes frustrações e surpresas. No entanto, parece haver uma tentativa de, através do discurso, relegar os desencantos oriundos da relação com o corpo orgânico à velhice, como se antes desse momento fosse possível depender do corpo sem sustos ou imprevistos; preocupação ilegítima para a juventude.

O último encontro descrito com Delgadina é na véspera do aniversário seguinte, o de seus noventa e um anos. Os devaneios dele sobre a chegada da morte antes da virada da nova idade não se concretizam:

Preparado naquela noite para tudo, me deitei de barriga para cima à espera da dor final no primeiro instante de meus noventa e um anos (...). Então apaguei a luz com o último suspiro, entrelacei meus dedos com os dela para levá-la pela mão e contei as doze badaladas da meia-noite com minhas doze lágrimas finais, até que os galos começaram a cantar, e em seguida o repicar dos sinos de glória, os foguetes de festa que celebravam o júbilo de haver sobrevivido são e salvo aos meus noventa anos (García Márquez, 2008, p. 126).

A narrativa, ao invés de se encerrar com a morte do personagem, deixa em aberto a possível construção de um futuro conjunto entre ele e Delgadina. A perspectiva do que ainda há por vir reafirma a intenção dele no momento da redação de sua crônica de noventa anos, de que esse não seja um lamento, mas uma exaltação da velhice.

4. DO ESTRANHAMENTO FRENTE À PRÓPRIA IMAGEM

O que é descrito nesse eixo como estranhamento refere-se ao discurso que contempla o processo vivido pelo sujeito de ora identificar-se na materialidade de seu corpo, apropriando-se de si mesmo e das mudanças ocorridas, e ora estranhar-se, buscando encontrar no corpo o reflexo de uma imagem ou percepção que já não mais corresponde. A noção de subjetivação pela experiência do corpo é fundamental nas proposições teóricas de alguns autores da Psicanálise, dos quais destaca-se aqui a título de apresentação o trabalho de Sigmund Freud, Jacques Lacan e Françoise Dolto.

As contribuições de Freud na elaboração de uma apreensão do corpo para a Psicanálise já foram apresentadas mais detidamente na introdução deste trabalho (ver seção: O estatuto do corpo), logo tais apontamentos não serão aqui duplicados. O que cabe na discussão que se inicia é destacar o modelo de corpo que se forma a partir das proposições do autor, desde os primórdios da Psicanálise e de seu trabalho com as históricas, configurando um corpo que não é regido pelas leis do campo biológico, mas pelas leis do desejo inconsciente. Esse corpo é então possibilidade de expressão dos desejos inconscientes, corpo esse que é erógeno e atravessado pela linguagem, fruto de uma subjetividade. Investido pela libido, gerador de gozo bem como expressão de frustração, o corpo é palco de representação das satisfações e sofrimentos do indivíduo.

Por sua vez, Lacan (1998) , em sua teorização sobre o que denomina Estádio do espelho, aponta como a partir dos seis meses, mesmo que incapaz do controle completo da marcha, postura ereta e funções motoras, já se vislumbra para o bebê grande júbilo em postar-se diante do espelho e apreender o virtual reduplicado das imagens refletidas. Cabe pontuar que o espelho de que trata Lacan (1998) é o plano especular, excluindo-se outros tipos de espelho como o côncavo ou convexo, visto que esses efetuam distorções na

imagem refletida. É através do estágio do espelho, pelas transformações possíveis pela assunção de uma imagem, que ocorre a identificação. Nesse contexto, o eu emerge em sua forma primordial, antes de objetivar-se em sua relação dialética com o outro e sua inserção no simbólico pela entrada no mundo da linguagem.

Assim, o que o espelho fornece é a experiência de uma gestalt, por uma exterioridade que congela a representação numa simetria invertida, ancoradouro para a permanência mental do eu. A função do estágio do espelho, desse modo, funciona como uma especificidade de formação da imago, essa que elabora a ponte do indivíduo com sua realidade – relação do *Innenwelt* com o *Umwelt*. Representação que possibilita elaborar as fantasias de uma imagem despedaçada do corpo no sentido de uma totalidade, e que é base para outras elaborações do eu a partir do contato com o mundo. Logo, a conclusão do estágio do espelho, por gerar uma identificação com a imago semelhante, instaura a dialética da relação do eu com o mundo socialmente partilhado.

O corpo tem também papel fundamental nas proposições teóricas de Dolto (1992), psicanalista pós-lacaniana que se baseia nas proposições do autor mas também apresenta suas próprias construções. As considerações de Dolto serão trabalhadas um pouco mais detidamente. A autora discute a questão a partir da contraposição dos conceitos de esquema corporal e imagem do corpo. O esquema corporal trata-se do corpo físico, o corpo como é visto pelos outros; é uma realidade de fato. Já a imagem corporal é uma formação inconsciente, e é dessa forma peculiar a cada um, podendo tornar-se em parte pré-consciente se associada à linguagem. Dolto aponta ainda que a imagem corporal é síntese viva das experiências emocionais, considerando-a como uma encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante, que se constitui mesmo antes que o sujeito forme seu Eu.

Dessa forma, a imagem do corpo é ao mesmo tempo uma memória inconsciente do vivido, mas ainda assim atual e dinâmica, narcísica e inter-relacional. Assim, é pela imagem do corpo, suporte do narcisismo, que o passado inconsciente se mostra nas relações presentes, no aqui e agora. Portanto é a imagem do corpo que, sustentada pelo esquema corporal, torna possível a comunicação com o outro. Cabe destacar que a imagem corporal, como elemento pertencente ao campo simbólico, não pode ser acessada diretamente, em sua realidade, mas pode passar por uma tentativa de representação e significação por meio da linguagem ou, como descobre Dolto, por meio dos desenhos.

Dolto (2008) em entrevista a Nasio, afirma que seu interesse pela questão da imagem se deve à sua manifestação implícita na fala dos adultos, e que por sua vez se mostra de forma clara na expressão de crianças por meio de desenhos ou modelagens. O desenho sempre remonta àquele que o fabrica, representado eletivamente em uma das partes. Em sua clínica com crianças, destaca a necessidade de fazer o desenho falar, não por uma interpretação direta do desenho ou mesmo da criança, mas incitando-a a elaborar sentidos sobre a imagem que constrói e posicionar-se nela, através de perguntas como “Onde você está no desenho? Onde você estaria se estivesse no desenho?” (Dolto, 2008, p. 11). O desenho manifesta as fantasias da criança em torno da imagem do corpo, instrumento de investigação das experiências emocionais do sujeito, remetendo às suas experiências perceptivas e relacionais; o desenho tem função mediadora na medida em que viabiliza a existência concreta da imagem inconsciente do corpo. O desenho, tal como a linguagem, é assim via de acesso e investigação da imagem do corpo.

A autora esclarece ainda que o que denomina imagem inconsciente do corpo se refere a uma imagem que desaparece com a imagem especular, a que é devolvida pelo espelho, visto que ela não existe na realidade (materialidade). Não se trata de uma imagem especular; é, ao invés disso, uma imagem não especular, resto psíquico gerado na relação

com a linguagem – linguagem essa que é incapaz de uma representação total da realidade que traduz e, por conseguinte, deixa restos. A entrada no universo da linguagem é que permite também a inserção na cultura, marca sua relação com os outros e sua constituição, pela relação com a mãe, de uma imagem do corpo que se firma no tempo e espaço. Com isso, nota-se que enquanto o esquema corporal possui materialidade, a imagem corporal não existe na realidade, ou seja, trata-se de uma formação inconsciente e que por isso só possibilita acesso indireto.

O espelho é para Dolto (2008), assim como para Lacan, peça chave na constituição da imagem do corpo. No entanto, os dois autores têm distinções teóricas quanto à função do objeto nesse processo. Dessas diferenças, uma delas será pertinente para a análise proposta a seguir, a que se detém sobre o impacto afetivo gerado pelo contato com a imagem especular que se forma. Lacan (1998) reconhece o que chama de “jubilação” frente a imagem que se opõe à criança, numa concepção de um impacto afetivo positivo mediante a presença da imagem globalizante. Dolto, por sua vez, segue uma direção contrária na medida em que postula que a imagem especular promove uma forma de castração simbólica. Eis uma imagem que desafia o sujeito, o atinge como uma dolorosa constatação, em especial porque instala para a criança a necessidade de superar o fato de que ela não corresponde à imagem que o espelho reflete.

O aprofundamento em certas conceituações que permeiam o texto, tais como a noção de castração ou de estágio simbólico não será detalhada aqui, posto que o foco nesse momento é buscar elementos para pensar sentidos quanto a imagem, o corpo e mesmo a relação com o espelho. Os modelos apresentados auxiliam principalmente a pensar nesse processo do sujeito de identificação consigo, quais relações oferecem a ele reflexos de sua imagem, de que forma as imagens formadas são integradoras ou desestabilizantes, ou mesmo em que medida elas são aceitas ou refutadas. Tal análise

pretende também indagar sobre a posição ocupada pelo sujeito, que realiza ele próprio um exame das imagens que lhe são devolvidas para qualificá-las, e do confronto com o social, na presença do olhar de um outro que é capaz de apontar nuances de mudança não detectados pelo sujeito, ou ainda quando o reconhecimento das transformações no sujeito só se tornam aparentes para ele quando é capaz de notá-las em seus pares.

Tais situações ocorrem na narrativa de diversas maneiras, como será demonstrado a seguir pela apresentação dos trechos selecionados. A seleção teve como critério identificar situações em que há uma indagação de si e dos outros que remete à relação com a imagem e o corpo descrita. A interação com Rosa Cabarcas e posterior avaliação da imagem de si a partir dessa relação é recorrente na narrativa e a personagem é anunciada já na primeira página:

Lembrei de Rosa Cabarcas, a dona de uma casa clandestina que costumava avisar aos seus bons clientes quando tinha alguma novidade disponível. (...) Era um pouco mais nova do que eu, e não sabia dela fazia tantos anos que podia muito bem estar morta (García Márquez, 2008, p 7).

É relevante notar que, embora seja Rosa Cabarcas mais nova do que ele, a velhice dela é a ele mais aparente, como se fará notar nos trechos apresentados adiante. Mesmo nessa primeira menção, em que ela pela avançada idade poderia muito bem estar morta, já que não se tem tido notícias, e ele na mesma situação, por sua vez com mais idade, está ainda vivo e bem. O escrutínio das modificações físicas e comportamentais de Cabarcas é retomado algumas vezes, de modo que tal atitude permite ao protagonista ora negar a velhice em si mesmo ao projetá-la no outro, ora reconhecê-la em si a partir da constatação de seus efeitos nesse outro.

Não preciso nem dizer, porque dá para reparar a léguas: sou feio, tímido e anacrônico. Mas à força de não querer ser assim consegui simular exatamente o contrário. Até o sol de hoje, em que resolvo contar como sou por minha livre e espontânea vontade, nem que seja só para alívio da minha consciência (García Márquez, 2008, p 8-9).

O excerto, localizado também nas primeiras páginas, apresenta já ao leitor indícios do que motiva o relato do narrador. A composição leva a crer que se estará diante das memórias desse narrador, o que de fato ocorre, e curiosamente nem sempre a partir da apresentação de si, mas também pela configuração dos espaços e personagens com que interage. O sujeito que se faz conhecer pelo seu entorno, como se a representação de si fosse algo inacessível e que só pode ser vislumbrada pelas partes das imagens a seu redor. Anuncia-se no título: *Memórias de minhas putas tristes*. Há a tentativa, como anunciada, de refazer o caminho das lembranças do narrador, entretanto, em uma história que só pode ser contada pela interferência de outrem; uma memória que não pode ser acessada em si mesma, mas pela retomada da memória de suas putas tristes, seus romances fugidios, suas experiências de cabaré que remontam à juventude perdida. Nessa narrativa, como em tantas outras, para dizer de si mesmo é necessário enunciar o outro.

O relato adquire inclusive o peso de uma herança, como pode notar-se um pouco adiante:

Dito às claras e às secas, sou da raça sem méritos nem brilho, que não teria nada a legar aos seus sobreviventes se não fossem os fatos que me proponho a narrar do jeito que conseguir nesta memória do meu grande amor (García Márquez, 2008, p 11).

Dentre os adjetivos utilizados pelo personagem para se descrever, um requer olhar mais atento: o termo “anacrônico”. Anacrônico se refere ao que apresenta anacronismo, que contraria a cronologia, ou ainda que está em desacordo com os usos e costumes de uma época. É possível reconhecer no personagem indicativos de anacronismo, presentes em seu apreço pelos clássicos e pelo latim, sua insistência em dado momento que suas crônicas sejam publicadas em sua própria caligrafia e não batidas à máquina como todo o conteúdo do jornal. O uso do termo anacrônico demarca que seus interesses são incomuns nesse tempo presente, o que o diferencia e/ou o segrega, e traz à tona um passado não tão distante em que os valores descritos seriam valorizados socialmente. Seu anacronismo denuncia um deslocamento; um sujeito que não pertence devidamente ao próprio espaço e nem ao próprio tempo.

O personagem insere então uma avaliação de si a partir da configuração da imagem de seus pais:

Nessa época ouvi dizer que o primeiro sintoma da velhice é quando a gente começa a se parecer com o próprio pai. Devo estar condenado à juventude eterna, pensei então, porque meu perfil equino não se parecerá jamais ao caribenho cru que era meu pai, nem ao romano imperial de minha mãe. A verdade é que as primeiras mudanças são tão lentas que mal se notam, e a gente continua se vendo por dentro como sempre foi, mas de fora os outros reparam (García Márquez, 2008, p. 13).

No excerto é possível reconhecer uma percepção de si que passa por um exame direcionado ao exterior: o sujeito não é comparado consigo mesmo, mas com um elemento externo que permitirá qualificar o quanto há correspondência ou não. O modelo para exame nesse momento são os pais, em especial o pai, progenitor do mesmo gênero

e portanto mais provável em apresentar características físicas semelhantes às do sujeito. Na fala, essa equivalência na aparência entre o sujeito e o pai é o que levaria a uma percepção inegável da velhice, sinal de que a imagem, motivada pelo envelhecimento, de alguma forma transcende o sujeito, oferecendo como reflexo um outro, um velho que guarda ainda certa semelhança com o sujeito refletido.

É válido questionar no entanto se a percepção do indivíduo em relação aos pais não resulta sempre em concebê-los como sujeitos envelhecidos, visto que há necessariamente uma lacuna etária que se coloca desde o princípio; pai e mãe, ou mesmo estendendo-se aos adultos que participam da criação e socialização da criança, não representariam imagens de maturidade, completude, ou até, desde seus primórdios, uma imagem de velhice? Se a imagem de si se constitui também em relação à imagem do outro, não seriam os pais exatamente um anúncio das configurações futuras? É dessa forma que o não reconhecimento no pai, com o passar da imagem, é para o personagem uma forma de alívio, pois não instaura a certeza indubitável da velhice, mas uma vacilação constante: a imagem que de fato exibe no mundo é a mesma que guardo na memória?

Em outro momento do romance, ao pousar o olhar detidamente sobre Rosa Cabarcas, o personagem assimila as transformações impostas sobre o corpo devido ao trabalho do tempo, e é evidente para ele que ela não pode ser a mesma que já foi. Será a velhice dela mais evidente a ele que a sua própria? Pode-se supor que sim, visto que para ele é mais fácil, simbolicamente, apropriar-se das alterações externas da amiga porque a compreende em um campo de movência. Ao contrário da visão de si, em que ele elege uma imagem que, sustentáculo de sua identidade e sua condição de sujeito, recebe a ilusão da permanência. O exame que faz de Rosa Cabarcas reflete ainda o imaginário social de uma questão de gênero, em que é seu olhar masculino que, detendo-se sobre ela, exige

que conserve os atributos de uma aparência física atrativa e desejável relativa a um corpo jovem. Tal exigência não recai sobre ele com o mesmo vigor; aos homens não se espera que mantenham em todas as etapas da vida a beleza característica da juventude.

Não parecia a mesma. Havia sido a cafetina mais discreta e por isso mesmo a mais conhecida. Uma mulher corpulenta que queríamos coroar sargenta dos bombeiros, tanto pela corpulência como pela eficácia para apagar os candeeiros da paróquia. Mas a solidão tinha diminuído seu corpo, havia acanelado sua pele e aveludado sua voz com tanto engenho que parecia uma menina velha. De antes, só lhe restavam os dentes perfeitos, com um que tinha mandado forrar de ouro por coqueteria (...). Sentei-me no banquinho de espera enquanto ela se desocupava e tentei reconstruí-la na memória tal como ela havia sido (García Márquez, 2008, p. 27-28).

Beauvoir (1970) destaca esse aspecto inter-relacional da velhice, em que se trava uma relação dialética do ser com o outro, e parte dessa relação a tomada de consciência de si. O velho é sempre o outro; a imagem externa a que têm acesso aqueles com quem se convive não está em consonância com a experiência interior vivida, e as mudanças, transcorridas de forma lenta e gradual, não geram alarde. Como dito no trecho do romance inscrito anteriormente, por dentro o indivíduo continua a se sentir como sempre foi, mas por fora, confrontados pela imagem modificada, os outros notam.

Desse modo, Beauvoir (1970) compreende que quando a adaptação ao envelhecimento se desenrola calmamente, sem sobressaltos, o sujeito não constata a própria velhice, posto que ela é vista com maior clareza aos olhos do outro. A autora comenta além disso da surpresa que a atinge ao, já passados os anos, encontrar-se com alguém da mesma idade. A visão provoca perplexidade e sendo capaz de reconhecer a

amplitude da mudança que recai sobre o sujeito, o outro, é impossível não questionar-se quanto à mudança que atinge a si mesma. É assim que a revelação da própria idade emerge de fora, quer pelo apontamento dos sujeitos em torno, quer pelo reconhecimento de que aqueles com quem se identifica já não são os mesmos.

Tal dinâmica está em questão no recorte acima. O exame que o personagem faz de Rosa Cabarcas, vista como um de seus pares, é minucioso e abarca os múltiplos aspectos em que se instalou sobre ela uma alteração física em decorrência da idade. Por fim, o desejo de tentar construí-la pela memória como ela um dia havia sido. Percepções e reflexões do personagem que contribuem para moldar a sua própria imagem, que posta à prova em relação ao olhar sobre a amiga evidencia que para ele também não foi possível sobreviver incólume ao tempo vivido. Posteriormente na narrativa, um diálogo travado por eles encena novamente essas questões: “É que estou ficando velho, disse a ela. Já ficamos, suspirou ela. Acontece que a gente não sente por dentro, mas de fora todo mundo vê” (García Márquez, 2008, p. 109).

É recorrente na narrativa o impacto causado no personagem como efeito das avaliações externas. Na relação com os outros, pode-se supor mesmo certa expectativa da parte dele quanto aos resultados dessa avaliação. O exame dos outros têm a capacidade de validar ou questionar a imagem que constrói de si. A seguir, o trecho referente a um diálogo travado com um oficial militar que realiza patrulha no parque: “O senhor trabalha em quê? Sou jornalista. Desde quando? Faz um século, respondi. Não duvido, disse ele (García Márquez, 2008, p. 60).”

Em outro momento, quando negocia com o vendedor a compra de uma bicicleta: “Ao vendedor que me perguntou a minha idade respondi com a graça da velhice: Vou

fazer noventa e um. O empregado disse exatamente o que eu queria: Pois parece vinte a menos (García Márquez, 2008, p. 81).”

Em vista dos apontamentos feitos, conclui-se que a percepção de si e construção da própria imagem não se trata de uma prática isolada do sujeito, mas que só pode ser significada no contexto de suas relações sociais. Será, assim, pela inserção no social e na cultura que se fundam as bases para conhecimento de si, ou seja: o modo como o homem percebe, faz uso e produz sentido sobre o próprio corpo só pode ser pensado de forma contingente. Nesse sentido é possível retomar Foucault (2014b), a partir da noção de um sujeito que não pode ser concebido como origem de seu próprio discurso pois este não só se configura sempre em uma rede de outros discursos, em um movimento de interdiscursividade, como também aquilo que pode ser dito remete sempre às condições de produção que delimitam a emergência de certos discursos e não de outros.

Em seguida, a passagem coloca em evidência a relação com o espelho como desencadeador do confronto do sujeito com a própria imagem:

Antes de sair cheguei perto do espelho da pia. O cavalo que me olhou do outro lado não estava morto mas lúgubre, e tinha uma papada de Papa, as pálpebras inchadas, e mirradas as crinas que haviam sido minha melena de músico. - Merda – eu disse a ele -, o que é que eu posso fazer se você não gosta de mim? (García Márquez, 2008, p. 33).

Foucault (2006) avalia a época atual como um momento em que há predomínio da categoria do espaço em detrimento da categoria de tempo, e em vista disso se propõe a analisar os espaços do fora; e esses, como pontuado pelo autor, não se constituem como vazio, mas como espaços heterogêneos, que contêm um conjunto de relações e demarcam posicionamentos intransponíveis. Um dos espaços caracterizados é justamente o espelho.

Foucault delimita os espaços utópicos, que define como posicionamentos que não têm lugar real, e os espaços heterotópicos, que são uma espécie de utopia concretizada no real, que podem ao mesmo tempo se comportar como representantes, contrastantes ou invertidos em relação aos espaços do real: localizáveis efetivamente, apesar de estarem fora de todos os lugares. A partir disso, o espelho como experiência mista e mediana.

O espelho é lugar sem lugar, logo uma utopia. Espaço que se abre atrás de uma superfície, virtualmente, que convoca o sujeito a ver-se onde ele já não se encontra e com isso instaura para ele o paradoxo de se perceber onde não está, presenciar-se enquanto ausência. É, porém, também heterotopia: possui lugar, materialidade, e em função da irrealidade refletida há um retorno para um espaço que é real, presença que é evocada na virtualidade da imagem. Efeito retroativo que permite partir do olhar que se forma na imagem para constituir-se onde está, ou seja, o lugar real que ocupa o sujeito que mira seu reflexo. Assim:

O espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe. (Foucault, 2006, p. 415).

Nessa perspectiva, o espelho como espaço instala sem contudo solucionar o paradoxo da ausência/ presença, realidade/irrealidade, materialidade/virtualidade. Além dos posicionamentos quase inconciliáveis listados e que instituem o enigmático objeto, há uma incongruência relatada pelo personagem quando compara a imagem devolvida pelo espelho da imagem de si que carrega na memória e que molda sua expectativa perante o confronto especular. O que vê no espelho não são suas melenas de músico, mas

mirradas crinas, características do que o sujeito projeta de si: a representação de um cavalo não morto, mas lúgubre. Como conciliar a discrepância da memória de si e da imagem especular? Imagem que pode também ser questionada, visto o espelho em sua virtualidade, presentificando o que de fato se encontra em outro lugar. Não seria o espelho a fonte do engano, transmitindo uma imagem distorcida, tal como na atração circense de uma casa de espelhos?

Nesse contexto, Gama-Khalil (2010) compreende o espelho a partir da noção de atopia. O espelho é espaço privilegiado de representação das atopias, posto que essas se referem a uma experiência complexa e mediana: espelho que remete à desordem pois é, a um só tempo, utopia e heterotopia. Configura-se como utopia na medida em que o espaço engendrado pela imagem especular não corresponde a uma materialidade, visto que o lugar em que se encontra o reflexo não existe de fato; porém comporta-se como heterotopia pois o espelho possui existência e gera um efeito retroativo que remete a um sujeito real. A partir desse paradoxo, a relação com o espelho é o que permite ao sujeito perceber-se presente no espaço de sua ausência – o reflexo.

Autoras como Goldfarb (1998) apresentam considerações sobre a velhice fundadas na relação especular. Ela caracteriza as transformações estéticas da velhice em torno do que compreende como espelho negativo. Nesse sentido, o contato com o espelho gera espanto no sujeito, acompanhado da frustração de não se reconhecer na imagem que o objeto lhe devolve. A autora relata também a sensação do sujeito que envelhece frente ao espelho, como se um relógio que antes marcava a mesma hora começasse, repentinamente, a funcionar, ou seja, como se a hora da juventude, começasse, de repente, a se esvaír, revelando aos poucos, uma aparência modificada do corpo, como se retocada às avessas pelo tempo.

Beauvoir (1970) aponta a velhice como um dos irrealizáveis sartreanos, bem como a morte, o que equivale a uma realidade que o sujeito não é capaz de apreender no que concerne a si mesmo, e só é capaz de aceitá-la quando a reconhece no outro. Dessa maneira, é possível de fato apropriar-se da morte do outro, mas não da própria; apreender a velhice alheia, mas não a que encarna em si. Em vista disso, e retomando a proposição de Dolto acerca do impacto afetivo do confronto com o espelho que resulta numa frustração pois não corresponde à expectativa do sujeito, não seria a imagem de si também um dos irrealizáveis sartreanos, que não pode ser elaborada de modo total? Se existe uma imagem de si que o espelho é capaz de frustrar, é possível conceber que a identificação completa se mostra uma impossibilidade – e não apenas em relação à velhice, mas a todas as etapas da vida, é importante destacar. Portanto, se a incapacidade de conceber totalmente a própria imagem é um movimento que remete à existência, por que localizá-lo com tanto afínco no período da velhice?

Ocasão na narrativa que merece destaque ainda nessa problemática é a que ocorre no contato do personagem com o novo retrato tirado na redação do jornal, no dia de sua festa de noventa anos. Antes dessa, havia sido tirada há muitos anos outra fotografia, que contemplava os primeiros integrantes e fundadores do jornal e mostrava o personagem em sua juventude. Segue o relato:

A enorme sala principal estava presidida pela fotografia gigantesca da redação atual, feita na tarde do meu aniversário. Não consegui evitar a comparação mental com a outra, dos meus trinta anos, e uma vez mais comprovei com horror que se envelhece mais e pior nos retratos que na realidade. (García Márquez, 2008, p. 95-96).

Pode-se elencar aproximações de sentidos no contato com o retrato com aqueles elaborados em torno da relação com o espelho. O retrato trabalha, talvez de forma mais marcada, a dialética ausência/presença. A imagem do personagem na fotografia existe, enquanto presença, para atestar por sua ausência: não é ali que se encontra o sujeito. Porém, distintamente do espelho, que ao mostrar um espaço onde não se localiza o objeto permite rastrear o real que se busca refletido, o retrato não corresponde a um real. Dinâmica interessante que abrange inclusive a noção de representação discutida na literatura, ao se tratar de uma expressão artística – a fotografia, nesse caso – que não pode ser mera representação, visto que não há um correlato do que ela expõe no mundo material, embora houvesse em algum momento. A fotografia instaura em si um real, livre da incumbência de representar o mundo concreto, e assim ampliando a percepção de irreabilidade que toma conta do sujeito ao deparar-se com o que vê.

Barthes (2015) detém-se sobre essa relação travada com a fotografia:

O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Nela, o acontecimento jamais se sobrepassa para outra coisa: ela reduz sempre o corpus de que tenho necessidade ao corpo que vejo, ela é o Particular absoluto, a Contingência soberana, fosca e um tanto boba, o Tal (tal foto, e não a Foto), em suma a *Tique*, a Ocasão, o Encontro, o Real, em sua expressão infatigável (Barthes, 2015, p. 14. Grifos do autor).

Assim a fotografia ocorre no campo de possibilidade de uma dualidade constitutiva, paradoxo insolúvel de efemeridade e estabilidade imutável, ou como descreve Barthes, imobilidade fúnebre. O instante captado pela objetiva da máquina não poderá jamais se repetir; ele atinge a morte no momento mesmo de sua captura, posto que

no instante seguinte aquela imagem já se desmonta. Na narrativa, a fotografia é instrumento que permite disparar no personagem diversas indagações, na medida em que é colocada então concretamente a questão da dicotomia de como ele se vê e como ele é visto. A fotografia tirada há cerca de sessenta anos na redação é prova cruel de que apesar de que ele continue se sentindo como sempre foi, há alterações em curso que modificam o modo como ele é.

Barthes (2015) aponta que a foto é objeto de três práticas: o *Operator*, que seria o fotógrafo, o *Spectator*, aqueles que consomem a imagem formada, e o *Spectrum*, o alvo ou referente, espécie de simulacro que é o objeto captado pela lente. A escolha pelo termo *Spectrum*, afirma o autor, deve-se à raiz da palavra, que mantém ligação com “espetáculo”, com o acréscimo desse quê de terrível que há em toda fotografia: o retorno do morto. Tal constatação ratifica os apontamentos voltados aos efeitos da fotografia no personagem. O que o contato com a foto de tantos anos provoca nele é de fato um retorno do morto: o sujeito que se encontra eternizado ali estava morto, como se apontou, desde o instante seguinte à captura da imagem. O corpo que existe naquela fotografia, o Real ali presente, não possuirá nunca uma correspondência ao Real da existência. A foto mostra a ele, sem escapatória, que o modo como ele se vê por dentro – o modo como sempre foi – não existe, e pela distância irrevogável entre a realidade e a imagem do corpo, certamente nunca terá existido.

Sobre essa inconsistência do sujeito com a imagem fornecida pela fotografia, Barthes (2015) declara:

Eu queria, em suma, que minha imagem, móbil, sacudida entre mil fotos variáveis, ao sabor das situações, das idades, coincidissem sempre com meu “eu” (profundo, como é sabido); mas é o contrário que é preciso dizer: sou “eu” que não

coincido jamais com minha imagem; pois é a imagem que é pesada, imóvel, obstinada (por isso a sociedade se apoia nela), e sou “eu” que sou leve, dividido, disperso e que, como um ludião, não fico no lugar, agitando-me em meu frasco (Barthes, 2015, p. 19).

Ainda com base em Barthes, pela fotografia vê-se a si mesmo, não como no espelho; como uma dissociação da consciência e da identidade, o que a foto leva ao sujeito é um outro, um duplo – o si mesmo como um estranho. A postura indicada é exatamente a que é adotada pelo personagem, que em suas reflexões e avaliações mostra grande dificuldade em digerir suas imagens distintas e o trabalho de fazer com que elas coincidam lhe parece impossível. A imagem da foto recente, a da foto antiga, a do espelho, a que ele guarda na mente: partes de um quebra cabeça inconciliável.

Além dessa tentativa de apontar a constituição do sujeito enquanto tal e sua imagem pela relação com os outros, há outra perspectiva que permite agregar sentidos no entendimento buscado: a que apreende a formação do sujeito a partir dos espaços que ocupa.

Nessa configuração do sujeito a partir dos espaços, pontuam-se três espaços decisivos para sua subjetivação. Os dois primeiros podem ser entendidos como opostos e complementares: o primeiro, sua casa, e mais particularmente sua biblioteca. É este um lugar de permanência, em que, ao contrário de outras situações em que o que é velho é visto como fruto de desgaste, ali as coisas permanecem exatamente como são e seu valor está contido nisso. A casa se conserva da mesma forma desde que eram seus pais que a habitavam, salvo os objetos que foram vendidos por falta de uso; a biblioteca remonta a uma sensação de familiaridade e conforto, remete ao tempo gasto despretensiosamente

com leituras realizadas por simples prazer estético. Na biblioteca, não se cobra ser produtivo ou estar atinado com as mudanças do mundo; o efêmero pôde se delongar ali.

Escrevo esta memória no pouco que resta da biblioteca que foi de meus pais, e cujas estantes estão a ponto de desmoronar graças ao trabalho paciente dos cupins (...). À diferença de outros móveis, e de mim mesmo, a mesona em que escrevo parece melhor de saúde com o passar do tempo, porque foi fabricada com madeiras nobres por meu avô paterno que era carpinteiro de navios (...). Faz tempo que nos impuseram no jornal a ordem de escrever à máquina para melhor cálculo do texto no chumbo do linotipo e maior acerto na hora de armar a página, mas nunca me dei a este mau hábito. Continuei escrevendo à mão e transcrevendo na máquina com um agudo picotar de galinha, graças ao privilégio ingrato de ser o empregado mais antigo. Hoje, aposentado mas não vencido, gozo do privilégio sacro de escrever em casa, com o telefone fora do gancho para que ninguém me perturbe, e sem censor que espreite o que escrevo por cima de meu ombro (García Márquez, 2008, p. 37-39).

No espaço do familiar e seguro, ele pode então seguir seu trabalho de cronista como sempre fez, alheio às inovações tecnológicas ou novas regras de conduta imposta, posto que sua peculiar situação de “aposentado mas não vencido” o concede o privilégio de manter-se em um tempo que, diferente do agora, não escorre pelos dedos.

O espaço que funciona em oposição à biblioteca é o da redação do jornal em que ele trabalha, entregando todas as sextas-feiras a crônica que será publicada no domingo. Nesse caso, já é posta em voga a lógica de produtividade, de prazos a cumprir e do tempo que deve ser meticulosamente organizado. A redação em dado momento está em reforma, denotando que ali o tempo não pode se estacionar, deve estar em movimento, o novo deve

logo vir a substituir o velho e sem uso. Outro indício é a fotografia nova, tirada na ocasião de comemoração dos noventa anos do personagem, que sugere-se em breve tornar-se substituta da fotografia anterior, aquela da outra equipe, tirada há sessenta anos e que sobre as cabeças dos que já faleceram, num gesto de mau gosto, foram desenhadas cruzinhas.

Em certo momento o personagem comenta os efeitos da chegada do século XX no jornal, circunstância que relega suas crônicas para a página onze:

O progresso se transformou no mito da cidade. Tudo mudou; (...). A única coisa que permaneceu igual foram minhas crônicas no jornal (...). O mundo avança. Sim, respondi, avança, mas dando voltas ao redor do sol (...). Lá estavam minhas crônicas dominicais, como uma relíquia arqueológica entre os escombros do passado, e se deram conta de que elas não eram só para velhos mas para jovens que não tiveram medo de envelhecer. A crônica voltou então à seção editorial e, em ocasiões especiais, à primeira página (García Márquez, 2008, p. 44-45).

O uso dos vocábulos “relíquia” e “escombros” sugerem uma relação um tanto contraditória no valor conferido às suas crônicas. Ambos referem-se a objetos antigos, mas enquanto relíquia se refere a um objeto precioso e/ou sagrado, que deve ser guardado, escombros, por sua vez, sugere o oposto, remete a entulho, destroços, coisa antiga que deve ser jogada fora ou não tem mais valor algum. Que suas crônicas são algo do passado que se mantém, resistentes aos efeitos do progresso, não resta dúvidas. No entanto, elas são descritas como relíquias em meio a escombros do passado – e se o passado é visto como escombros, entulho, há de se imaginar que em algum momento suas crônicas também poderão ter igual tratamento, e serem assim destituídas de seu valor. Nesse movimento, também a fala de que o mundo avança em voltas ao redor do sol provoca

certa dúvida quanto à estabilidade das concepções, e sustenta a ideia de que o apreço social dirigido ao trabalho do personagem no jornal nada tem de imutável. Ainda sobre a dialética dos sentidos de relíquia e escombros, é possível evocar o momento em que ele se decide por vender as preciosas jóias, heranças de família, apenas para descobrir que as pedras foram substituídas por cacos de vidro. Também nessa situação, o elemento de inestimado valor é colocado lado a lado com aquele trivial e descartável.

No dia de sua festa de aniversário é que ele se depara com a reforma do prédio: “O edifício estava em obras, com andaimes e escombros frios por todo lado, mas haviam parado as obras para a festa. Numa mesa de carpinteiro estavam as bebidas para os brindes e os presentes embrulhados em papel de seda” (García Márquez, 2008, p. 47). Ele retorna ao jornal alguns dias depois:

O estrondo da reforma do prédio não parecia suportável, o ar estava pesado por causa das marteladas, o pó de cimento e a fumaça de alcatrão, mas a redação tinha aprendido a pensar na rotina do caos. O escritório do diretor, porém, gelado e silente, permanecia num país que não era o nosso (García Márquez, 2008, p. 55).

Em comparação à tranquilidade de sua biblioteca, o espaço da redação do jornal é um espaço bastante aversivo, com intromissão de substâncias e ruídos, espaço que sobrevive em meio ao caos; pode ser visto como metáfora da necessidade de adaptação constante requerida pelo progresso que toma conta. O escritório do diretor, assim, é um país que não é o seu, ou seja, não é um espaço de pertencimento, familiar ou desejável de ser por ele ocupado.

Por fim, o terceiro espaço decisivo para a narrativa é aquele que vai, aos poucos, tornando-se para o personagem um refúgio das forças e exigências externas: o quarto compartilhado com Delgadina, em que noite após noite eles dormem lado a lado, sem

interações sexuais. A princípio, pela grande ansiedade que o assolava da primeira vez que se encontram ali, o lugar é visto como um tanto inóspito. Porém, aplacado o nervosismo, ele passa a perceber a paz conquistada na companhia legítima que encontra na menina, e que é encontrada justamente quando se descarta a obrigatoriedade da relação sexual.

Ele começa a aproximar-se da menina, e já na segunda noite, por desconhecimento de seu nome, decide atribuir-lhe um: Delgadina. Dali em diante, ele passa a evocá-la nos outros momentos de sua vida, em que não está em sua companhia. As lembranças são involuntárias e lhe provocam uma espécie de ternura; logo, ele vai imaginando que ela está consigo em sua casa, em sua biblioteca. Os espaços de segurança para ele aos poucos permitem a presença de Delgadina tal como ele a forja em suas fantasias.

Eu a havia sentido tão perto durante a noite que sentia o rumor de seu respirar no quarto de dormir, e a pulsação de sua face em meu travesseiro (...). Eu me lembrava de ter subido no escabelo da biblioteca e a recordava desperta com seu vestidinho de flores recebendo os livros para colocá-los a salvo (García Márquez, 2008, p. 68).

Nos encontros seguintes no bordel, ele traz vários objetos de casa, ventilador, quadro, flores; em outro momento um rádio e livros. O espaço impessoal vai sendo moldado por ele como espaço de familiaridade e também de conquista da garota adormecida. Delgadina assim passa a parecer-se mais viva em suas fantasias do que vista em carne e osso.

À guisa de tentar fornecer um fechamento para todas as perspectivas apresentadas, busca-se reafirmar que a imagem de si elaborada pelo personagem é, a todo momento, relacional. É pelo encontro com a alteridade – seja ela relativa a pessoas, espaços, ou

mesmo a do estranho provocado pelas inesperadas configurações de si, como no espelho e na fotografia – que se forma o sujeito, e que se possibilita a elaboração de uma imagem de si, inconsciente, simbólica, inserida na linguagem e cultura, a partir da qual o sujeito experimenta o mundo. A própria imagem: sustentáculo da integridade psíquica e da identidade, reflexo dos movimentos do eu, e que só é possível pela contribuição do outro.

5. DA VIRILIDADE COMO DISPOSITIVO ORGANIZADOR DA SEXUALIDADE E DA IDENTIDADE

Sohn (2011) procede em apresentar uma construção histórica do corpo sexuado e as questões envolvidas por essa problemática, e já inicia seu percurso posicionando no século XX uma atenção voltada a este objeto que, em sua intensidade, era então inédita. Devido a essa centralidade, as práticas e discursos que tratam da sexualidade vão se desvinculando de seu lugar de clandestinidade e irrompendo na vida pública e nas questões políticas. Dessa retomada de Sohn, cabe destacar alguns pontos que serão importantes na compreensão do cenário contemporâneo e nas situações marcantes no romance analisado.

A autora retrata um movimento de medicalização da sexualidade, em consonância com o projeto maior de medicalização da sociedade, que abrange práticas e representações sexuais, quer reais ou fantasiosas, e que segue destinos marcadamente distintos para homens e mulheres. O corpo feminino é desde o começo alvo de cuidados relativos à reprodução, e mais tarde à contracepção; as funções sexuais masculinas recebem o olhar da medicina algum tempo depois, com a concepção de uma nova forma de abordar a impotência que é a base para a comercialização do Viagra, em 1997. Dessa forma, a impotência sofre uma abolição da interpretação psicopatológica para aderir a uma explicação puramente orgânica, que é prontamente midiaticizada. Entendida como uma afecção orgânica assim como qualquer outra, só restava então à indústria farmacêutica investir no lançamento de um produto que suprisse a demanda que surgia pela criação da condição denominada disfunção erétil. A partir disso, foi cada vez menos tolerado o declínio sexual decorrente da idade.

Brigeiro e Maksud (2009) investigam a implantação do medicamento Viagra no cenário brasileiro e reconhecem que há uma construção midiática em torno do produto que atinge uma importância maior do que a lógica do discurso médico e da prescrição da droga por especialistas. A divulgação em torno do Viagra na época analisada é muito mais expressiva que qualquer tipo de medicamento até então, mencionados em maior profusão mesmo em relação a Prozac (indicado para depressão), reposição hormonal para mulheres na menopausa ou disponibilização gratuita de fármacos para pessoas infectadas com o vírus HIV. Posto isso, é evidente que a aparição do Viagra é sintomática no que tange às concepções de corpo, sexualidade e bem estar na contemporaneidade.

Ainda de acordo com os autores citados, as primeiras reportagens, anteriores à liberação do uso da droga no país, apontam a descoberta de um medicamento que seria responsável por revolucionar a vida sexual dos indivíduos, assim como ocorre com a descoberta da pílula anticoncepcional na década de 60. Após a aprovação para comercialização, há registros jornalísticos que tratam da procura menor do que o esperado em decorrência da vergonha associada à necessidade de uso da droga, sendo instituídos em alguns estabelecimentos até mesmo uma linha telefônica especializada para realizar pedidos como maneira de contornar o obstáculo posto. Nesse sentido, a necessidade de preservação do anonimato revela o caráter simbólico do constrangimento, causado pela incapacidade de corresponder às expectativas de virilidade, em uma relação dialética onde seu consumo marca a ausência de um atributo masculino esperado e ao mesmo tempo sua busca, reforçando a dita virilidade como um marcador social exigido deste gênero.

Cabe ainda destacar quanto às investigações do estudo que os discursos construídos acerca do Viagra se fundam no enaltecimento da prática sexual como fonte de felicidade, e que para tanto se centra primordialmente na penetração e na ereção. Os mecanismos para edificação desses discursos ora se voltam à medicalização da

sexualidade e ora se voltam à capacidade plástica do corpo, que se mostra pronto para ser modelado da forma que for necessária motivado pela busca de correspondência ao modelo adequado para satisfação do desejo. Essas questões, que antes eram localizadas mais comumente na esfera privada, têm então ampliada e insistente incidência na esfera pública.

Sohn (2011) remonta também ao século XX dois marcos significativos: a definitiva dissociação entre reprodução e sexualidade e a abertura dessa última a outros campos que não o sistema dos casamentos. Merece destaque ainda, para os propósitos da pesquisa, que se a juventude em pouco tempo já tem sua sexualidade legitimada, para as pessoas idosas o tema se mantém por muito tempo como um tabu, ocultado ou silenciado. Pelos progressos da saúde, que permitem o aumento na expectativa de vida, é que o recuo das práticas sexuais passa a ocorrer mais tardiamente na vida, possibilitando novas abordagens e um desvelamento dessa sexualidade.

As questões da potência sexual presentes na obra fazem emergir a discussão da organização da sexualidade, especialmente, no contexto do romance, pela já avançada idade do personagem. No entanto, o olhar atento sobre os discursos permite entrever que o que está em jogo vai muito além da ruptura do exercício da sexualidade fática: é sua própria condição de homem que é questionada quando ele toma consciência de sua propensão à falha. Para aprofundar tal dinâmica, seguem-se considerações sobre o conceito de virilidade que permitem apreender o movimento de formação da identidade masculina e sua dependência da potência fática.

A virilidade, oriunda da *virilitas* romana, elabora um modelo de homem, consagrado por sua grandeza física, moral, sexual e psicológica; “o viril não é simplesmente o homem: ele é antes ideal de força e de virtude” (Vigarello, 2013).

Pressupõe uma medida de valor, em que o status é conferido àquele que representa o masculino da melhor forma possível. Busca de perfeição que carrega uma severa tradição, em que a falha é uma ameaça de desmoronamento. É o caráter de ideal inalcançável dessa expressão de subjetividade que instaura a vulnerabilidade que a acompanha; qualquer deslize pode comprometer a identidade que vinha sendo forjada. Sublinha-se aqui que o homem viril romano é aquele em posse de sua maturidade, não o adolescente e nem o velho, homem bem desenvolvido e sadio, em pleno funcionamento de seu corpo. Além disso, o homem viril só pode corresponder ao cidadão romano, elite do corpo cívico, membro ativo das atividades políticas (o escravo não é considerado um homem viril).

Como pontuado por Vigarello (2013), o modelo de virilidade proposto pelos romanos foi sendo modificado através dos tempos, visto que é uma construção histórico-social e por isso é reelaborado diante das transformações ocorridas na comunidade. No entanto, subsiste o ideal do viril como medida do homem: o valor conferido a ele socialmente dependerá de sua capacidade em satisfazer as expectativas ditadas por esse modelo. Simbolicamente, a afirmação da virilidade é testemunha de uma potência, símbolo da capacidade do homem de se portar como tal na sociedade de que faz parte.

É nesse contexto que a virilidade, como atesta Bourdieu (2002), se configura como parte de um sistema de economia simbólica. De acordo com o autor,

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo (Bourdieu, 2002, p. 14).

Assim, está inscrito no corpo esse sistema de valores socialmente forjado. E nesse corpo masculino, destaque para o valor conferido ao falo:

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quiddidade do vir, virtus, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual (...). Compreende-se que o falo, sempre presente metaforicamente, mas muito raramente nomeado e nomeável, concentre todas as fantasias coletivas de potência fecundante (Bourdieu, 2002, p. 16).

Uma vez que se trata de um sistema econômico, valorativo, e por isso hierárquico, esse falo não pode ser representativo do vigor e da potência em seu estado flácido; é a ereção sua condição de apresentação, voltada para cima, demarcando seu lugar elevado numa escala socialmente determinada. Há também nesse sentido o vínculo, reafirmado na psicanálise, entre o falo e o logos. Rancière (1996) destaca que o logos, vocábulo grego que refere-se primeiramente à palavra escrita ou falada, vai tendo seu sentido aproximado da ideia de razão. Assim, é possível compreender o termo, nas condições de seu uso na sociedade grega, como a palavra dotada de sentido. Remete à capacidade do homem de fazer-se ouvido, pontuar seus argumentos publicamente nas praças. Imprescindível demarcar que esse espaço público não é tão público assim: só pode fazer uso dele do modo descrito quem tem acesso ao logos, a saber: os indivíduos do sexo masculino, de condição social alta e que não fossem escravos ou imigrantes.

Logo, a condição do falo que dá acesso ao logos reflete um acesso ao discurso e tem assim seus efeitos: o uso dos espaços públicos e ativos é monopólio masculino, bem como a postura do corpo ativa, que se põe frente a frente, olhos nos olhos, e se posiciona para cima, tronco ereto. Essa inscrição corporal de uma hierarquia simbólica também pode ser percebida na apresentação que Foucault (2014c) faz da disciplina direcionada

aos corpos dos soldados, em que ela, de modo semelhante, demarca um lugar altivo, de autoridade e importância.

Retomando a obra, é visto que o protagonista é um homem às vésperas de completar noventa anos, jamais casado e que não declara em nenhum momento interesses reprodutivos, quer na época atual ou na juventude, e que admite que todas as relações sexuais em que se envolveu foram por meio da prostituição – mesmo que as próprias mulheres não quisessem receber dinheiro, ele fazia questão de fornecer o pagamento, posicionando a relação como uma troca de serviços. A chegada dos noventa o faz questionar sua capacidade de ereção, situação que lhe provoca muito sofrimento. Já nessa avançada idade é que começa a se encontrar com Delgadina no bordel de Rosa Cabarcas, também mediante pagamento, mas ao invés das práticas sexuais, ele observa a menina dormir, noite após noite. Aos poucos, a experiência do amor toma conta do personagem de maneira inesperada, posto que ele já não esperava grandes surpresas nessa fase da vida.

Essa dinâmica traçada no romance em relação à sexualidade será perscrutada ao longo dessa seção, com enfoque especial exatamente na ameaça da impotência sexual, que como um fantasma assombra o sujeito e causa o questionamento de sua autenticidade como homem. Introduz-se a análise com os acontecimentos iniciais da narrativa, em que o personagem no dia anterior de seus noventa liga para a conhecida de longa data Rosa Cabarcas e transmite o desejo: uma noite de amor louco com uma adolescente virgem.

Insisti que não, que tinha de ser donzela e para aquela noite. Ela perguntou alarmada: Mas o que é que você está querendo provar a si mesmo? Nada, respondi, machucado onde mais doía, sei muito bem o que posso e o que não posso. (...) Eu repliquei a sério que numa questão dessas, e na minha idade, cada hora é um ano (García Márquez, 2008, p 8).

É essencial para essa discussão o conceito de performatividade de gênero apresentado por Butler (2000). O conceito se refere à capacidade de um indivíduo de agir conforme a expectativa social de acordo com seu gênero: se é mulher, deve se apresentar e se portar como é esperado que uma mulher o faça; se é homem, deve obedecer ao mesmo critério. Retoma-se a constatação de Courtine (2013) de que o discurso não trata apenas de uma realidade linguística, e ultrapassa o conjunto das coisas que se diz por agregar gestos, imagens, práticas, modos de ser e se relacionar. Em concordância a isso, Butler (2000) descarta a caracterização da performatividade como ato singular e deliberado, e ao invés disso a insere numa prática reiterativa e discursiva. O sujeito como um todo é uma superfície a ser lida, e a partir de sua relação com a performatividade de gênero é que esse sujeito se insere na norma ou se afasta dela.

Voltando o olhar ao sujeito, é possível verificar um processo dialético de identificação e desidentificação também a partir das atribuições do gênero, de forma geral. Butler (2000) alerta que não há uma conformidade completa possível, há sempre um desvio quanto ao que é estipulado e que organiza as intervenções realizadas por parte do próprio sujeito ou de seu entorno para aproximá-lo do ideal. A corporalidade normativa deve ser constantemente construída, e a performatividade, constantemente vigiada, justificadas pela incapacidade de corresponder completamente ao modelo vigente. É nessa perspectiva que a subjetivação pelo gênero se dá pela identificação com o que é exigido, em que o sujeito se insere nas séries de práticas ofertadas, e também pela desidentificação, em que o sujeito se recusa e nesse movimento se coloca à margem.

Interessante notar no trecho inscrito a construção “machucado onde mais doía”. Que dor é essa a que se refere na fala? A possível perda da potência sexual aqui não denota um lamento pela limitação das experiências sexuais, mas denuncia algo mais profundo: a ameaça de perda de identidade masculina. Incapaz de proceder de acordo

com as condutas estabelecidas como normas para um homem macho, viril, o sujeito pode ainda se considerar um “homem de verdade”? Se o macho da espécie é aquele de quem é cobrado oferecer uma disponibilidade sexual constante, como continuar se adequando ao papel estabelecido quando não é mais possível arcar com essa oferta? Percebe-se, nesse contexto, uma identidade masculina subordinada a um ideal de virilidade, ideal que aqui só pode ser alcançado mediante a autenticação da potência fállica. O que desmorona com o fantasma da impotência não é somente a organização da sexualidade, mas como dito, da identidade; ser reconhecido como um homem adequado às prescrições de gênero requer a certeza da força fállica.

Também no trecho “Mas o que é que você está querendo provar a si mesmo ?” é possível perceber o corpo e o sexo como resultado de construção e local de inscrição discursiva. O corpo que se exige aqui não é o natural – natural como um corpo que estaria pronto *a priori*, anterior à sua inscrição na cultura, sem necessidade de ser regulamentado e domesticado. Constata-se que o corpo e o sexo, mesmo em face de sua materialidade, tampouco se constituem como uma realidade pré-discursiva. É o discurso concernente à performatividade de gênero que apresenta o ideal a que os corpos devem regular-se; não há construção e apropriação do corpo anterior ao discurso. O corpo deve ser moldado, e feito isso, deve ser constantemente avaliado; nas leituras feitas dele é que é posta à prova sua capacidade de adequação à norma. Caso falhe, seu lugar é destinado junto daqueles que também não foram capazes de se inserir socialmente como previsto.

Badinter (1993) discute essa formação da identidade masculina vinculada à adequação a uma concepção de virilidade, concepção essa que, como todos os elementos da cultura, é efeito de uma construção. A autora em alguns momentos enfatiza a necessidade de se passar por uma prova de virilidade para que se possa merecer o título de homem. Afinal, como declarado por Bourdieu e retomado por ela: “Para louvar um

homem, basta dizer que ele ‘é um homem’ (Badinter, 1993, p. 4-5). Em seus estudos antropológicos, a pesquisadora encontrou tribos que se organizam de forma concreta em torno da necessidade de provas de virilidade. São esses rituais trabalhosos, dolorosos e algumas vezes de longa duração – há tribos em que o jovem do sexo masculino deve passar quinze anos afastado de sua família, participando de cerimônias, para conseguir provar-se como homem. Ser um homem viril, legitimamente reconhecido, demarca uma posição de poder, prestígio e respeito; dessa forma, os sujeitos desejosos de ocupar esse lugar devem mostrar que possuem o vigor físico e moral que os torna merecedores de ocupá-lo.

Nas sociedades modernas, a ideia de prova da virilidade não é tão literal: não se exigem rituais do menino, ou ele não será fisicamente excluído do contato com seus próximos caso não seja capaz de cumprir os requisitos estabelecidos. No entanto, é claramente exigido uma certa performatividade do sujeito, e que longe de se restringir a um intervalo de tempo ou etapa da vida, acompanha-o por todo o tempo, reforçando que a alcunha de homem deve ser continuamente honrada, sob o risco de perda da altivez simbólica que tal posto prevê. Assim, como esclarece Badinter :

Nosso linguajar cotidiano trai nossas dúvidas, quem sabe até nossa preocupação, ao se referir à masculinidade como a um objetivo e um dever. Ser homem se diz mais no imperativo do que no indicativo. A ordem “seja homem”, tão frequentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente e que a virilidade não é, talvez, tão natural quanto se pretende (...). *Dever, provas, provações*, estas palavras dizem que há uma tarefa real a cumprir para tornar-se homem. A virilidade não é dada de saída. Deve ser construída, digamos “fabricada”. O homem é, portanto, uma espécie de *artefato* e, como tal, corre sempre o risco de apresentar defeito (Badinter, 1993, p. 3-4).

Bourdieu (2002) confirma o exposto, demonstrando que o privilégio masculino se configura como uma grande cilada, pois traz a contrapartida de uma permanente tensão que beira o absurdo e que é motivada pela necessidade de afirmação da virilidade a todos os momentos. A virilidade que é então, sobretudo, uma carga. Na ocasião em que falhe ao se provar como homem, ele se aproxima do feminino, que, como pontuado, não tem espaço na esfera pública e não pode atestar por sua honra. Portanto, é acompanhada de grande dose de medo e angústia que se dá a exaltação dos valores masculinos.

Nunca me deitei com mulher alguma sem pagar, e as poucas que não eram do ofício convenci pela razão ou pela força que recebessem o dinheiro nem que fosse para jogar no lixo. Lá pelos meus vinte anos comecei a fazer um registro com o nome, a idade, o lugar e um breve recordatório das circunstâncias e do estilo. Até os cinquenta anos eram quinhentas e catorze mulheres com as quais eu havia estado pelo menos uma vez. Interrompi a lista quando o corpo já não dava mais para tantas e podia continuar as contas sem precisar de papel (García Márquez, 2008, p. 16).

No excerto, salienta-se a declaração do registro das mulheres com quem se relacionou. É notável como ele se interessa por realizar tal empreendimento, e mais ainda como ele persiste na tarefa, a ponto de aos cinquenta anos ter documentado informações relativas a quinhentos e catorze mulheres com quem esteve. O número hiperbólico a que chega demonstra que proceder com tal registro reivindicou certo tempo e dedicação, o que significa que há uma importância para ele nesse arquivo. Não há sugestões de que esse texto tenha sido compartilhado com outras pessoas, o que leva a supor que é para ele próprio que importa ser lembrado de sua potência fálica e do frequente e diversificado exercício de sua sexualidade.

Corbin (2013) analisa alguns textos, publicados ou trocados por meio de correspondências com outros homens, que se dedicam a manifestar as atividades sexuais performadas. Na maioria das vezes, traziam com riqueza de detalhes informações sobre as mulheres e as práticas efetuadas. O autor reconhece nesses relatos a necessidade de comunicar aos pares a posse de mulheres – manter relações com uma mulher era visto como um equivalente a possuí-la –, seu empenho e vigor, suas aventuras. O sentimentalismo é desprezado, visto que o foco recai nas conjunções carnavais. Afirma o autor: “A necessidade de foder é considerada, na intimidade masculina, um elemento constitutivo essencial da virilidade. Ela justifica comportamentos audazes e lascivos” (Corbin, 2013, p. 154). No caso do personagem, o registro de atividades, contendo algumas especificações de conteúdo, se insere nessa dinâmica que incentiva aos homens uma manifestação de energia sexual como comprovante quase indiscutível de seu estatuto de macho viril.

Tendo isso em vista, pode-se concluir que a diminuição de suas práticas sexuais, motivada pelo envelhecimento do corpo, é algo que o atinge como um golpe e leva a questionamentos sobre seu valor, sua identidade, sua serventia no mundo. A decisão de abandonar o registro escrito, já que não haveria o risco de perder as contas, revela simbolicamente a morte da construção de um dado sujeito: o que estava presente naquelas narrativas se encerra, não são feitos acréscimos ao texto, o que há é a necessidade de conformação de que não se pode mais ser o homem que um dia foi.

Algumas vezes pensei que aquelas contas de camas seriam uma boa base para uma lista das misérias da minha vida extraviada, e o título me caiu do céu: *Memória de minhas putas tristes*. Minha vida pública, em compensação, carecia de interesse (...) (García Márquez, 2008, p. 17-18).

Nesse ponto, é novamente nítido como a experiência com as mulheres, especificamente, com as prostitutas, é elemento constitutivo da subjetividade do personagem. Declara ele que é a partir das contas de cama que se faria a base para o relato das misérias de sua vida extraviada. O adjetivo “extraviada” remonta a um deslocamento – extraviado significa que algo que deveria estar aqui foi posicionado em outro lugar, foi perdido, desviado do caminho correto. No caso do sujeito do romance, pode-se sugerir um deslocamento social, efetuado pela predileção do relacionamento com putas em detrimento de um casamento. Retratar sua vida como extraviada equivale a reconhecer que de alguma forma ela está fora de seu caminho ideal: fora de seu lugar. Assim, ele reconhece que o encontro frequente com as prostitutas é algo que o distancia de uma concepção de cidadão de bem, e mesmo o aproxima à concepção de um libertino, um infame. No entanto, tal constatação não provoca efeito sobre seus hábitos, e ele prossegue buscando nessas relação o apaziguamento de seus desejos – os amores fortuitos, como descrito por ele.

O tempo não passa em você, suspirou com tristeza. Eu quis agradá-la: Em você, passa, mas para melhor. De verdade, disse ela, até ressuscitou um pouco em você a cara de cavalo morto. Vai ver é porque mudei de pasto, respondi com picardia. Ela se animou. Pelo que lembro, você tinha um mastro de caravela. Como é que ele tem se portado? Escapei pela tangente: A única coisa diferente desde que nos vimos pela última vez é que às vezes meu rabo arde (García Márquez, 2008, p. 28-29).

Novo diálogo com Rosa Cabarcas e novamente a masculinidade posta à prova: é preciso confirmá-la, identidade que não se sustenta por si só. A metáfora do mastro de caravela é usada explicitamente com sentido fático, interrogação da manutenção de suas capacidades.

Ocorrência digna de atenção é também a passagem que ele, em um dos encontros com Delgadina para velar seu sono, dirige-se ao banheiro no meio da noite e se concentra em sua atividade urinária, vaidoso por ter ela se mantido como era nos tempos que ainda não importava a idade: “Urinei na privada sentado e como me ensinou, desde menino, Florina de Dios, para que não molhasse a beira do vaso, e ainda, modéstia à parte, com um jorro imediato e contínuo de potro bravio (García Márquez, 2008, p. 33)”.

O uso da expressão “modéstia à parte” permite verificar que há um sentimento de orgulho promovido pela ausência de complicações urinárias, ponto que por si só poderia identificar uma apreciação pela falta de complicações de saúde em já tão avançada idade. A alusão ao potro bravio, entretanto, sugere que o proclamado orgulho possui origem distinta. A comparação a partir da representação metafórica do cavalo tinha sido feita também no trecho transcrito anteriormente, em que Rosa Cabarcas, dona do bordel, aponta que a idade fez bem a ele, trazendo de volta a cara de cavalo morto, ao que ele jocosamente atribui a uma mudança de pasto. Chevalier e Gheerbrant (2015) apontam que a figura do cavalo é fonte de vários simbolismos, e um deles remete exatamente ao ímpeto do desejo, em que ultrapassada a fronteira da puberdade, o cavalo aparece como “o símbolo da *impetuosidade do desejo*, da Juventude do homem, com tudo que ela contém de ardor, de fecundidade, de generosidade” (Chevalier e Gheerbrant, p. 209, grifos do autor). Simboliza ainda a força e a potência criativa, o que adquire valorização tanto sexual como espiritual. Além disso, os autores demarcam que palavras como cavalo, potro, égua e potranca chegam a possuir uma conotação erótica, como ocorre com a ambiguidade encontrada nos verbos cavalgar ou montar.

O personagem aprende a urinar sentado, o que é um comportamento habitual das mulheres, e não dos homens; quem o ensina assim é sua mãe, Florina de Dios. Presume-se o desenvolvimento de uma relação mais próxima com essa mãe, suposição que

encontra mais indícios ao longo da narrativa, como em seus seus dias de angústia, em que ele se lembra fortemente dela e sente sua presença pela casa. Tal proximidade não é evocada quando ele se refere ao relacionamento com o pai. A mãe parece ter exercido grande influência em sua vida antes de seu falecimento, e parece mesmo continuar exercendo, ao que suas palavras ainda ecoam para ele em seus devaneios.

Esses dados são realçados para se refletir a questão do feminino na constituição da virilidade, em que, como exposto, o homem se constrói em sua posição simbólica em detrimento de um lugar marginalizado conferido à mulher. Nessa dinâmica, e retomando Bourdieu (2002), o feminino constitui uma ameaça, visto que a virilidade parte de uma condição relacional e que se desenvolve, antes de tudo, interiormente. O contato próximo com o feminino pode então contaminar a realização desse ideal, ao que se responde impondo uma distância, um corte. A noção de corte é significativa, e pode remeter aos conceitos freudianos de dissolução do complexo de Édipo, em que é o corte simbólico, que costuma ser realizado pelo genitor a quem são direcionados os sentimentos de identificação, que encerra o movimento do Édipo e inscreve o sujeito desejante na ordem da lei (Freud, 2008/1924). Nesse contexto, convém notar o vocábulo selecionado para descrever tal ruptura, “corte”, que simbolicamente permite relacionar a violência simbólica da ordem instaurada (um pouco adiante no texto a noção de corte e violência ligada à configuração do masculino será retomada na metáfora das armas).

Diante da intimidação fruto da possibilidade de impotência, coloca-se uma indagação: as transformações do corpo são responsáveis por alterar a potência e o desejo, ou somente a potência? O desejo é afetado pelo estado do corpo? O avançar da idade acarretaria o fim do desejo? O recorte seguinte sugere que não: “Encontrei Damiana esfregando o chão, de quatro na sala, e a juventude de suas coxas naquela idade me suscitou um tremor de outra época” (García Márquez, 2008, p. 46).

Destaca-se no trecho a locução “um tremor de outra época”. O tremor relatado pelo sujeito se funda exatamente na permanência do desejo, e embora seja dito que ele pertence a outro momento que não o atual, ainda faz-se sentir, impõe sua presença, superando o medo que o acompanha e que representa o receio da impossibilidade de exercer a sexualidade vista como normal – nota-se aqui de forma clara a norma que regula a prática sexual, mesmo na velhice, fundada na centralidade fállica, indispensabilidade da ereção e da penetração, em que outras possibilidades de vivenciar a sexualidade são ignoradas e negligenciadas.

Resgata-se então as considerações feitas por Foucault (2014b), lembrando que o discurso funciona mediante determinadas regras que regulam o que pode ser dito e quem poderia dizê-lo. Disso, a interrogação: a quem é aceitável o discurso sobre a própria sexualidade? É aceitável ao velho? Como já demarca Sohn (2011), a fala desses sujeitos em dada conjuntura fica por muito tempo relegada ao tabu e ao segredo, ao que não pode ser dito, em oposição à sexualidade do jovem, essa sim admissível. Ademais, uma vez que nem tudo pode ser dito, cabe mencionar a falha, o fracasso, o desempenho aquém do esperado? O discurso do sujeito é justamente nesse sentido, de relatar não sua potência e satisfação, mas o modo como se vê frustrado e até desesperançado. Aquele que não obedece a ordem do discurso sofre sempre alguma sanção, que aparece aqui como o sentimento de inadequação, posicionando o sujeito infrator da norma no lugar constituído pela anormalidade.

A advertência quanto à impossibilidade de atestar pela potência fállica e a convocação para se provar como homem podem ser notados também nos dois trechos abaixo: o primeiro refere-se aos presentes recebidos das secretárias do jornal na ocasião de seu aniversário, e o segundo à interpelação de Rosa Cabarcas em relação aos encontros do personagem com Delgadina, em que, como dito, a prática sexual era ausente:

As secretárias me deram três cuecas de seda com marcas de beijos estampados e um cartãozinho em que se ofereciam para apagá-los. Na hora, pensei que um dos encantos da velhice são as provocações que as amigas jovens se permitem, achando que a gente está fora do jogo (García Márquez, 2008, p. 51).

A única coisa grave, disse Rosa, é que ela acha de verdade que você já não serve mais, e eu não gostaria que a menina andasse por aí espalhando isso aos quatro ventos (...). Deixa como está, respondi, não aconteceu nada, e além do mais me serviu de prova de que não estou dando mais para essas coisas. Nesse sentido a menina tem razão: não sirvo mais (García Márquez, 2008, p. 51-52).

Destacam-se as expressões “fora do jogo” e “não sirvo mais”. A falha em executar a sexualidade de maneira devida, obediente à norma e à primazia fálica, proclamam mais uma vez a inadequação do sujeito. Somado a isso, há a sugestão da inutilidade – não servir, não ter mais serventia, uso – que será retomado adiante como problemática que surge quando ele intenciona abandonar o trabalho como cronista. Sem trabalho e sem sexualidade, para que serve ainda esse sujeito? Indagação que contribui na reflexão do lugar do velho, que é de fato um não-lugar; sujeito que não se insere adequadamente em nenhum dos espaços que ocupa.

Seguindo a narrativa, mostra-se novamente o lugar ocupado pelo desejo: “Desliguei o telefone, saturado por um sentimento de libertação que não tinha conhecido na vida, e finalmente a salvo de uma servidão que me mantinha subjugado desde os meus treze anos” (García Márquez, 2008, p. 52). Pertinente reconhecer que ele, ilusoriamente, acredita estar a salvo do desejo (mais tarde compreende que embora ele se modifique, continua acompanhando-o no decorrer de seus dias).

Quanto a concepção de desejo representada no trecho, Vigarello (2016) expõe que anteriormente ao século XVIII e congruente com o pensamento da separação radical entre corpo e alma, há uma retratação da dor e da sexualidade como uma exterioridade, algo que não é integrante do sujeito, mas que vem do exterior com violência e que é preciso aplacar. Tal visão pode ser apontada no trecho, especialmente pelo uso da expressão “servidão do desejo”, que remete o desejo sexual a uma espécie de escravidão, regime a que o sujeito envolvido pelo desejo está submetido mesmo que alheio à sua vontade. No contexto da narrativa, é possível indagar a angústia do personagem frente a este ímpeto da sexualidade, que o atinge de modo incisivo, sem qualquer consideração quanto à sua capacidade física de exercê-la da maneira compreendida por ele como adequada. Nesse sentido, essa força o atinge como uma violência, lembrete constante de sua limitação, e é por isso que o abandono do desejo é sentido como alívio.

Em outro momento, ao relatar o encontro com Ximena Ortiz, moça com quem quase se casa, novamente o desejo é descrito como essa exterioridade arrebatadora, incapaz de ser contida pelo corpo, quando ele afirma:

Sabia que nunca chegaria a ser amor, mas a atração satânica que exercia sobre mim era tão ardorosa que tentava me aliviar com tudo que era dama da vida de olhos verdes que encontrava no meu caminho. Nunca consegui sufocar o fogo de sua lembrança na cama de Pradomar, e assim entreguei-lhe minhas armas, com pedido formal de mão, troca de anéis e anúncio de bodas de Pentecostes (García Márquez, 2008, p. 41).

É apresentada a metáfora de uma atração satânica, ou seja, atração tão poderosa que é reflexo dos poderes do diabo e não pode ser combatida por um reles mortal como ele: diante do desejo que ela provoca, ele não possui mais armas. Assim, entrega a ela

suas armas em troca de sua mão em casamento. Também a imagem do “fogo de sua lembrança” remete ao ardor e vigor do sentimento que experienciava.

Novos diálogos mantidos com Rosa Cabarcas acerca da natureza de seu relacionamento com Delgadina devem ser mencionados: “Não conseguia entender que eu tivesse tornado a passar a noite com a menina sem tocá-la. Você tem todo o direito de não gostar dela, mas pelo menos porte-se como um adulto” (García Márquez, 2008, p. 69).

Afinal, o problema na sua idade é servir ou não servir, mas você já me disse que esse assunto está resolvido. Atropelei: O sexo é o consolo que a gente tem quando o amor não alcança. Ela soltou o riso: Ai, meu sábio, sempre soube que você é muito macho, que sempre foi, e me alegra que continue sendo enquanto seus inimigos entregam as armas (García Márquez, 2008, p. 79).

Depreende-se uma recorrência da interpelação quanto à sua potência fálica. A virilidade, afinal, não é realidade definitiva e deve ser por isso constantemente comprovada. As expressões “pelo menos porte-se como um adulto”, “o problema na sua idade é servir ou não servir” e “sempre soube que você é muito macho” esclarecem como para o personagem, mesmo que a impotência não seja uma realidade concreta vivida por ele, é sempre um fantasma que o aflige, pois existe como possibilidade e anuncia os efeitos desastrosos de perda da identidade e valor de si.

Volta-se o olhar sobre a metáfora trabalhada no trecho “enquanto seus inimigos entregam as armas”. Guillet (2013) demarca que o uso de armas, habitualmente associado ao universo masculino, ilustra a cultura partilhada da honra viril. As armas remetem também ao duelo, ao combate, à demonstração pública de coragem que atesta pela virilidade. É parte das sociabilidades masculinas: o duelo é marcadamente um assunto de

homens, permitindo entrever novamente uma economia simbólica que se percebe na delimitação dos espaços, visto que esse é também um espaço de uso público a que não pertencem as mulheres. O resultado do combate não é de grande importância; basta que a virilidade seja posta à prova, de modo que a morte em batalha assegure a dignidade do combatente. Há uma virilidade partilhada que se constrói no exercício do duelo.

A ideia das armas deflagra ainda um simbolismo fálico, uma vez que o falo é também uma arma, na medida em que é símbolo de força e poder. Badinter (1993) chega a apontar o falo, ou o pênis, como metonímia do homem, símbolo que reúne em si as representações do que se espera do masculino. As armas que o inimigo entrega, mas ele não, podem ser então o interesse sexual, a permanência do desejo, a busca por exercer sua sexualidade independente da idade. Essas características têm o trunfo de fazer dele “mais macho que os outros”. Corbin (2013) também discute as metáforas bélicas presentes no discurso erótico, em que ele percebe que seu uso intenciona sinalizar um vigor militar e uma exaltação nacionalista.

Adiante na narrativa, em um encontro com uma amiga do passado, com quem já se relacionou sexualmente, ela alude à sua “pica de burro” (García Márquez, 2008, p. 111). Esse conteúdo é também recorrente, como aparece nos outros trechos “cara de cavalo morto” e “potro bravio”. Como discutido anteriormente, a comparação é feita com animais que são representados por sua estrondosa potência sexual, lembrando-o de que o seu comportamento da época de juventude é o parâmetro com que é medido seu desempenho agora, o que significa que será impossível escapar à frustração.

Aparece, por sua vez, outra marca do legado de sua virilidade na descrição que faz de seus pais, em que descreve o caribenho cru que é marcante da caracterização do pai e o romano imperial da mãe, em contraste com o seu perfil equino. Dessa forma,

mantém-se o tema do cavalo na descrição feita de si de um “perfil equino”; quanto ao pai, a expressão “caribenho cru” sugere uma marca da virilidade oriunda de sua cultura caribenha, em que o termo “cru” funciona para caracterizar serem esses homens brutos, firmes. Já quanto ao “romano imperial”, basta rememorar que as noções de virilidade vêm sendo construídas desde a antiguidade na importância conferida à *virilitas* e *virtu* romanas, de maneira que a apreciação da virilidade é marcante também nessa cultura.

Ao fim, a preocupação com a concretização do ato sexual dá lugar às elucubrações sobre o amor, voltando a uma fala do personagem que dizia não conseguir nunca ter se aproximado da experiência do amor em todos os anos de relações sexuais forjadas mediante pagamento. Quando o exercício da sexualidade tal como se via acostumado não é mais garantido é que ele se vê livre para experimentar novas maneiras de se relacionar afetivamente, em que a descoberta do amor, de estar apaixonado, surge como experiência inédita em sua vida.

Pode ser que a emergência desses sentimentos inéditos – a ternura, a paixão, o amor – seja possibilitada exatamente pela condição peculiar de seus encontros com a menina, em que adormecem juntos, e, parte do tempo, ele vela seu sono. A menina adormecida não apresenta-lhe a obrigação de provar seu valor, sua potência, o que traz um alívio dos medos, angústias e ansiedades que o personagem carrega quanto à confiabilidade de sua performance. É na fragilidade e passividade compartilhada entre eles que germinam as bases para uma relação distinta de todas as outras vividas por ele.

6. DO PODER COMO MECANISMO DE GERENCIAMENTO DOS CORPOS

Judith Revel (2005) apresenta e discute o conceito foucaultiano de biopolítica. O termo aborda uma transformação ocorrida no fim do século XVIII e início do século XX que compreende uma distinção no regime de poder, na medida em que este se desloca do controle através das práticas disciplinares e passa a se configurar em biopoderes que têm como alvo o conjunto dos vivos, ou seja, a população. Os ditos biopoderes agrupam a gestão de todas as esferas que tangem o indivíduo em sociedade, como a saúde, higiene, sexualidade, alimentação, entre outros, que tornam-se dessa forma objeto de investimento e interesse político, não sendo mais relegado ao âmbito privado.

A autora prossegue demonstrando como tal noção se firma no surgimento do liberalismo, regido pela sua lógica de maximização de efeitos e redução de custos, com o devido cuidado de não gerar uma intervenção excessiva do Estado. O olhar recai sobre a população, vista como massa modelável que deve ser ajustada segundo os interesses de gerenciamento da força de trabalho. Revel (2005) demarca que enquanto a disciplina se volta ao indivíduo, a biopolítica se constrói como uma “grande medicina social” e que tem por objetivo o governo da vida. Contudo, do mesmo modo como a vida é investida por forças, controlada por poderes, ela também possibilita a emergência de um contrapoder; é dizer que a vida, o indivíduo, o corpo, sujeitos à dinâmica do controle demonstrada, são também fonte de resistência.

Tendo em vista tais apontamentos, o que se realiza a seguir é dar luz a alguns trechos selecionados da narrativa para debater os discursos que permitem entrever de que forma essa gestão da vida se faz presente, ou mesmo de que maneiras ela é questionada ou enfrentada. Cabe lembrar que entram em cena também as representações sociais acerca

da velhice como parte das condições de produção que permitem a emergência dos discursos descritos.

Nesse contexto é que se permite reconhecer a construção de um corpo social na velhice, regulado pelas relações de trabalho e de gestão da vida, bem como pelo posicionamento ocupado diante de seus pares. Em alguns momentos, a expressão do lugar social irá retomar alguns dos apontamentos realizados na discussão sobre o corpo biológico (ver Do exame biológico dos corpos), visto que, como demonstrado, as mudanças orgânicas por vezes têm implicações no status conferido ao sujeito. A seguir, retoma-se o trecho já discutido em que o personagem relata reminiscências de suas fantasias sobre a morte, e que acreditava que ao morrer, os piolhos em desespero fugiam pelos travesseiros, causando vergonha a toda a família. Ante a essa possibilidade, ele aponta que assustava-se mais pela antecipação do pudor social do que da morte.

Nota-se que atrelado a crença da fuga dos piolhos na ocasião da morte, há uma formação discursiva que apresenta a velhice e, por conseguinte, o corpo envelhecido, como uma indignidade. As expressões “para vergonha da família” e “pudor social” reforçam esse sentido conferido. Em outro momento da narrativa, ao relatar o abandono de Ximena Ortiz no altar, é usado o termo “afronta social” (p.44). Adiante neste capítulo, surge também o termo “morte civil”. Trata-se assim de uma recorrência, um sentido que se reafirma e denuncia as inconformidades do sujeito frente ao que é exigido para uma inserção social adequada.

O trecho permite destacar também o imaginário frente ao corpo envelhecido. Motta (2002) aponta que o corpo dos velhos é ‘diferente’, é comparado ao dos jovens e é colocado em desvantagem ao contrastar com esse modelo de corpo jovem e bonito, embora também visto como manipulável para aproximar-se desse ideal. A desvalorização

do velho passa, assim, por muitas dimensões, como da beleza, jovialidade, capacidade física e mental, produtividade, dentre outros. Quanto à produtividade, destaca-se a concepção de um corpo que só tem seu valor reconhecido enquanto é capaz de se inserir na esfera de produção, e que imediatamente ao deixar de fazê-lo deve ocupar um lugar inferior; é a disponibilidade do corpo para o trabalho um dos grandes requisitos para valorização do sujeito no contexto da sociedade de biopoder em que o homem se insere.

Silva (2008) aponta que historicamente, com a instituição das aposentadorias, a velhice dos trabalhadores é assemelhada à invalidez, à incapacidade de realizar trabalho, contribuindo para o imaginário social que muitas vezes percebe o corpo envelhecido como destituído de sentido para além do campo físico. Em um contexto em que a identidade do indivíduo é delimitada pela sua capacidade e posição no trabalho, cria-se então uma imagem de velhice que é fortemente associada à incapacidade. Nesse sentido Motta (2002) denuncia ainda que o imaginário social concebe o envelhecimento como um desgaste, tal como um objeto que perde seu viço com o passar do tempo, novamente marcado pelas perdas, sejam elas físicas ou de papéis sociais. Desse modo, as transformações ocorridas pelo envelhecimento, como enrugamento, perda da força e flexibilidade, descolorimento dos cabelos, bem como problemas de saúde comuns nessa etapa, vêm corroborar esse entendimento da velhice como desgaste.

Foucault (2014c) em sua apresentação da passagem de uma sociedade punitiva para um modelo de vigilância confere papel central ao corpo como instrumento de controle dos indivíduos. O corpo, descoberto na Época Clássica como alvo de poder, passa a ser investido por saberes e práticas médicas e filosóficas, tornando-se um corpo ao mesmo tempo analisável e manipulável, dócil: corpo disponível para ser aperfeiçoado e transformado, e que é tanto mais útil na medida em que é mais obediente. É preciso disciplinar o corpo, garantir a ampliação de seu potencial produtivo e sua submissão,

processo que Foucault (2014c) reconhece nas escolas, hospitais e quartéis, e que desde muito cedo na vida do indivíduo garante que ele possa se adequar à rotina de trabalho e produção que será exigida dele na vida adulta. Desse modo, há um forte controle social exercido sobre o corpo, com o objetivo de assegurar a produção e manter a dominação, processo posto em prática a todo momento por meio das medidas disciplinares.

Em vista disso, é possível pensar a eficácia desse sistema de controle durante todo o tempo destinado ao ambiente escolar e ao trabalho. Mas o que ocorre ao fim desse período? A aposentadoria marca o fim da necessidade de adequação aos mencionados espaços e seus procedimentos próprios, o que facilita um enfraquecimento dos poderes exercidos sobre o corpo. Já não é primordial que o corpo do velho seja moldado ao trabalho, visto que sua contribuição ao processo produtivo se encerra. Qual o lugar social desse corpo não produtivo? Quais os poderes que passam a ser exercidos sobre ele?

São colocadas em cena duas questões que podem ser pensadas como consequências de tal dinâmica. A primeira é que o corpo envelhecido passa a ficar sob a tutela constante da medicina (ver *Do exame biológico dos corpos*). Veras (2009) apresenta a situação no contexto brasileiro e demonstra como o aumento da população de idosos traz novas demandas e necessidade de novos arranjos nos serviços oferecidos, principalmente quanto aos serviços de saúde, que buscam uma ênfase em prevenção e promoção de saúde. O autor argumenta que os gastos de saúde diferem muito daqueles referentes aos cuidados com uma população jovem, que se caracteriza mais por condições agudas, enquanto uma população envelhecida é mais comumente acometida por doenças crônicas, que exigem tratamento contínuo e por vezes são causadoras de comorbidades (outras enfermidades que se instalam em decorrência da condição crônica).

As políticas de prevenção, como declara Veras (2009), se voltam principalmente a grupos de riscos e têm por objetivo impedir a instalação das patologias, apresentando sua eficácia mesmo na fase tardia da vida. As políticas de promoção de saúde, por sua vez, são caracterizadas por Sícoli e Nascimento (2003) como ações que extrapolam o enfoque de risco, campo da prevenção, e se voltam a uma concepção de saúde como produção social, tendo em vista a qualidade de vida e não somente ausência de doenças. As práticas referentes a esses modelos incluem atividade física, participação em atividades sociais, alimentação equilibrada, restrição no uso de álcool e tabaco, realização periódica de exames, entre outros. Os efeitos buscados são sociais e refletem principalmente a necessidade de gerenciar os gastos, posto que é oneroso para o Estado o tratamento contínuo requerido pela presença de doenças crônicas. Uma vez afastados do círculo do trabalho e finalizado o investimento em seu potencial produtivo, é preciso cuidar para que os sujeitos não sejam por demais dispendiosos; o poder sobre os corpos continua a ser exercido, mas sob domínio de outras instâncias e com outros objetivos. O corpo, como já anunciava Foucault (2014c), deve se submeter a um regime de disciplinas: enquanto em período produtivo, para gerenciar seu potencial de trabalho; ao fim desse período, para minimizar gastos estatais.

Arelada principalmente ao modelo de promoção de saúde, surge a segunda questão anunciada: a noção de autonomia. Ela se anuncia já no texto de Veras (2009, p.449) quando o autor afirma: “Assim, qualquer política destinada aos idosos deve levar em conta a capacidade funcional, a necessidade de autonomia, de participação, de cuidado, de auto-satisfação”, e está presente em diversos escritos de profissionais da saúde, de modo que a ideia da necessidade de preservação da autonomia dos idosos é bastante referida nesse campo do saber. Se há a necessidade de preservar a autonomia dos sujeitos, cabe indagar: de que forma e com que propósito ela foi usurpada?

Para debater tal questionamento, lança-se uma luz sobre o conceito de autonomia, lembrando que esta também é uma noção importante para os teóricos do desenvolvimento infantil, na medida em que postulam que estimular a autonomia da criança permite aquisição de aptidões e avanço na aprendizagem. A partir dessa aproximação, apreende-se que se é dito ser vantajoso para os sujeitos citados – crianças e idosos – estimular sua autonomia, significa que eles não a têm por completo. Uma parcela de seu poder de decisão e atitude permanece subjugado, e em ambos os casos, pela mesma instância reguladora: a família. As mudanças orgânicas, psíquicas e sociais transcorridas pela velhice se fundam como justificativa para que a família possa se apoderar e intervir sobre o modo de vida do indivíduo.

Cabe retomar aqui os apontamentos feitos sobre a biopolítica ao início desse segmento. Se a biopolítica, através dos biopoderes, se apropria da gestão da vida em todas as esferas, de que parcela de autonomia o sujeito de fato dispõe? Uma coisa é clara: não é, em etapa nenhuma da vida, a totalidade. É preciso por um lado demarcar que os poderes que se ocupam em gerir e controlar a vida dos idosos, como vai sendo demonstrado no trabalho, estão também em vigor no que concerne ao restante dos indivíduos, de maneira que todos os integrantes da sociedade vivem sob esse regime de governabilidade. Por outro lado, há que apontar que configuram-se certas particularidades no modo como esses poderes investem o corpo do idoso, e que motivados principalmente pelo gradual afastamento desse do imperativo da produtividade vêm a causar seu apagamento e dessubjetivação.

No extremo dessa tutela, surge a institucionalização nos asilos. Nesses espaços, fica evidente o processo de docilização e sujeição do corpo a que está submetido o velho, a partir de práticas que tomam destes sua liberdade moral, amparados em poderes e saberes que os legitimam. Além disso, fica evidente a noção do velho como sujeito

incapaz de gerir a própria vida, e que assim como o tratamento destinado por longo tempo aos doentes mentais, pressupõe a necessidade de confinamento em uma instituição que se propõe a realizar o que eles estão inaptos a fazer: zelar por si mesmos.

Foucault (2006) analisa os espaços do fora e caracteriza as heterotopias, lugares que dialeticamente encarnam instituições sociais devidamente representadas bem como seus contrapositionamentos (para ampliação do conceito consultar seção Do estranhamento frente à própria imagem). Segundo ele, as heterotopias de crise vão sendo substituídas pelas de desvio, locais destinados ao agrupamento de indivíduos que emitem comportamentos que diferem quanto às normas ou à média estabelecidas. Nessa noção estão compreendidos os espaços da prisão e clínica psiquiátrica, mas também das casas de repouso – destinadas à institucionalização de idosos. Essas casas de repouso, como discute Foucault, se configuram simultaneamente como heterotopias de crise e de desvio, posto que, na sociedade contemporânea, a velhice é uma crise e também um desvio, uma vez que a formatação do lazer como regra relega a ociosidade ao campo do desvio.

O controle rigoroso sobre os sujeitos e seus corpos, reforçado pela entrada na velhice, não recai somente sobre os idosos residentes em casas de repouso ou quaisquer instituições voltadas a seu cuidado. Também para os que passam a viver com familiares, e até para os que têm a chance de continuar vivendo em suas casas, há de certa forma um aumento da vigilância, justificado pela crença disseminada socialmente da velhice como experiência de incapacidade e inutilidade.

Assim, os cuidados destinados aos idosos por parte da medicina e da família vêm reafirmar o lugar de incapazes a que eles são relegados; isentos de gerir um trabalho, vão aos poucos sendo tratados como pessoas inaptas a gerir a própria existência, chegando mesmo a ser excluídos da ordem social pois confinados ao espaço do desvio. Diante disso,

cabe delimitar que nesse contexto não é a ordem do trabalho a responsável por ordenar o corpo e a vida, e assim, algo deve tomar o lugar dessa lacuna que se instala, de modo que o controle rigoroso sobre os corpos se mantém, entretanto, os tutores agora são outros.

É possível relacionar a discussão elaborada acerca da autonomia com a questão da emancipação intelectual, proposta por Rancière (2012) no contexto da relação entre aluno e mestre. Rancière propõe um entendimento dessa relação na lógica do saber e da ignorância, apontando o papel do mestre em manter a distância entre si e o aluno pela ratificação das posições ocupadas, prática condenada pelo autor e denominada por ele de embrutecimento. A alternativa oferecida frente ao embrutecimento é a emancipação intelectual, caracterizada por uma comprovação da igualdade das inteligências e abolição da distância radical que antes se instaurava e só podia ser preenchida mediante o trabalho de um “especialista”. A emancipação não se trata de encaminhar o aluno para que ocupe a posição de intelectual, mas valorizar as experiências e significações próprias de todos os sujeitos envolvidos no processo. Tem-se nessa perspectiva que a emancipação permite questionar as posições e a estrutura de dominação e sujeição estabelecidas, trazendo à tona o poder que cada indivíduo tem de traduzir e assimilar o que percebe e constituir sua subjetividade por meio dessas relações.

A pertinência em trazer tais conceituações deve-se à importância de questionar, diante do sujeito em questão no trabalho, em que medida é possível perceber que esse corpo passa por práticas de sujeição ou de emancipação. De que forma as relações em que se insere esse sujeito, em relação a si e aos outros, viabiliza que as posições ocupadas por cada agente sejam reforçadas ou interrogadas? O que cabe apontar, na leitura do trecho acima e dos demais a seguir, é que a rede relacional de que participa o sujeito, povoada e constituída ela própria de formações discursivas, constrói a noção do envelhecimento como algo a ser temido socialmente, receio justificado pela indignidade

de tal posição, perda do gerenciamento de si e do corpo, correndo o risco de uma sujeição mais ampla do que a requerida para participação no mundo do trabalho. Esse corpo é convidado – algumas vezes sutilmente, outras nem tanto – a continuar a se sujeitar, e políticas são colocadas em prática em nome do cuidado para garantir que essa dominação e controle sigam como o previsto: corpos que se mantêm dóceis. Embora a dominação dos corpos se dê sobre todos os sujeitos, é consideravelmente mais pronunciada no que tange ao indivíduo idoso: nele, de acordo com as condições em que se encontra, pode ser visto como um não-corpo, aproximando-se mais do status de objeto do que o de sujeito.

A única coisa que permaneceu igual foram minhas crônicas no jornal. As novas gerações arremeteram contra elas, como contra uma múmia do passado que devia ser demolida, mas eu as mantive no mesmo tom, sem concessões, contra os ares de renovação (García Márquez, 2008, p. 44-45).

A atenção volta-se para as imagens trazidas no excerto e os sentidos por elas suscitados: de um lado, uma múmia do passado, algo que permanece mas que deveria ser demolido, e de outro, as novas gerações, contribuindo com a propagação dos ares de renovação. O juízo de valor estabelecido é evidente, concebe o velho como antiquado, inadequado, incompetente, incongruente em relação a um processo evolutivo, que por sua vez vê a nova geração por seu potencial de inovar, aperfeiçoar-se, adequar-se melhor às demandas atuais e responder com maior agilidade e competência. Há um ideal de produtividade em pauta, ideal que cresce continuamente em suas exigências e demanda constante atualização do sujeito, de tal maneira que não é suficiente a sujeição definitiva aos requisitos do trabalho, é necessário ir provando a cada dia sujeições distintas. Há que atualizar-se; não é permitido apegar-se ao passado como uma múmia.

Para compreender essa dinâmica, evidencia-se Foucault (2014c) na sua elaboração sobre o sistema panóptico. O autor procede com uma descrição arquitetural que viabiliza maximizar o controle e o poder, a partir de um espaço organizado em forma de anel e posicionamento de uma torre central, estrutura que permite ao guardião, posto na torre, olhar a todos ao mesmo tempo que se mantém invisível. Trata-se de um arranjo que rompe com a dialética olhar-ser visto; o encarcerado (quer seja ele o louco, o aluno, o preso, o operário) pode ser vigiado a todo tempo, mas não consegue direcionar sua visão para o guarda e confirmar sua presença, o que transforma ser visto em ameaça constante que desencoraja qualquer comportamento digno de repreensão. Regime de visibilidade que garante o funcionamento automático do poder: vigilância que mesmo descontínua assegura a permanência de seu efeito.

Partindo de Foucault (2014c) em sua representação do panóptico como sistema organizado para maximizar o controle baseado na manipulação do espaço, aponta-se a proposta de Safatle (2016). O que ele apresenta é uma ampliação da dominação sobre o sujeito não a partir de um controle externo, mas interno, partindo de um novo arranjo de subjetividade moldado pelas exigências do contemporâneo. Safatle (2016) argumenta que a corporeidade dos sujeitos não pode ficar indiferente às modificações do corpo social, de modo que há uma anatomia política capaz de abarcar o sujeito em sua rede de poderes. Passando a palavra ao próprio autor: “Uma anatomia política que faz com que não exista poder sem uma forma de regulação dos corpos e de seus regimes de desejo. Não há poder que não crie uma ‘vida psíquica’ através das marcas que deixa nos corpos” (Safatle, 2016, p. 194).

O que Safatle (2016) apresenta é exatamente um modo de regulação do indivíduo que, tal como o sistema econômico, segue o modelo neoliberal, produzindo uma corporeidade específica: uma corporeidade neoliberal. O regime do psiquismo freudiano,

pautado nas movimentações do recalque e do desejo, altera-se em vista do ideal que se instaura a partir do social. O dispositivo disciplinar que entra em vigor passa pela constituição de um “ideal empresarial de si”, como definido pelo autor; o gerenciamento da vida passa a se assemelhar à administração de uma empresa, em que se explora voluntariamente o potencial produtivo como projeto de vida, em que a intensificação do desempenho e performances produz uma forma de gozo. A forma-empresa que é direcionada também ao indivíduo, que deve atender às exigências tornando-se empresário de si mesmo, internalizando todo um trabalho de vigilância e controle que é exercido pela autoavaliação constante. Se no panoptismo o controle é assegurado pela incerteza do olhar do vigia, o novo modelo é decididamente mais eficaz: não há mais incerteza e não há sequer um vigia, mas há um sujeito que volta toda sua vigilância para si e controlando a todo tempo, inserindo-se num modo de governabilidade cada vez mais assujeitado.

Retomando o trecho do romance, é possível identificar indícios desse arranjo de subjetividade nas exigências que o personagem sente no ambiente de trabalho e contudo recusa-se a obedecer. A posição que ele ocupa é declaradamente a de resistência, a de conservar o modo de produção já conhecido e internalizado, afastando-se da contaminação pelos ares da renovação. Tal posicionamento do sujeito permite pensá-lo como parte de um discurso que busca manter sua valorização pelo que é, sujeito envelhecido que resiste às mudanças submetidas, e não, pela lógica neoliberal, por seu potencial, como sujeito que se adapta e se adéqua, e que organiza seu projeto de vida na proposta de maximização de desempenho. O personagem mantém-se firme em seus propósitos e práticas – como múmia do passado que, pelo entendimento das novas gerações, deve ser demolida.

Contudo, o veneno mortal estava numa foto panorâmica dos funcionários, feita no XXV aniversário da fundação do jornal, e na qual estavam assinalados

com uma cruzinha sobre a cabeça os que iam morrendo (...). Havia visto aquela foto dependurada durante anos em diferentes escritórios, mas só então fui sensível à sua mensagem: dos quarenta e oito empregados originais só quatro estávamos vivos, e o mais jovem de nós cumpria uma pena de vinte anos por assassinato múltiplo (García Márquez, 2008, p. 56-57).

Há uma oposição de sentidos instaurada por meio da fotografia descrita. Trata-se da sede de um grande jornal, em que, em algum local de destaque, encontra-se dependurado um retrato dos fundadores e primeiros funcionários, no qual é possível perceber que se trata de um retrato antigo, testemunha de uma grande lacuna de tempo entre o instante da captura da imagem e o momento presente. Tal organização promove sentidos que apontam para uma valorização da tradição, que busca garantir a qualidade e eficácia do trabalho desenvolvido naquele espaço ao demonstrar que o mesmo vem sendo feito há tempos: os erros puderam ser corrigidos, e os acertos, aperfeiçoados. O retrato antigo, nesse contexto, é fiador da grandiosidade do trabalho que se faz ali. O mesmo não ocorre na situação com que se depara o personagem, em que o registro dos primeiros funcionários, do qual ele faz parte, traz uma cruzinha desenhada sobre a cabeça para simbolizar o falecimento, deixando à vista serem o personagem e mais três outros os únicos sobreviventes de um vasto grupo.

As cruzinhas são representativas de algo como uma contagem regressiva, que anuncia que pouco falta para que os últimos quatro possam se juntar ao restante dos membros e seja feito o reconhecimento da primazia do novo – a nova equipe, novas abordagens, novas ideias. Não há valorização em cena nessa descrição. O que há é estabelecimento ou mesmo a comprovação da posição ocupada pelo personagem analisado, que velho e parte da minoria restante de um grupo abatido pela morte, só pode ocupar um entrelugar, presente na distância entre o que já foi – um jovem iniciando sua

carreira junto a uma comunidade jornalística – e o que será – sem tardar, apenas mais uma cruzinha numa fotografia.

A imagem descrita remonta à dialética de pureza e imundície formulada por Bauman (1998), em que o anseio de pureza reflete uma busca pela ordem, pelo posicionamento acertado de cada coisa no lugar que lhe é devido. Conforme a proposta do autor, não há um modo absoluto de classificar as coisas como puras ou sujas, imundas; pensar a pureza requer voltar-se à ordem, à atribuição dos lugares justos e convenientes, enquanto a sujeira revela coisas fora do lugar, de modo que algo não pode ser sujo por si só, pois somente o é a partir do lugar que ocupa. Logo, a compreensão do que compete ao agrupamento do sujo é condicionado pelo olhar que se dirige ao objeto, de modo que cada época e cultura organizam seu próprio modelo de pureza.

Sobre essa noção, é imprescindível retomar os seguintes apontamentos de Bauman (1998): o de que, algumas vezes, é uma categoria de pessoas que corporifica a sujeira, posta em funcionamento como uma ameaça à ordem; e a constatação de que há coisas que não podem ser inseridas em parte alguma no modelo organizado pelo homem, posto que estarão sempre “fora do lugar”, e que por causa disso, não compete movê-las, é preciso eliminá-las. Pensando tais colocações à luz da discussão iniciada, essa eliminação pode ser compreendida de diversas formas. A eliminação pode ser literal, de acordo com o que Bauman (1998) denuncia sobre o encarceramento da pobreza como sanção por sua impossibilidade de participar do universo do consumo como é exigido pelo modelo capitalista – pobreza que pode ser morta ou afastada do convívio quando relegada às prisões. A eliminação também pode ser conferida pela destituição de uma posição ocupada, posição que diz de um valor conferido ao sujeito, de sua capacidade de gerir seu próprio corpo e sua existência, de agir sobre sua realidade. Ora, não é isso exatamente o

que é negado ao sujeito motivado por seu envelhecimento? Eliminar um sujeito não requer exterminá-lo; para isso basta destituir-lhe de poder.

Cabe pontuar uma distinção teórica entre o posicionamento teórico que rege o conceito de Bauman (1998) e a postura adotada nesse trabalho. Em relação ao que permeia a compreensão do que é visto como sujo ou como puro, o autor afirma: “Nenhum de nós pode construir o mundo das significações e sentidos a partir do nada: cada um ingressa num mundo ‘pré-fabricado’, em que que certas coisas são importantes e outras não o são; em que que as conveniências estabelecidas trazem certas coisas para a luz e deixam outras na sombra” (Bauman, 1998, p. 17). Embora exista a concordância que a produção de sentidos não se dá a partir do vazio, visto que esta produção só pode ser contingente, faz-se necessário discutir a perspectiva de um mundo pré-fabricado. A via discursiva, adotada aqui, compreende o mundo e o sujeito fundados pelo discurso, em que não procede pensar um mundo pré-fabricado pois não há realidade pré-discursiva. O discurso é fundante, e assim é a profusão dos discursos em circulação que permitem a emergência das concepções de mundo adotadas em dado contexto (Foucault, 2014b).

No romance, o personagem decide escrever a crônica dominical que entregava ao jornal sobre o advento de seus noventa anos, e, ao chegar no escritório para entrega do texto, descobre uma festa de aniversário surpresa na redação. Interroga-se sobre entregar ou não a crônica ao editor, especialmente porque, ao fim do texto, revela um pedido de demissão, após tantos anos de trabalho no jornal. A resposta do editor após a leitura da crônica diz do seguinte: “Tinha achado a crônica magnífica, e tudo o que dizia da velhice era o melhor que jamais havia lido, e não tinha sentido terminá-la com uma decisão que mais parecia uma morte civil” (García Márquez, 2008, p. 57).

O que tem destaque nesse ponto é o uso da expressão “morte civil”. Que morte é essa a que se refere o editor? O encerramento do vínculo de trabalho reflete algo como uma modalidade de morte? São apontadas outras situações retratadas no romance para indagar sobre o papel que o trabalho desempenha no projeto de existência do personagem foco. A manutenção do emprego de cronista não se deve a motivações financeiras; o personagem elenca suas fontes de renda, as crônicas e aulas, e declara que em cada um desses trabalhos ganhava muito pouco, em suas palavras, uma mixaria. Quando precisava de dinheiro procedia vendendo os objetos que não tinham utilidade para ele, herdados junto com a casa, dos pais falecidos.

Ele possui outros interesses e investimentos, e até mesmo Delgadina já é para ele desde aquele primeiro encontro objeto de interesse e fascínio. O personagem é proprietário de uma vasta biblioteca, farta de clássicos, e há inclusive um episódio em que o prefeito reconhece a grandiosidade do conjunto de obras e se oferece para comprá-las. Os livros, também herança dos pais, os acompanham por toda a vida e são representativos de seus momentos de prazer e ócio. Há também um envolvimento com outras manifestações culturais e artísticas, como se nota abaixo:

Desde que me aposentei tenho pouco a fazer, além de levar meus papéis ao jornal nas tardes de sexta-feira, ou então outras tarefas de pequena monta: concertos no Belas-Artes, exposições de pintura no Centro Artístico, do qual sou sócio fundador, uma ou outra conferência cívica na Sociedade de Melhorias Públicas, ou algum acontecimento grande como a temporada da divina Fábregas no Teatro Apolo (García Márquez, 2008, p. 20).

O personagem é um indivíduo que participa ativamente de sua cultura, comparece a exposições musicais, artísticas e teatrais e dedica-se às mais diversas leituras com alta

frequência. A pouca valoração conferida à sua inserção social por meio da arte e cultura acaba por demonstrar certo desprezo pelo ócio, pela atitude contemplativa, enfim, por uma atitude que não seja orientada para o trabalho ou por alguma forma de produção capitalista.

Desse modo, não se trata de uma vida organizada exclusivamente em torno do trabalho, seja por motivações do desejo, ou financeiras, ou de qualquer natureza. Logo, por que a tentativa de demissão expressa na crônica entregue naquele momento é compreendida como uma “morte civil”? Para quem ele morre ao resignar-se do vínculo empregatício com o jornal?

Episódio muito significativo na velhice e na relação com a utilidade ou inutilidade do corpo e conseqüentemente do sujeito é o caso do gato. Na ocasião do aniversário que partilha com os colegas de redação, ele ganha vários presentes, entre eles um gato angorá, que decide manter consigo apesar de não ter tido convívio anterior com gatos de qualquer espécie e pouco saber sobre o funcionamento desses animais. Descobre mais tarde que se trata de um gato já bem velho, e que em um momento de visita ao veterinário causado pela demonstração de alguns comportamentos suspeitos de doença, é sugerido que o animal seja sacrificado por conta de sua idade, sugestão que o personagem avalia como absolutamente descabida:

Meu único problema era o gato. Estava inapetente e irritadiço e fazia dois dias que não levantava a cabeça em seu canto habitual, e me lançou uma garra de fera ferida quando quis colocá-lo em sua cesta de vime para que Damiana o levasse ao veterinário. Mal conseguiu dominá-lo, e ela acabou levando o bicho se remexendo inteiro dentro de um saco de estopa. Logo depois me telefonou do depósito municipal para dizer que não havia outro remédio a não ser sacrificá-lo, e que

precisavam da minha autorização. Por quê? Porque já está muito velho, disse Damiana. Pensei com raiva que também podiam muito bem me assar vivo num forno de gatos. Senti-me inerte entre dois fogos: não havia aprendido a gostar do gato, mas tampouco tinha coragem para ordenar que o matassem só porque estava velho. Em que parte o manual dizia isso?

O incidente me abalou tanto que escrevi uma crônica para o domingo com um título usurpado de Neruda: Será um gato um tigre mínimo de salão? A crônica deu origem a uma nova campanha que outra vez dividiu os leitores a favor ou contra os gatos. Em cinco dias prevaleceu a tese de que podia ser lícito sacrificar um gato por motivos de saúde público, mas não porque estivesse velho (García Márquez, 2008, p. 87-88).

A identificação do sujeito com o gato é clara e formulada por ele mesmo: se permite-se que o felino tenha sua vida terminada por sua avançada idade, o que há de impedir que o indivíduo mesmo não seja condenado às chamas? Se o gato já cumpriu com toda a sua utilidade, se transformando agora em objeto de descarte, o que resta ao sujeito? O que justificaria sua permanência no mundo? Os questionamentos quanto à sua própria utilidade vêm à tona acionados pela proposta disparatada de que não há serventia no mundo para um gato muito velho.

Embora o personagem demonstre preocupação com o modo como é visto socialmente, o lugar que ocupa, e se mostre ofendido pelas tentativas de diminuí-lo ou menosprezá-lo por sua idade ou seus costumes, como ele classifica, anacrônicos, não se propõe a seguir completamente o modelo de cidadão valorizado em sua comunidade. Essa recusa se dá de forma clara quanto às expectativas de organização familiar. Há também nesse caso a tentativa de um gerenciamento do sujeito.

Assim, como propõe Foucault (2008), o poder não se concentra completamente nos aparelhos ideológicos do Estado, mas se organiza em uma microfísica, diluídos em todas as relações na forma de micro poderes, o que garante maior eficácia do controle e propagação da ordem social. Barthes (2013) também atenta para esse caráter onipresente das relações de poder:

Adivinhamos então que o poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas (Barthes, 2013, p. 11-12).

Dito isso, nota-se na narrativa uma tentativa da mãe do personagem em moldá-lo quanto ao seguimento dos bons costumes. Contrariando o que se espera dele, opta por não se casar ou ter filhos, e durante toda a vida busca nos amores fortuitos das prostitutas o aplacamento de seus desejos libidinosos.

Sua mãe, antes de morrer, expressa grande anseio de que ele se case e tenha filhos:

Minha mãe em seu leito de morte me suplicou que me casasse jovem com mulher branca, que tivéssemos pelo menos três filhos, e entre eles uma menina com seu nome, que tinha sido o de sua mãe e o de sua avó. Estive pendente desta súplica, mas tinha uma ideia tão flexível da juventude que nunca achei que era demasiado tarde (García Márquez, 2008, p. 39-40).

O romance com Ximena Ortiz quase possibilita que ele cumpra o pedido da mãe. O casal segue os modelos de namoro da época e se presta a manufaturar múltiplos pares de meia de crochê para os filhos que planejam enquanto se preparam para o casamento.

Meu noivado foi cumprido com todos os rituais da moral cristã no terraço de orquídeas amazônicas e samambaias penduradas da casa de minha noiva.

Chegava às sete da noite, todo de linho branco, e com um presente qualquer de adornos artesanais ou chocolates suíços, e falávamos meio em código e meio a sério até as dez, sob a custódia da tia Argénida, que adormecia no primeiro pestanejar como as amas guardiãs dos romances da época. (García Márquez, 2008, p. 41-42).

No entanto, ele não abandona a vida libertina em função do casamento que se aproxima, e prefere se enveredar por uma vida dupla:

As tempestuosas despedidas de solteiro que me faziam no Bairro Chinês iam na contramão dos serões opressivos do Club Social. Contraste que me serviu para saber qual dos dois mundos era na realidade o meu, e cheguei a ter a ilusão de que os dois eram porém cada um na sua hora, pois de qualquer dos dois eu via o outro se afastar com os suspiros dilacerados com que se separam os barcos em alto mar (García Márquez, 2008, p. 42-43).

No dia marcado, sentindo o peso do compromisso como uma sentença de morte, decide não comparecer à igreja, e fica fechado em casa ouvindo as batidas da porta à sua procura, até que enfim cessam. Nenhuma outra tentativa de um compromisso amoroso foi realizado posteriormente, ao que ele justifica da seguinte maneira: “A quem me pergunta respondo sempre com a verdade: as putas não me deram tempo para casar” (García Márquez, 2008, p. 45).

A recusa em comprometer-se com uma esposa e filhos – seus futuros herdeiros – pode ser apontado pelos outros membros da sociedade como algo que, tal qual a aposentadoria, atesta por sua inutilidade. A causa disso é a compreensão de que o casamento e a paternidade são eventos imperativos da vida dos indivíduos, conferindo-

lhes importância e valor. Assim sendo, a troca desse ideal pelo afeto que continuamente consagra às prostitutas representa seu modo de resistir a esse poder.

Por fim, reafirma-se o interesse de gestão da vida que se expressa pela tentativa de adequação e controle aplicados ao personagem em diversas situações. A insistência para que ele permaneça no trabalho, mesmo não sendo essa uma necessidade financeira; na realização desse trabalho, a solicitação para que ele mantenha uma postura compromissada com a produtividade, abandonando seus anacronismos que o levam a ser comparado a uma múmia. No âmbito privado, a súplica materna de que ele se dedique a um casamento e filhos, projeto que quase é levado a cabo, mas que é abandonado no último momento.

Chegando então ao fim dos apontamentos propostos em torno dos quatro eixos discursivos, cabe demonstrar que há certos pontos de intersecção entre eles. É recorrente em todos os âmbitos descritos uma certa preocupação do sujeito com o controle sobre o próprio corpo e seu desejo de permanência: a ilusão de que esse corpo irá continuamente se comportar como o previsto, de forma ideal, adequado à concepção que se tem dele. Corpo que está assim, fadado ao fracasso, de modo que durante toda a vida, e não só na velhice, apresenta reações imprevisíveis e indesejáveis, e com isso frustra um sujeito que se julga senhor de si.

Em congruência a essa tentativa de controle sobre um corpo que é, por natureza, desobediente, é possível também apreender que os eixos elaborados anteriormente de certa forma desaguam nesse último, referente ao gerenciamento da vida. A vigilância exercida sobre todos os aspectos da vida do indivíduo, partindo de si mesmo ou de seus pares, é fundada numa tentativa de adequação às normas sociais estabelecidas. Além disso, a medicalização da vida é questão que, embora não retratada diretamente na

narrativa, está comumente associada a tais registros. O desconforto físico e psíquico é com frequência direcionado a resoluções de ordem química, tal como foi mostrado na discussão sobre o medicamento Viagra. Diante disso, resta reconhecer na narrativa de Márquez a elaboração de um sujeito que opta por não se distanciar de sua realidade dilacerante, e que com isso a vivencia com todo o sofrimento que por vezes a acompanha, e resiste à ela da melhor maneira que pode.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão se pauta no sentido de reconhecer, nos quatro eixos apresentados, uma construção discursiva que relega a velhice a um não-lugar: algo como o sujeito ou objeto que está fora de lugar em qualquer espaço que ocupe e se configura como sujeira absoluta, na visão de Bauman, ou como a proposta de Foucault do olhar para o velho como sujeito que encarna concomitantemente a crise e o desvio. É possível refletir então que o modo como a velhice vai sendo constituída, nos discursos e nas relações, encena um tipo especial de anormal, que embora seja suportado nos espaços, carrega sempre a consciência do não-pertencimento.

Velhice que só é valorizada quando é vista como superação às imposições da idade, que só é suportada quando mantém os sinais da juventude, e que nessa pesquisa aparecem representados, respectivamente, em relação à disposição física, à satisfação com a auto-imagem, ao vigor sexual e à capacidade produtiva. O velho, assim como os outros sujeitos, não escapa ao modelo normativo que rege toda a existência; é também controlado, avaliado e gerido mediante os saberes que permitem investi-lo ou usurpá-lo de sua inclusão na comunidade de indivíduos normais.

Tais mecanismos, embora sejam apresentados como pretensão de melhoria da vida na velhice, se comportam como reforçadores do lugar de impotência a que os sujeitos em questão são confinados. Na justificativa de zelar pela qualidade de vida, discursos e práticas que incidem sobre o velho vão lhe destituindo de seu lugar e de suas escolhas, moldando-o com afinco independente de sua aprovação, aproximando-o, finalmente, mais ao estatuto de objetos que ao de sujeito.

Apesar disso, há ressalvas. Deve ficar claro que, pelo ponto de vista adotado na análise realizada, há a todo momento diversas forças arremetidas na direção do indivíduo:

seja por um viés psicanalítico, na proposição de Freud em sua teoria das pulsões e do embate contínuo performado pelo indivíduo em resposta aos afluxos que lhe atingem; seja por um modelo foucaultiano firmado no campo social e político, e que compreende os poderes que perpassam todas as relações e instituições na tentativa de um gerenciamento eficaz da vida dos sujeitos. Há então um sujeito inescapavelmente posto no meio dessas forças, e que em resposta, ora reage, ora se submete. A força liberada na direção do sujeito traz assim, em sua própria constituição, a possibilidade de resistência.

Reconhece-se o exposto em um olhar mais detido no personagem foco dessa análise. Trata-se, sim, de um sujeito de noventa anos, que sente alterações no corpo, na capacidade de desempenho sexual, no reconhecimento da imagem de si, no lugar social relegado a ele. No entanto, não se trata de qualquer sujeito velho, ou principalmente, não corresponde à concepção frequente no imaginário social do que seria um sujeito de noventa anos, que espaços ocupa ou a que atividades se dedica. O personagem mantém um emprego como cronista, não por necessidades financeiras, mas por escolha. Embora algumas vezes se sinta desvalorizado no jornal, ante o sentimento de que os outros o vêem como uma sombra do passado que impede o sucesso completo da implantação do progresso, suas crônicas recebem muitas respostas e aceitação do público. Em dado momento, um radialista se dedica a ler suas crônicas dominicais em seu programa, o que leva a uma ampliação da abrangência de suas palavras. Seus fãs enviam-lhe cartas endereçadas à redação do jornal. Ele tem acesso à cultura, mesmo ao que seria considerado modo de cultura inacessível para a maioria da população, tais como os concertos de música erudita, que não possuem a aderência do grande público ou por dificuldade financeira, ou porque a apreciação dessa expressão artística requer um contato com a educação e um certo treino de sensibilidade a que poucos correspondem. Possui

ainda uma vasta biblioteca, em que pode aproveitar seu ócio dedicado à leitura e releitura dos clássicos.

Assim, há uma formação desse sujeito, principalmente por sua relação com a cultura, que o coloca em posição elevada, ao contrário do que ocorre em função de sua idade. A visão que os outros membros da comunidade têm dele pode então ser contraditória: ele é o velho, mas também o sábio; há uma tentativa de marginalizá-lo e despojá-lo de sua autonomia e discernimento, ao mesmo tempo em que há grande apreço pelo trabalho que ele realiza como cronista, especialmente no que tange à avaliação e aproximação do público. A partir disso, é possível reconhecer o caráter de deslocamento presente na sua ocupação de espaços e papéis sociais: nenhum posicionamento é definitivo, sua subjetivação segue a lógica do devir, do mutável, transitório, efêmero.

Pode ser que a imagem de Heráclito possibilite trazer algum sentido nesse ponto. O personagem a um dado momento questiona se quem sabe não seja a imagem do rio de Heráclito a que mais represente sua relação com a morte, mas a de uma grelha que agora seria virada para que fossem vividos noventa anos mais – sua fantasia se deve ao fato da avançada idade permitir que ele passe a ver a morte como uma ilusão. Assim, o efêmero e o eterno se posicionam lado a lado, dialogam dialeticamente. Essas imagens auxiliam a pensar justamente na dinâmica de continuidade/descontinuidade a que está sujeita sua existência, em que são ambíguos seus sentimentos em relação ao mundo e também, de modo semelhante, o valor que o mundo confere a ele.

8. REFERÊNCIAS

- Ariès, P. (2012) *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ariès, P. (2014) Quinta parte – A morte invertida. In: *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora Unesp.
- Badinter, E. (1993) *XY: Sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Barthes, R. (2013) *Aula*. São Paulo: Cultrix.
- Barthes, R. (2015) *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Bartucci, G. (2001) Sobre a eficácia clínica do processo de leitura. In: *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bauman, Z. (1998) O sonho da pureza. In: *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beauvoir, S. (1970). *A velhice vol 2: as relações com o mundo*. São Paulo: Difusão Européia do livro.
- Bourdieu, P. (2002) *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora BestBolso.
- Borges, J. L. (1989) Kafka e seus precursores. In: *Outras inquisições*. São Paulo: Globo.
- Brigeiro, M. & Maksud, I. (2009) Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discussões sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia. *Estudos Feministas*, 17(1), 71-88.
- Butler, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: Louro, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Candau, J. (2012) *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto.
- Candido, A. (2006) A literatura e a vida social. In: *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul.
- Canguilhem, G. (2010) *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Editora Forense.
- Cavalheiro, J. S. (2008) A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault. *Signum: estudos em linguagem*. 11(2), 67-81.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (2015) *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Cocentino, J. M. B. (2008) *As perdas na velhice à luz de obra de Gabriel García Márquez*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Compagnon, A. (1999) O mundo. In: *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Corbin, A. (2013) A necessária manifestação da energia sexual. In: *História da virilidade vol 2: O triunfo da virilidade – O século XIX*. Petrópolis: Vozes.
- Courtine, J. J. (2013) *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis: Vozes.
- Courtine, J. J. (2011) Introdução. In: Corbin, A., Courtine, J. J. & Vigarello, G. (orgs). *História do corpo: As mutações do olhar. O século XX*. Petrópolis: Vozes.

- Covizzi, L. (1978) Uma ficção insólita num mundo insólito. In: *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática.
- Derrida, J. (2014) *Essa estranha instituição chamada literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Dolto, F. (1992) *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva.
- Dolto, F. & Nasio, J. D. (2008) *A criança do espelho*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fernandes, M. H. (2011) *Corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (2008/1900) *A interpretação dos sonhos, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IV*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2008/1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VII*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. 2008/1924. A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2010/1915) Nossa atitude perante a morte. In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2012/1893-1895) *Estudos sobre a histeria*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2012/1912) A dinâmica da transferência. In: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber), artigos sobre técnica e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2012/1914a) Recordar, repetir e elaborar. In: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber), artigos sobre técnica e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2012/1914b) O Moisés de Michelangelo. In: *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2012/1915) O inconsciente. In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2012/1919) O inquietante. In: *História de uma neurose infantil (O homem dos lobos), Além do princípio do prazer e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2012/1920) Além do princípio do prazer. In: *História de uma neurose infantil (O homem dos lobos), Além do princípio do prazer e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2012/1930) O mal-estar na civilização. In: *O mal-estar na civilização, Conferências introdutórias e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Foucault, M. (2006) Outros espaços. In: *Ditos e escritos vol III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2008) *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra.
- Foucault, M. (2014a) *Isto não é um cachimbo*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Foucault, M. (2014b) *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.

- Foucault, M. (2014c) *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.
- França, J. (2009) O insólito e seu duplo. In: GARCÍA, F. & MOTTA, M. A. (Orgs). *O insólito e seu duplo*. Rio de Janeiro: Ed UERJ.
- Fulgencio, L. (2013) Metodologia de pesquisa em psicanálise na universidade. In: Serralha, C. A. & Scorsolini-Comin, F. (Orgs). *Psicanálise e Universidade: um encontro na pesquisa*. (27-68). Curitiba: CRV.
- Gadamer, H.G. (2008) Primeira parte: a liberação da questão da verdade a partir da experiência da arte. In: *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes. 35-237.
- Gama-Khalil, M. M. (2010) O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários. *Revista Anpoll*. 18(44). 213-236.
- García Márquez, G. (1992) Só vim telefoar. In: *Doze contos peregrinos*. Rio de Janeiro: Record.
- García Márquez, G. (2008) *Memórias de minhas putas tristes*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record.
- Goldfarb, D. C. (1998) *Corpo, tempo e envelhecimento*. Itatiba, SP: Casa do Psicólogo.
- Guillet, F. (2013) O duelo e a defesa da honra viril. In: Courbin, A (Org). *História da virilidade vol 2: O triunfo da virilidade – O século XIX*. Petrópolis: Vozes.
- Hermann, F. (2004). Pesquisa psicanalítica. *Ciência e cultura*. 56(4). 1-8.
- Hermann, F. (2005) Introdução – Clínica extensa. In: *A Psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lacan, J. (1998) O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Leite, D. M. (1967) *Psicologia e literatura*. São Paulo: Editora Nacional.
- Lima, L. C. (2003) A explosão das sombras: mimesis entre os gregos. In: Mimesis e modernidade: formas das sombras. Rio de Janeiro: Graal.
- Lima, L. C. (2011) *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra.
- Merleau-Ponty, M. (2011) *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Moraes, D. (2012) *A relação entre leitor e texto literário – uma abordagem psicanalítica*. São Paulo: Zagodoni Editora.
- Motta, A.B. (2002) Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: Minayo, M.C.S. & Coimbra Jr, C.E.A. *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Manguinhos, RJ: Fiocruz.
- Paulo, D. L. V. e Yassuda M. S. (2009) Queixas de memória de idosos e sua relação com escolaridade, desempenho cognitivo e sintomas de depressão e ansiedade. *Revista Psiquiatria Clínica*. 37(1). 23-6.
- Rancière, J. (1996) *O desentendimento – Política e filosofia*. São Paulo: Editora 34.
- Rancière, J. (2012) *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Revel, J. (2005) *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz.

- Ricoeur, P. (1994) A tríplice mimese. In: *Tempo e narrativa*. Campinas: Papius Editora.
- Safatle, V. (2016) Lebensform. In: *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte/São Paulo/Rio de Janeiro: Autêntica.
- Safra, G. (2013). Investigação em psicanálise fora do consultório. In: Serralha, C. A. & Scorsolini-Comin, F. (Orgs). *Psicanálise e Universidade: um encontro na pesquisa*. (19-26). Curitiba: CRV.
- Santos, N. M. W. (2010) Psiquiatria e história cultural: a literatura como fonte e a loucura como objeto. In: Wadi, Y. M. e Santos, N. M. W. (Orgs). *História e loucura: saberes, práticas e narrativas*. Uberlândia: EDUFU.
- Scorsolini-Comin, F. & Amorim, K. S. (2008) Corporeidade: uma revisão crítica da literatura científica. *Psicologia em Revista*. 14(1), 189-214.
- Sícoli, J. L. & Nascimento, P. R. (2003) Promoção de saúde: concepções, princípios e operacionalização. *Interface Comunicação, Saúde e Educação*. 7(12), 101-122.
- Silva, L. R. F. (2008) Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde*. Rio de Janeiro, 15(1), 155-168.
- Sohn, A. M. (2008) O corpo sexuado. In: Corbin, A., Courtine, J. J. & Vigarello, G. (Orgs). *História do corpo: As mutações do olhar. O século XX*. Petrópolis: Vozes.
- Todorov, T. (2014) *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva.
- Veras, R. (2009) Envelhecimento populacional contemporâneo: Demandas, desafios e inovações. *Revista de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 43(3), 548-554.
- Viana, D. A. (2004) *Figurações da corporeidade: por uma concepção psicanalítica do corpo pelas bordas da pulsão*. Dissertação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Publicação em pdf.
- Vigarello, G. (2013) A virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In: *História da virilidade vol 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes.
- Vigarello, G. (2016) *O sentimento de si: história da percepção do corpo*. Petrópolis: Vozes.
- Villari, R. A. (2000). Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. *Psicologia: ciência e profissão*. 20(2), 2-7.